

MARCOS FAVA NEVES

# CAMINHOS DA CANA





# **CAMINHOS DA CANA**

**MARCOS FAVA NEVES**

**2014**

**EDITORA**



**CANAOESTE**

**EDIÇÃO I  
VOLUME I**

Gerente Editorial:  
Carla Rossini - MTb: 39.788

Projeto Gráfico e Diagramação:  
Rafael Mermejo

Revisão:  
Departamento de Comunicação Canaoeste  
e Lueli Vedovato

Impressão:  
São Francisco Gráfica e Editora

Editora:  
Canaoeste

Copyright © 2014 Marcos Fava Neves  
Todos os direitos desta edição são reservados à Editora  
Canaoeste.  
Rua Dr. Pio Dufles, 532  
Sertãozinho, SP - CEP 14170-680  
Telefone (16) 3946-3300  
Site: www.canaoeste.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Neves, Marcos Fava  
Caminhos da Cana / Marcos Fava Neves. -- Sertãozinho, SP: Canaoeste,  
2014. -- (Caminhos da Cana ; 1)

ISBN 978-85-65255-13-4

1. Agricultura sustentável, 2. Agronegócios, 3. Artigos - coletâneas, 4. Bioenergia, 5. Cana-de-açúcar, 6. Setor sucroenergético I. Título. II. Série.

14-03662

CDD-338.1

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Agronegócios e desenvolvimento sustentável: Economia 338.1

**Apoio Cultural:**



**Apoio Institucional:**



## **Introdução ao Autor e ao Caminhos da Cana – (texto baseado em entrevista ao Jornal do Engenheiro Agrônomo)**

### **Qual sua idade?**

44 anos.

### **É casado, tem filhos?**

Sim, casado há 17 anos, com três filhas de 13, 9 e 3 anos, portanto cercado de mulheres.

### **Onde nasceu?**

Nasci em Lins, interior de São Paulo, em 1968.

### **Como foi e experiência de morar nos EUA em 2013?**

Fiquei na condição de professor visitante internacional da Purdue University, em West Lafayette, Indiana, dando aulas na graduação e pós-graduação e fazendo pesquisas. O projeto é ir anualmente e dar um curso nos próximos 10 a 15 anos, com duas viagens de 10 a 15 dias por ano, e ficar permanentemente nos quadros como professor internacional. É um local histórico para mim, pois meu pai fez pós-doutoramento lá em 1977 e 1978, e lá tive meu primeiro trabalho, aos 10 anos de idade era entregador de jornais do “Journal em Courier”. É um local sempre marcante e emocionante para mim.

### **Como gerencia suas atividades quando está fora do Brasil?**

Tenho um supertime montado com mais de 40 pessoas, gente que ajudei um pouquinho na formação e que dá conta de tocar as pesquisas e projetos, bem como avançar com as dissertações e teses que vêm sendo feitas, os livros e outras publicações. Fora isto, por Skype, é fácil hoje em dia manter as coisas em ordem se você tem time e boa comunicação.

### **Por que optou pela engenharia agrônoma? A inspiração paterna falou mais alto? Há outros engenheiros agrônomos/as na família?**

Sim, desde os 6 anos de idade (1974), quando meu pai mudou-se do Instituto de Economia Agrícola em São Paulo para dar aulas na ESALQ/USP em Piracicaba, eu vivi dentro desta Escola, acompanhava seus trabalhos e viagens a Congressos. Então foi por osmose a paixão pela agricultura e pela

ESALQ. Sim temos na família outros Engenheiros Agrônomos, mas estes resolveram ir para a agricultura e ficaram ricos! Nós resolvemos ensinar e estamos permanentemente na luta, ainda mais com 4 mulheres em casa, a luta é permanente!

**Conte um pouco de sua trajetória profissional, após sair da faculdade.**

Quando terminei o curso de Engenharia Agrônômica na ESALQ (1991), o Brasil vivia um triste cenário. Tanto na esfera Federal quando na Estadual estava tudo uma bagunça, nosso país desorganizado, com inflação galopante, presidente que receberia impeachment, ambiente econômico deteriorado, enfim, não era a pujança que os agrônomos formados nos últimos 15 anos pegaram. Eu gosto de escrever e pesquisar, então tive duas oportunidades: fazer o Mestrado na ESALQ em Economia, ou na FEA em São Paulo, em Administração, e foi a opção que fiz. Queria trabalhar com o Decio Zylbersztajn, que foi o precursor do pensamento científico em cadeias produtivas no Brasil, criador do PENSA/USP e, na minha humilde visão, o maior cientista do agronegócio brasileiro. Tive a chance de trabalhar com ele, aprender muito com ele e seu time, e já são 22 anos de amizade. Ainda durante o Mestrado pude fazer um curso na França, e em seguida o Doutorado na mesma FEA, com o Prof. Marcos Campomar, grande pensador do planejamento estratégico e de marketing no Brasil. Também no Doutorado fiz parte na Holanda, em Wageningen, outro lugar amável. Tive o privilégio de ter na minha formação três clássicas escolas do agro: ESALQ, Purdue e Wageningen, além da FEA/USP, minha casa. Depois segui a carreira acadêmica contratado pela FEA-RP/USP, então começando sua jornada em Ribeirão Preto, desde 1995, fiz Livre-Docência em Planejamento Estratégico e consegui aos 40 anos chegar a Professor Titular na USP, instituição que eu amo e sou muito grato, tentando retribuir tudo o que dela recebi.

**Como se define profissionalmente? Embora tenha perfil acadêmico, você está em contato direto com o mercado por meio do trabalho de consultoria. Fale dos vários trabalhos que desenvolve e como consegue administrar os diferentes papéis: professor, consultor, pesquisador, autor de livros, articulista.**

Na verdade, vou contar um segredo. Tudo o que você pergunta é a mesma coisa. Nos projetos e na consultoria eu ensino, mas principalmente, aprendo. Este conhecimento junto aos livros teóricos, passo aos alunos em aula,

e escrevemos livros a partir destes conhecimentos, para contribuir com a sociedade. Nas aulas, eu promovo debates e escrevo artigos a partir das aulas dadas, então todas as coisas são absolutamente ligadas, ainda mais no ensino de administração. Os professores que têm inserção e interferência no mercado acabam sendo respeitados pelos alunos, pois fazem acontecer o que falam em sala de aula. Hoje os docentes mais produtivos da USP são os que conseguem conciliar e fazer as atividades da Universidade, que são a pesquisa, o ensino e a extensão, conversarem e serem feitas ao mesmo tempo. É o que tento diariamente com muito prazer pois adoro o que faço. Os estudantes não percebem, mas nossa convivência com eles faz com que roubemos suas energias.

Portanto, adoro estar junto deles. Mas isto não pode ser contado, senão irão cobrar!

**Esta interação hoje é possível através da Markestrat. Explique o que é a Markestrat e como surgiu a ideia de criá-la?**

É um Centro de Projetos e Pesquisas em Marketing e Estratégia, mais focado em aplicar no agronegócio. Começamos em 2004. A ideia foi inspirada no PENSA, e foi a de criar em Ribeirão Preto uma organização que pudesse congrega alunos, professores, pesquisadores e consultores, nos moldes de um “think-tank”, que pudesse fazer projetos, consultorias, gerar publicações científicas e empresariais com tentativa de contribuir na melhor gestão e planejamento do agro. Hoje são 14 sócios, sendo 10 doutores e 4 mestres. Boa parte recebeu alguma contribuição minha em algum momento (orientados de mestrado ou doutorado, e que querem ser donos de uma organização e não serem empregados). Somado à nossa equipe de pesquisa, boa parte pós-graduandos e graduandos da FEARP, UNESP, ESALQ e os que são 100% consultores, são hoje mais de 40 pessoas respirando juntas, num ambiente integrado onde todos se beneficiam desta convivência para fazer ensino, pesquisa e extensão. Entre os Doutores sócios temos professores da FEA-RP, FZEA/USP, FGV e INSPER.

**Quais são os seus planos para o futuro à frente do Markestrat? Há novos projetos? Quais?**

Sim, estamos crescendo bastante, pois demos muita sorte: trabalhamos com agronegócio num país onde o agro cresce de maneira até salvadora da nação e temos gente muito boa, que são os jovens, os talentos da USP,

UNESP, entre outras. Portanto não faltam projetos e pessoas boas, temos pesquisas em andamento em quase todas as cadeias, sejam os projetos de políticas públicas e privadas para tornar o etanol mais competitivo, o que visa promover o suco de laranja no mercado interno, o do mapeamento e planejamento da cadeia do algodão, os de análise de conjuntura, os de comportamento do produtor rural, entre outros que estão ligados às empresas privadas e não a setores. Temos projetos com Purdue, o mais interessante é o que se chama “Nove Questões para Nove Bilhões” que tem a ver com o mundo do agro em 2050, o do comportamento do produtor rural global. São oportunidades maravilhosas de aprender, de conhecer gente e interagir com pessoas e com engenheiros agrônomos. Afinal, tem algo mais gostoso que isto?

**Você dá aulas na graduação da USP Ribeirão Preto. Como é visto pelos alunos? Qual seu estilo, professor acessível, bem-humorado, linha dura?**

Esta pergunta é melhor fazer a eles. A agenda é superpuxada, mas procuro sempre responder a mensagens dos alunos em menos de 24 horas, e chego sempre 20 minutos antes das aulas para deixar tudo organizado e estar à disposição para perguntas e orientações. É difícil pois são turmas muito grandes, são cerca de 120 diferentes alunos por semestre, então não consigo guardar os nomes deles como eu gostaria, e dar o atendimento que queria, mas procuro fazer o máximo, conciliando as demandas deles, das pesquisas e da família. Às vezes bem-humorado, às vezes linha dura, enfim, como todos, um ser humano, que acerta e que também erra bastante.

**Sendo Engenheiro Agrônomo, como você define essa nova geração de agrônomos, qual o perfil deles?**

Um show de profissionais. Tem uma mescla de engenharia, com campo, com administração, com economia, com ciência, ou seja, tecnicamente bem-formados, somado com república, com churrasco, com festa, com inclusão, enfim, pessoas boas e agregadoras. Se você pensar como as grades mudaram, quando eu fiz ESALQ só tive uma aula de duas horas para explicar o que era agronegócio. Hoje são 20 disciplinas. Está sendo formada uma turma de craques, tanto que o mercado reconhece. Gente que gera inovações para criar, capturar e compartilhar valor. É para mim a melhor formação de graduação possível para quem quer trabalhar no agronegócio. É um curso que tem a cara praticamente do único Brasil que dá certo, infelizmente, o

Brasil do agronegócio. O Brasil que gera a renda que depois é distribuída. O Engenheiro Agrônomo é o Brasil da produção!.

Se eu tiver que dar uma contribuição aqui, seria a de como criar nas nossas escolas mais exemplos com a Markestrat e como outras excelentes organizações montadas pelos nossos professores, que possam fazer os alunos aprenderem convivendo com outros que já fizeram, e fazendo juntos. Seria um belo complemento ao que temos em sala de aula. Fora isto, temos que estudar mais os mercados emergentes (África e Ásia), que serão os principais compradores dos nossos produtos. Estamos atrás nisto, precisamos investir.

**Você estuda o setor sucroalcooleiro há muitos anos. De onde veio o interesse por esse segmento? Em quais outras áreas é especialista?**

Na verdade eu gosto de, em termos teóricos, estudar e aplicar planejamento e gestão estratégica a empresas e a setores (cadeias). A aplicação se dá no agronegócio brasileiro e hoje muito também nos aspectos mundiais. Tenho um método de planejamento estratégico de cadeias que é usado em diversos países e as ferramentas que foram geradas nestes períodos já estão em livros nossos publicados em 8 países. Temos tentado muito, com muita dificuldade, internacionalizar a produção brasileira, exportando nossas ideias. Hoje você encontra livros nossos no Brasil, Argentina, Uruguai, EUA, Inglaterra, Cingapura, África do Sul, Holanda e China.

**Com os problemas enfrentados nos últimos tempos, o etanol de cana ainda tem futuro no Brasil? E quanto ao etanol celulósico?**

Sou grande entusiasta do etanol de cana há muito tempo. É o setor onde temos o maior erro de política pública do Governo do PT, apontado por nós há tempos em artigos na grande imprensa e resumidos neste livro Caminhos da Cana. Com um pouco mais de visão estratégica do Governo e com as inovações que estão para chegar que podem nos levar a produzir mais de 25 mil litros por hectare, inclusive com o etanol celulósico, o etanol de cana encontrará amplo espaço como combustível no Brasil e aditivo à gasolina no mundo.

**Qual a parte que cabe ao Governo e qual a que cabe aos empresários no que diz respeito ao contínuo avanço dos agronegócios no Brasil?**

Ao Governo do Brasil cabe uma coisa muito simples: ampliar a capacidade de geração de renda das nossas empresas, para que renda possa ser criada e depois distribuída por ele. Não é o caso que estamos vendo. Temos um

Governo inchado e corrupto, que focou muito na distribuição de renda nos últimos anos, e isto é salutar, merecendo prêmio Nobel neste quesito, mas se esqueceu de investir na capacidade de geração de renda. Como isto poderia ter sido feito? Promovendo as reformas trabalhista, tributária, logística, educação, energética, institucional, político-legal, mas nada foi feito. Aqui está minha principal crítica à gestão do PT à frente do Brasil. Tivemos um ambiente tão propício para promover reformas estruturantes que possibilitassem às nossas empresas ficarem mais competitivas e ganharem a competição mundial, mas nada foi feito. O PT preferiu, ao invés de um projeto de gestão, de país, focar num projeto de perpetuidade no poder. Hoje o resultado está aí. Tirando-se o show do agrobrasileiro, quase todo o resto do país vai mal. A balança comercial é a pior dos últimos 15 anos, fruto da perda de competitividade, a inflação vem perigosamente voltando e o Brasil vem perdendo posições em quase todos os setores nos rankings mundiais. Que incrível perda de oportunidade tivemos.

### **E o livro Caminhos da Cana, como é feito?**

“Caminhos da Cana” nasce como um livro de conceito diferente. Em 2009 escrevi “Estratégias para a Cana no Brasil”, quase 300 páginas, publicado pela Editora Atlas, em parceria com o amigo Marco Conejero. Foi um livro para dar embasamento às pessoas sobre os fundamentos da cana e de seus mercados. Explora como funciona a cadeia produtiva, os agentes e suas relações, como realizar sua análise, enfim, é um texto de formação no setor. Foi escrito para gente que vai entrar para trabalhar no setor de cana e precisa de um entendimento inicial ou quem está no setor para aprender como pensamos e analisamos.

Já o “Caminhos da Cana” apresenta textos rápidos de opinião, de negócios, de planejamento e políticos. São opiniões do Marcos compartilhadas com o leitor, que muitas vezes fogem do negócio cana apenas para entrar nos problemas do Brasil. É uma linha do tempo que se inicia em 1997, quando fiz um primeiro texto em apologia ao Pro-Álcool. Desde então os textos são apresentados em sequência, num caminho, chegando até o mais atual. Literalmente escancara o meu pensamento. Foram mantidos na forma como foram publicados, portanto o leitor verá que o Marcos errou muitas vezes, mas também antecipou muita coisa que aconteceu posteriormente, e principalmente, esteve sempre presente na luta pelo setor, não se omitindo com os erros sequenciais que tivemos nestes quase 20 anos.

## **Qual a ideia neste livro?**

Quando pensei neste livro, logo procurei o Manoel Ortolan, para ver se ele abraçava a ideia e se as meninas da Copercana e Canaoeste, que editam todo mês a Revista Canavieiros, onde tenho coluna, poderiam ajudar a formatar meu material em cana, para virar um livro. Como não poderia deixar de ser, a resposta foi um sim imediato. Então, a Carla, Rafael, entre outros, fizeram o trabalho que o leitor vai conhecer a seguir, que me agradou muito. O livro será sempre atualizado com os últimos textos escritos, entrando na seqüência lógica dos Caminhos da Cana.

## **Quais são outras diferenças do Caminhos da Cana?**

Uma diferença básica é que o livro, apesar de ter editora, ISBN e tudo o mais, é gratuito. Está à disposição de todos na web para baixarem e entenderem minha visão da cana. Teremos também muitas edições impressas, que serão feitas sob demanda pelas empresas. A gráfica tem o “boneco” mais recente do livro, e a empresa que quiser uma edição para um evento específico, ou uma Usina para doar a seus funcionários, uma Associação para seus associados, pode entrar em contato conosco para fazermos a ponte com a gráfica que receberá o logo desta empresa (tem um espaço reservado para colocar seus logos nesta edição especial) e fará a impressão sob demanda, apresentando à esta empresa seu custo para a impressão da edição. Quanto maior o número de livros, mais barato fica a unidade. Eu e a editora não recebemos nada, apenas o prazer de ver as ideias sendo disseminadas, afinal, este livro representa uma visão de desenvolvimento econômico, ambiental e social do Brasil, além de um resgate da ética e da boa gestão.

## **E se os leitores quiserem cooperar, como podem fazer?**

Será sempre um prazer receber dos leitores ideias e mensagens no meu e-mail sobre o que querem que eu escreva, sobre relatos, enfim... Eu tenho uma conta no Facebook bem ativa, os convido para participar. É um verdadeiro canal de comunicação com o agro. Publico depoimentos, desabafo, ideias e outros. Posso também colocar o recebido dos leitores na próxima edição do livro.

Por fim, na última página deste livro, o leitor vai conhecer uma ONG que criamos e que já transformou mais de 400 barracos em casas populares de alvenaria, alegrando muitas famílias. Existe uma conta corrente para doações, e adoraria receber e-mails das pessoas que doaram, me contando da doação.

Finalmente, a foto da capa é bem ilustrativa do que penso para o setor. Olhe novamente. É um setor bonito, o caminho é bonito, mas não se vê muito longe no caminho da cana, devido à nossa falta de planejamento, que critico sempre neste livro.

Espero que gostem do “Caminhos da Cana”.

# PREFÁCIO

*\*Manoel Ortolan*

Muito me honrou e me trouxe orgulho o convite do Professor Marcos Fava Neves para escrever um dos prefácios deste livro “Caminhos da Cana”. Admirador de suas obras e leitor assíduo dos seus artigos, acompanho com especial atenção todo o seu trabalho e sou entusiasta da sua jornada profissional. Durante mais de 40 anos que estou no setor sucroenergético, pude observar muitas colocações feitas com sucesso, mas as matérias veiculadas de autoria do professor Marcos são dignas dos nossos parabéns!

Este livro constitui não só um sedimentado fruto de longos anos do trabalho docente do Professor Marcos, mas sobretudo o coroamento de uma das mais brilhantes e bem-sucedidas carreiras profissionais deste nosso País. Vale dizer: uma autêntica coletânea de lições dadas pelos seus artigos sobre o setor sucroenergético escritos desde 1997.

Com estilo direto e compreensível, com objetividade e clareza, o Professor Marcos nos brinda com sua excelente obra sobre os gravíssimos problemas enfrentados pelo setor sucroenergético, conhecedor que é do agronegócio brasileiro, alternando colocações em cada época sobre os cenários que envolveram – e ainda envolvem – toda a cadeia produtiva da cana, do açúcar e do etanol.

Por isso, este livro significa um valioso instrumento de utilidade inquestionável, uma excelente fonte de informações para aqueles que conhecem ou desejam conhecer o setor sucroenergético, seja pela atualidade do seu conteúdo, seja pela extensão das suas ponderações dirigidas aos nossos governantes responsáveis pela desastrosa política pública empreendida ao setor nos últimos anos.

Com seu indiscutível talento, o Professor Marcos “traz luz” aos seus leitores sobre as experiências vividas por um setor estratégico para o País. Desde abril de 2012, quando escreveu sua primeira coluna “Caipirinha”, publicada na Revista Canavieiros – pertencente ao sistema Copercana, Canaoeste e Sicoob Cocred – todo mês lemos as estratégias erradas e a falta de habilidade do governo para lidar com um dos principais setores da economia do País.

Para concluir, este livro “Caminhos da Cana”, com excelente conteúdo, de

fácil acesso e com características marcantes, que certamente ocupará espaço no cenário do setor, coloca à disposição dos leitores os artigos opinativos mais relevantes sobre os assuntos ligados aos negócios, política, planejamento e estratégias vividas pelo Professor Marcos Fava Neves. Os textos foram mantidos na forma como foram publicados, o que demonstra os esforços para o compartilhamento das informações o mais próximas da realidade possível. Que este livro seja predestinado a servir de verdadeiro guia e traga a esperança de um futuro promissor para o setor sucroenergético.

*\*presidente da Orplana (Organização dos Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil) e da Canaoeste (Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo).*

# SUMÁRIO

1- O ProAlcool é fundamental para a economia brasileira? .....	19
2- O novo posicionamento da velha cana .....	21
3- Agenda estratégica do álcool combustível .....	24
4- Mais econômico e renovável, etanol conquista os consumidores brasileiros .....	27
5- A cadeia produtiva da cana em 2020 .....	29
6- O açúcar: O ouro branco de 2010 .....	31
7- Setor da cana deixa de faturar R\$ 7,5 bi com déficit de etanol .....	33
8- Medidas acertadas agora evitarão apagão de etanol na Copa .....	35
9- Inovações demandarão aumento da produção de cana .....	37
10- Tragédia anunciada na cana: É preciso plano de investimento .....	39
11- É preciso resgatar fornecedores e fornecimento de cana .....	41
12- Balanço do ano na cana mostra oportunidades desperdiçadas .....	43
13- O processo de asfixia da Petrobras traz prejuízos ao etanol .....	45
14- Minha vida é andar por este País.....	47
15- Joga pedra na Geni.....	49
16- O naufrágio do etanol de cana é a maior vergonha do Brasil na Rio+20.....	51
17- As terras africanas .....	54
18- A miopia da bioenergia da cana, como nunca antes vista na história deste país .....	60
19- E as commodities voltam a subir .....	63
20- O orçamento da refinaria Abreu e Lima faria 68 novas usinas de cana .....	65
21- Uma seca impactante .....	68
22- Os impactos da seca .....	70
23- O Partido da Produção .....	73

24- Um Brasil democrático .....	75
25- As ações necessárias para revitalizar o sistema agroindustrial sucroenergético .....	81
26- Gestão por acidentes .....	86
27- As insensibilidades sucroenergéticas .....	89
28- O custo do trabalho no Brasil .....	93
29- E o cenário começa a melhorar .....	95
30- As perspectivas da cana em 2013/14 .....	97
31- Será que vem um plano? .....	102
32- Reforço nos alicerces sucroenergéticos .....	109
33- Se avolumam as boas notícias .....	114
34- A califórnia e a obsessão inovadora .....	116
35- Faltou um papel dizendo qual é o papel .....	118
36- De fornecedores a Produtores Integrados de Cana (PIC) .....	122
37- Será o fim da tolerância do povo? .....	125
38- A cana como vetor de desenvolvimento econômico e social .....	131
39- Um incrível respeito dos americanos pelo agro do Brasil .....	135
40- 10 questões sobre o futuro do etanol .....	138
41- O agro é provavelmente a única grande oportunidade aberta ao Brasil .....	141
42- Exportações de açúcar devem ter grande crescimento .....	145
43- Produzir etanol ou importar gasolina .....	149
44- Os fatos que jogam contra o desenvolvimento .....	151
45- Os impactos da nova proposta americana de uso de etanol na agricultura brasileira .....	154
46- Os fatos que jogam contra o desenvolvimento II .....	159
47- 2014 será um ano interessante .....	164
48- O campo salva a cidade... ..	167
49- O campo salva a cidade II .....	169

50- O campo salva a cidade III .....	172
51- No carnaval da Petrobras faltou o etanol .....	175
52- “Carta de Campo Grande” - Brasil Potência Energética, Ambiental e Social .....	180
53- Trazendo a rapaziada para o agronegócio .....	185
54 - O trabalho inibindo a competitividade do agro .....	190
55 - O ministro da fazenda não compreende o setor sucroenergético .....	195
56- Uma grave ameaça às cadeias produtivas integradas do agronegócio.....	197
57- A dimensão do setor sucroenergético: mapeamento e quantificação da safra 2013/14.....	202
58 - Construindo casas populares .....	207

# 1- O PROÁLCOOL É FUNDAMENTAL PARA A ECONOMIA BRASILEIRA?

*Publicado no Jornal de Piracicaba em 25/08/1997.*

O que seriam hoje grandes preocupações da sociedade, tanto em países desenvolvidos como nos “em desenvolvimento”?

A primeira que poderia ser listada trata do meio ambiente. A exploração dos recursos deve ser sustentável, pois deseja-se que o planeta sobreviva para ser habitado pelas próximas gerações. Essa preocupação se refere ao ar, ao solo, recursos hídricos, entre outros. As empresas passam a se preocupar, pois os consumidores sinalizam que querem produtos ambientalmente limpos. Os certificados ISO estão em prática e podem vir a ser mais uma barreira não tarifária num futuro próximo.

Outra grande preocupação da sociedade moderna é com relação ao emprego. Tem-se na Espanha quase 25% de taxa de desemprego, e algo entre 10% a 15% da mão de obra nos outros países europeus. Discutem-se muito novas formas de trabalho para dar mais oportunidades e atividades que possam empregar mais pessoas.

Todas as sociedades e, principalmente a sociedade brasileira, se preocupam com a balança comercial, uma das principais ameaças ao Plano Real. O País vem acumulando déficits contínuos.

Outra preocupação é com a competitividade empresarial. Com a abertura comercial advinda do processo de globalização, observam-se reorganizações em setores industriais, à busca de redução de custos, e crescente concentração industrial. A diversificação tem sido encarada pelas agroindústrias como uma forma de neutralizar riscos específicos associados a determinados mercados.

E qual a relação do ProÁlcool com essas preocupações?

O etanol é um combustível mais limpo que a gasolina e o diesel. A adição de etanol à gasolina e ao diesel também reduz os índices de poluição destes. A cana-de-açúcar é uma cultura importante na preservação da estrutura dos solos. Tanto que o modelo do ProÁlcool é de interesse mundial.

O ProÁlcool é um grande gerador de empregos, seja nas atividades de

pesquisa, na produção de insumos para a cana-de-açúcar, nas fazendas que produzem cana, nas agroindústrias que moem a cana, nas organizações que distribuem os produtos derivados do processamento e todas as demais relacionadas ao processo. Estima-se que, no sistema agroindustrial do açúcar e etanol, sejam gerados mais de um milhão de empregos no Brasil.



O Brasil é grande exportador de açúcar e deixa de importar petróleo graças ao etanol. Estima-se que nos últimos 20 anos cerca de US\$ 28,7 bilhões deixaram de ser importados em petróleo pelo Brasil. A frota a etanol diminui, mas o combustível passa a ser cada vez mais adicionado aos outros.

Com relação à competitividade, observam-se no setor todas as grandes tendências mundiais: rápida reestruturação, com concentração (fusões e aquisições) em um menor número de grupos empresariais, busca das modernas técnicas de gestão e produção e melhor uso das unidades industriais (diversificação), pois as usinas podem produzir uma infinidade de produtos de mesma base tecnológica, que têm grande valor no mercado nacional e internacional.

Esses fatores, entre diversos outros, levam-me a acreditar fortemente na importância do ProÁlcool para esta região, para o Estado de São Paulo e para o Brasil.

## 2- O NOVO POSICIONAMENTO DA VELHA CANA

*Publicado no Estado de São Paulo em 18/08/2004.*

A notícia da vitória brasileira na OMC é mais um ponto na nova estratégia da cana-de-açúcar. Espera-se um crescimento próximo a US\$ 500 milhões nas exportações de açúcar. Esta cadeia é o caso mais impressionante de reposicionamento. De mal visto, poluente, latifundiário, oportunista, rico, caloteiro, subsidiado, entre outros “adjetivos” alocados, observa-se hoje uma nova imagem perante a sociedade. Explicarei a nova imagem em três partes: dimensões, alterações estruturais e novas oportunidades.

Em dimensões, devemos ter aproximadamente 320 milhões de toneladas de cana (há dez anos, 240 milhões). A cadeia emprega 1 milhão de pessoas, sendo que 60 mil produtores fornecem cana. Produzimos 14 bilhões de litros de álcool. Exportamos, em 2003, 890 milhões de litros, e a projeção para 2004 é de 1,5 bilhão de litros (70% a mais). No açúcar, produzimos 24 milhões de toneladas (17% do total mundial, sendo que há dez anos produzíamos 11 milhões) e exportamos 14 milhões (30% do mercado mundial, contra 4% em 1990, crescemos incríveis 17% ao ano!). O preço está em US\$ 250/t, nossos custos em US\$ 160/t e a União Europeia com mais de US\$ 500/t. Acumulamos, nestes 30 anos, inigualável inteligência em solos, genética, engenharia, mecanização, fermentação, irrigação (experimentos indicam que a irrigação localizada permite ganhos de pelo menos 30% em produtividade), entre outros. Destaca-se o papel do Centro de Tecnologia Canavieira/CTC, da ESALQ, do IAC, da Embrapa, UFSCar, empresas privadas, entre outros responsáveis pela transformação do dourado sol brasileiro em mais de US\$ 2,5 bilhões/ano que a cadeia nos traz.

As mudanças estruturais do setor envolvem a profissionalização, capacitação (inúmeros MBA's nas empresas), gestão financeira, adequação às restrições ambientais, tecnologia e responsabilidade social (como exemplo, o trabalho da Fundação Rezende Barbosa envolvendo jovens). Aquisições ocorreram em grande número e valor (Cosan, J.Pessoa, entre outros), trazendo racionalização e escala, bem como entrada de empresas multinacionais e tradings que integraram verticalmente para trás (Dreyfus). Modernas formas organizacionais, como a Canaoeste (mantendo fornecedores independentes no mercado), a Orplana (criadora do Consecana - referência de preços ao setor), a Crystalsev (joint-venture comercial de 7 usinas), e recentemente, a

Ethanol Trading (comercialização conjunta do álcool no exterior) merecem destaque, entre outras, na captura de valor. De “Usinas” para um posicionamento de “indústrias de alimentos e geradoras de energia”. O Governo Paulista cumpriu seu papel reduzindo de 25% para 12% o ICMS do álcool, conseguindo um incrível aumento de arrecadação. O Governo Federal criou o Polo de Biocombustíveis na ESALQ e dá ênfase maior que os últimos Governos.



Em termos de oportunidades, estima-se que o Brasil precisará agregar mais 2 milhões de hectares de cana e investimentos de US\$ 6 bilhões. A cana se espalha pelo Brasil, do Oeste Paulista a Goiás e Mato Grosso. O crescente mercado externo de álcool anidro (aditivo) é algo que, no mínimo, não dá para prever. Passa agora a ser comercializado na Bolsa de Futuros de Nova York. Uma lei em tramitação no Japão pode colocar 3% de anidro na gasolina, o que significa um mercado de 1,7 bilhão de litros/ano. A Alemanha pretende adicionar 2%. A China, como sempre, dá até medo. A Petrobras investirá US\$ 200 milhões em logística para o álcool (ligando Ribeirão Preto ao Rio de Janeiro por dutos). Sua presença tranquiliza compradores internacionais.

No mercado interno de álcool, vale destacar o carro “flex”, que transferiu ao consumidor o poder de escolha (eliminando o risco da escassez, algo ainda na memória), e já representa 25% das vendas de carros novos. Agora será tri-flex (se bem que o gás é uma ameaça). Emplacou como algo brasileiro, moderno, ecológico e limpo, colocando pressão nas montadoras que não os têm. Número inestimável de proprietários investiu algo como R\$ 300 para mudar carros para álcool, fora os que colocam álcool e deixam com que o carro troque “por conta própria” (popular “rabo de galo”).

No açúcar, o consumo mundial cresce pouco (é de 150 milhões de toneladas, e as estimativas para 2010 são de 170 milhões), porém, tem muita

gente incompetente produzindo e inundando o mercado internacional (a União Europeia exporta 4,7 milhões de toneladas/ano). Outra aberração é a produção norte-americana, sem falar da Argentina. São mercados onde inevitavelmente teremos acesso, e o setor privado antecipará a decisão da OMC, como sempre, já começando seus movimentos. Este crescimento está carregando os equipamentos, com Piracicaba e Sertãozinho liderando exportações e contratações. Tem a cogeração (potencial de 12 mil MW, contra uma capacidade instalada de 70 mil MW), o plástico biodegradável e a levedura como fonte proteica. O mercado de crédito de carbono, com a crescente preocupação ambiental, pode mover mais US\$ 2 bilhões.

Portanto, são muitas oportunidades para um “mar de cana” e a cadeia pode crescer muito até o final desta década, deixando mais felizes ainda os criadores do programa brasileiro do álcool, lá atrás, e todos que investiram e que viveram esta magnífica mudança de imagem nos 5 últimos anos. Imagino o sofrimento ao ver a velha imagem da cana e a alegria hoje de ver o novo posicionamento. A cadeia amadureceu, repensou, mudou, investiu, plantou, e está colhendo resultados de suas estratégias. Justiça foi feita, a nova imagem está chegando aí, com mais uma medalha de ouro do agronegócio brasileiro, que precisa ser mantida nas próximas olimpíadas.

### 3- AGENDA ESTRATÉGICA DO ÁLCOOL COMBUSTÍVEL

*Publicado no Valor Econômico em 27/12/2007.*

Muitos sistemas produtivos recebem admiração minha, mas a cana é especial, por sua história, pelo benefício que traz para o Brasil, por sua liderança mundial e pelo desenvolvimento econômico das regiões produtoras. A cana ganhou uma legião de novos defensores nos últimos anos. Faço parte dos velhos entusiastas do setor - escrevo há mais de 10 anos sobre o tema. Mas confesso estar preocupado com a sustentabilidade que se divide no tripé economia, pessoas e planeta. Vou focar nos dois primeiros, pois o terceiro vem sendo discutido.



O que se observou em 2007 não é sustentável em termos econômicos e de pessoas/distribuição de renda. Diversos investimentos foram feitos em expansão produtiva confiando no mercado interno e externo de álcool. O preço do açúcar está baixo e os produtores de cana e usinas terminam o ano praticamente sem lucro nenhum, comprometendo o crescimento. Fora isso, percebe-se que para exportar o etanol é colocada a cada dia uma nova dificuldade por nossos compradores potenciais. Muita bobagem é dita, inclusive a injusta comparação do etanol de milho e outros grãos com o etanol de cana. Talvez precisemos mudar o nome do produto, passando a se chamar “cane-ethanol ou canethanol”, mas ações internacionais são tema para outro artigo.

Quanto mais forte (em capacidade de consumir) e flexível (podendo reverter para gasolina ou gás) for o mercado interno, mais sustentabilidade econômica e distribuição de renda teremos. Vejo problemas na próxima safra mais sérios que os desta. A produção vem firme e teremos mais quase cinco bilhões de litros. E o consumo? Para isto proponho a “agenda 10 do álcool”, composta por pontos a serem trabalhados por governo, organizações e setor privado.

Os pontos principais que governos federais e estaduais poderiam atacar envolvem questões tributárias e de regulamentação: 1) urge que o álcool tenha a alíquota de ICMS reduzida para 12% em todos os Estados e ligeira redução de outros impostos federais. Agora que praticamente todos Estados terão produção, esta redução de arrecadação será compensada em parte pela

produção, pelos investimentos que foram e estão sendo feitos, pelos salários gerados e outros impostos arrecadados, fora os benefícios ambientais e de interiorização do desenvolvimento; 2) estudar se a faixa de adição do anidro na gasolina pode ser ampliada, dos atuais 20 a 25%, para 18 a 28%. Muitas pessoas com carros a gasolina já fazem esta adição maior por conta própria. Assim, em casos de grande produção, o uso de 28% poderia ajudar no consumo e vice-versa.

Muitos países neste momento fazem suas regulamentações com relação aos biocombustíveis definindo as proporções de adição, entre outras. Se o Brasil quer ser um país verde em termos de combustíveis, sou favorável a que 3) a partir de 1º de janeiro de 2010 apenas automóveis novos “flex fuel” tenham autorização para emplacamento. Apesar do mercado sinalizar favoravelmente (recentemente uma camionete cabine dupla saiu com motor flex-fuel e há fila de espera), observa-se que montadoras ainda resistem - caso de coreanas, alemãs, japonesas e americanas - e o consumidor brasileiro não tem acesso a carros maiores bicombustíveis. Estima-se que grande quantidade de veículos baratos entrará no Brasil vindos da China e Índia, e não se pode correr o risco que venham à gasolina. Até 2010, as montadoras teriam tempo suficiente para fazer esta simples adaptação e desovar estoques atuais. E poderiam, tal como as francesas, exportar estes carros e motores, levando a tecnologia e consumo a outros mercados.

Ainda na agenda governamental, é necessário pensar em alterações na arrecadação dos impostos e 4) permitir vendas diretas de álcool das usinas para os postos de gasolina. Com toda a inegável eficiência das distribuidoras de combustível, por menores que sejam as distâncias, ainda existe passeio desnecessário do álcool e, em alguns casos, intermediação adicional. Esta liberalização contribuiria para um mercado mais competitivo. Vendas diretas.

A indústria de motores pequenos e grandes 5) precisa estudar motos movidas a álcool e também a adaptação de motores grandes (diesel) para o álcool com as novas tecnologias (já feito por uma empresa sueca e universidade), visando ao mercado dos caminhões dos fornecedores de cana e das usinas (e tratores) e de ônibus urbanos. Usinas abastecendo sua frota de caminhões com o próprio álcool em regime de tributação privilegiada teriam seu custo reduzido, o que pode ser repassado aos preços. Mais ambientalmente correta seria esta cadeia produtiva, pois o grande volume de diesel consumido nas

suas operações entra negativamente na conta da sustentabilidade da cana.

As usinas são conservadoras em avançar nos canais de distribuição. Poderiam 6) montar joint ventures e entrar no mercado de distribuição de álcool, com uma gestão independente, comprando distribuidoras hoje existentes ou montando novas, autorizadas a funcionar pelo governo. Em formas organizacionais associativas (franquias ou joint ventures), 7) podem montar postos de combustível nas cidades. Estes não competiriam com as redes existentes (seriam poucos), mas seriam postos “conceito” (o nome da rede poderia ser verde ou “green”) e serviriam para: direcionar os preços varejistas do álcool (dificultando a ação de cartéis) e para comunicação da imagem com o consumidor, pois estes postos seriam decorados com a cadeia da cana, plantio de árvores, enfim, uma rede “eco”. Venderiam gasolina e diesel, mas em 80% das bombas, álcool. O conceito “loja de fábrica”.

Em convênio com prefeituras e empresas 8) ônibus urbanos poderiam ser testados a álcool - a UNICA vem fazendo isto em escala muito maior. Na Suécia são 600, com custo apenas 3% superior. Seriam pintados e decorados com a cadeia produtiva e a população teria conhecimento, informação, seja através de suas paredes, por folders, vídeos, afinal, é um momento onde todos gostariam de ler algo. Mudando rotas, entre quatro e cinco meses já teriam “falado” com a população usuária. Além da melhoria nas condições do ar, seria um canal de comunicação permanente do setor com a comunidade.

Está claro que a Petrobras 9) terá condições de exportar gasolina pronta para consumo, já adicionada de anidro. Caiu no colo da Petrobras a chance de ser a primeira empresa petrolífera verde do planeta. A Petrobras tem um papel muito importante na imagem do álcool. E o álcool (e biodiesel) tem um papel muito importante na imagem da Petrobras.

Finalmente 10) um plano permanente de comunicação integrada de marketing precisa ser trabalhado pela cadeia produtiva da cana, usando ideias criativas para que a sociedade brasileira dê valor a este produto, reduzindo as resistências.

A cadeia produtiva tem muitos pontos a serem resolvidos, desde a colheita, a queimada, a enviesada imagem da monocultura e da redução de produção de alimentos, a reforma do Consecana. Foram colocados 10 pontos no que está sob o nosso controle: o mercado interno. Sendo maior e mais flexível, terá condições de absorver excedentes de produção (por exemplo, 2008), mantendo a sustentabilidade econômica e de pessoas desta importante cadeia produtiva, agora não mais paulista e nordestina, mas brasileira.

## 4- MAIS ECONÔMICO E RENOVÁVEL, ETANOL CONQUISTA OS CONSUMIDORES BRASILEIROS

*Publicado na Folha de São Paulo em 12/06/2010.*

Que posição de conforto tem o Brasil, que, neste momento de preços elevados do petróleo, crescente demanda mundial por energia elétrica, por sustentabilidade, está sentado confortavelmente em cima de um combustível renovável. Vejam o caso do petróleo: a China consumia em 2000, 4,8 milhões de barris de petróleo por dia, passando para 8,5 milhões em 2010. A média de consumo nos EUA é de 22 barris/pessoa/ano, e na China ainda está em 2,2 barris. A frota chinesa aumentou em quase 10 milhões de carros em 2009. Onde vamos chegar com esta fúria chinesa?

O Brasil sobra em sustentabilidade nesta área. Somente 1% dos combustíveis usados no mundo são de fonte renovável. Deste 1%, o etanol é responsável por 90%. A produção mundial saltou de 31 bilhões em 2000 para 85 bilhões em 2010, puxada pelos EUA, que usando o milho como fonte, aumentou sua produção em 25 bilhões de litros nos últimos 10 anos e pelo Brasil (aumento de 15 bilhões em 10 anos). São responsáveis por 90% da produção mundial. A produção no Brasil é de 18 bilhões de litros de hidratado e 8 bilhões de anidro (adicionado à gasolina na proporção de 25%). Em 10 anos fomos de 7 bilhões para 18 bilhões de litros no hidratado e o anidro manteve-se em 6 bilhões. A expectativa para 2020 é de 65 bilhões de litros. E o sucesso vem de onde?

Do carro flex, que transferiu o poder da decisão ao consumidor... Introduzido em 2003, a frota flex deve chegar ao final de 2010 a 12 milhões de veículos, um aumento de 7 milhões em 4 anos. A frota total brasileira é de 25 milhões de unidades e cresceu 15,1% em 2009 (90% de carros flex). Em 2008, 35% da frota no Brasil era flex. Em 2015, estima-se que a frota flex esteja em 65% do total do Brasil e o etanol representará 80% do consumo de combustível em veículos leves contra 20% de gasolina.

Reconhecido pela agência ambiental americana por diminuir em 61% as emissões de CO<sub>2</sub> em comparação com veículos movidos à gasolina, os carros flex desde 2003 evitaram 83 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> na atmosfera (UNICA). E você, quanto ganhou com isto?

Termino com esta curiosidade ao leitor... Em casa gastam-se 100 litros por semana. São 5200 litros de etanol por ano, que a um preço médio de R\$ 1,30 representa um gasto anual de R\$ 6760. Se eu usasse gasolina, precisaria de 3650 litros, a R\$ 2,50/l, gastando R\$ 9.125. Então meu benefício econômico



anual com uso do etanol é de R\$ 2.300, fora os benefícios ambientais, tributários, geração de empregos. E o mundo reconheceu nosso etanol. Era evidente e questão de tempo apenas!

## 5- A CADEIA PRODUTIVA DA CANA EM 2020

*Publicado na Folha de São Paulo em 24/07/2010.*

Um futuro promissor desenha-se para a cana-de-açúcar. O crescimento da frota de veículos flex, o aumento do consumo de açúcar nos países emergentes e gargalos em geração de energia elétrica no Brasil garantirão o consumo dos produtos derivados da cana, que já movimentava US\$ 86 bilhões por ano.

Diante de uma demanda firme, quais movimentos podemos esperar do setor para os próximos dez anos?

Em 2020, devemos chegar a um processamento de 1,2 bilhão de toneladas de cana, ante 660 milhões atuais, que renderão mais.

A produtividade passará das atuais 80 toneladas por hectare para até 100 toneladas, em resposta a inovações tecnológicas. O setor também será mais profissionalizado, com a colheita quase totalmente mecanizada e relações de trabalho aprimoradas.

Mais concentrada e internacionalizada, a indústria contará com forte presença de petroleiras e tradings, que já buscam aproveitar o consumo de três milhões de carros flex que entram no mercado brasileiro todos os anos.

Em 2020, cerca de 90% da frota será flex e o consumo de etanol pode chegar a 70 bilhões de litros, com uma fatia superior a 80% do mercado.

O setor será mais competitivo (ineficiências serão superadas), sustentável (auto-abastecido de eletricidade e combustível) e flexível, processando variedades geneticamente modificadas de cana, beterraba e gerando plástico, diesel, gasolina, querosene e outros produtos inimagináveis.

No açúcar, a China garantirá o acréscimo de demanda. Os chineses consomem apenas 11 quilos por ano, enquanto o consumo per capita no Brasil é de 60 quilos por habitante.

Em razão da elevada participação do país no mercado mundial da commodity, seremos os principais beneficiados desse movimento. Neste ano, teremos mais de 50% de participação no mercado global, com produção de 37 milhões de toneladas, exportando 25 milhões.

Para atender à China e ao aumento do consumo para fins industriais, o Brasil deve produzir cerca de 45 milhões de toneladas em 2020, sendo apro-



ximadamente 35 milhões exportadas. Assim, nossa participação no mercado mundial pode subir para 65%.

E, na geração de eletricidade, diante de uma expansão anual de demanda de 10% ao ano no Brasil, a cana deve tornar-se mais relevante. De uma fatia estimada em 4% na geração este ano, o setor sucroalcooleiro deve fornecer algo entre 10% a 15% para o consumo de energia em 2020.

Se, em 2005, alguém dissesse que o consumo de etanol teria os volumes de hoje e cresceria entre 20% a 25% ao ano, que a maior empresa do setor seria uma petroleira holandesa, e que da cana seriam gerados diesel e plástico, seria taxado de louco.

Será que acertarei? Será que alguém vai lembrar? O problema é que a internet vai guardar este texto e alguém vai achá-lo em 2020...

## 6- O AÇÚCAR: O OURO BRANCO DE 2010

*Publicado na Folha de São Paulo em 04/09/2010.*

O rombo das contas externas do Brasil já chega próximo a US\$ 30 bilhões em 2010. Estamos levando um tombo, entre outros fatores por um incrível aumento das importações. Somente no primeiro semestre, o saldo comercial foi 45% menor que em 2009, e é o pior dos últimos 8 anos. Precisamos reverter este quadro, e ajudaria a buscar maior equilíbrio se conseguíssemos produzir e exportar mais, e assim, trazermos mais dólares e ajudando na geração de renda e consequente distribuição de renda.

O açúcar representará em 2010 o ouro branco. A exportação deve chegar a 25 milhões de toneladas, contra 17 milhões em 2009. Quando terminar seu sábado, teremos vendido US\$ 50 milhões de açúcar ao exterior. É provável que a contribuição somente do açúcar no saldo comercial chegue a US\$ 10 bilhões. Isto mesmo, 10 bilhões. O Brasil ocupará quase 55% do mercado mundial. Porém, não são somente boas as notícias, pois nós poderíamos melhorar.

No momento em que o leitor da Folha lê esta análise, provavelmente não sabe que existem aproximadamente 100 navios na fila para carregar açúcar em Santos. Cada navio na fila, por dia, representa um custo de US\$ 25 até 90 mil dólares a serem pagos pelo exportador, ou seja, por todos nós. Caminhões também estão parados há dias em fila, e lamentavelmente representam ainda 85% do transporte do açúcar.

O açúcar tem mercado promissor, principalmente para uso industrial (sorvetes, sucos, doces, chocolates) em países de renda crescente, e onde seu consumo per capita ainda é baixo. O dragão chinês começou a comprar fortemente do Brasil (este ano já foram 600 mil toneladas). Os principais concorrentes não conseguem competir com nossos custos e qualidade, mesmo com estes problemas de plataforma logística.

Os preços internacionais devem melhorar (apesar da incógnita da safra e produtividade da Índia), devido ao consumo de açúcar e das vendas de carro flex (já são 11,2 milhões de veículos, 37% da frota), consumindo a cana via etanol. Fora isto, a atual seca trará prejuízos na safra atual de cana (10%, ou até mais, a depender das chuvas) e da próxima, contribuindo



do para aumentar preços. O açúcar deve continuar forte pilar de geração de renda e sustentação da balança comercial.

Para concluir, um recado aos candidatos e ao Governo (Federal, Estadual, IBAMA, Ministério Público, entre outros importantes agentes): Neste momento em que ideias vêm sendo colocadas na televisão todos falam em distribuição de renda. Para a agenda 2011-2014 a pergunta que fica é: como ajudar estes setores a conseguirem menores custos, menos entraves, menos filas, burocracia, para que possam cumprir seu papel privado de gerar produtos competitivos, exportações e renda? Muitos esquecem que sem geração de renda não existe distribuição sustentável de renda. Este ano o açúcar dará grande contribuição na nossa geração de renda. Nosso muito obrigado!

## 7- SETOR DA CANA DEIXA DE FATURAR R\$ 7,5 BI COM DÉFICIT DE ETANOL

*Publicado na Folha de São Paulo em 05/03/2011.*

Concluiu-se a safra de cana processando no Centro Sul 555 milhões de toneladas, 2,4% a mais que na safra anterior. A produção de açúcar cresceu 16,82% e a de etanol 6,71%. Com preço maior (US\$ 345 em 2009 e US\$ 456 em 2010) e quantidade maior vendida (de 24,3 para 28 milhões de toneladas), as exportações de açúcar trouxeram US\$ 12,7 bilhões e o complexo sucroenergético, US\$ 13,7 bilhões, representando quase 20% do agronegócio.

A demanda mundial de açúcar cresceu quase 62% em 15 anos. Se continuarem estas taxas de crescimento são necessárias mais 50 milhões de toneladas/ano em 2020. O Brasil produz 40 milhões de toneladas por ano.

A cadeia sucroenergética teria mais renda sem o tropeço no etanol hidratado. Em 2009 o consumo interno foi de 16,5 bilhões de litros, e em 2010 caiu para 15 bilhões. O consumo da gasolina foi de 25,4 bilhões de litros em 2009 para quase 30 bilhões em 2010 e, o pior, importou-se 505 milhões de litros de gasolina (contra apenas 22 milhões em 2009). Hoje o Nordeste está importando etanol dos EUA.

Em 2010 foram vendidos mais de 3 milhões de carros e a frota flex chegou a 12,5 milhões, 43% do total brasileiro. Se 80% da frota flex usar etanol, o consumo anual seria de 20 bilhões de litros. Tem-se uma demanda anual reprimida de 5 bilhões de litros de hidratado. Em dois meses de 2011 foram vendidos 500 mil carros (12 mil carros por dia útil, um a cada dois segundos!), 15% a mais que em 2010. Até o final do ano a frota flex terá 15,5 milhões de ávidos integrantes e consumo potencial anual de 25 bilhões de litros de hidratado, com o déficit passando para 10 bilhões.

Um exercício com um preço hipotético do hidratado nas bombas de R\$ 1,50/litro e lucro líquido de 10 centavos/litro na Usina mostra que a cadeia sucroenergética está transferindo para a gasolina um faturamento anual de R\$ 7,5 bilhões. No final de 2011, com o novo volume da frota, a cadeia sucroenergética deixaria de faturar anualmente R\$ 15 bilhões e Usinas, de lucrar R\$ 1,0 bilhão. Deve-se lembrar que 25% da gasolina é etanol anidro, portanto uma parte desta renda volta ao setor.

Esta lacuna é triste resultado da crise de preços e crédito de 2007/2008, que solapou cruelmente o endividado setor sucroenergético. O efeito mais pernóstico foi transferir o grande volume de investimentos (das tradings, petrolleiras, fundos e outros) destinado a construção de Usinas novas (greenfields), para a compra de Usinas existentes (brownfields). Hoje o mercado clama por mais umas 15 grandes Usinas, que se aí estivessem trariam toda esta renda para o bolso da cadeia sucroenergética.



Num cenário onde o consumo de açúcar, etanol, energia elétrica, plástico, diesel, entre outros, só tende a crescer, e com o petróleo atingindo US\$ 100, Brasília precisa focar sua estratégia na cana.

## 8- MEDIDAS ACERTADAS AGORA EVITARÃO APAGÃO DE ETANOL NA COPA

*Publicado na Folha de São Paulo em 07/05/2011.*

Chegou ao seu auge a crise de oferta do etanol, pois agora boa parte das usinas entra em operação e colocará o produto para os consumidores, baixando seus preços e abastecendo a rede. Porém, crise mais forte que esta virá na próxima entressafra, e também na seguinte. Se forem tomadas agora as decisões adequadas e emergenciais, dá para evitar o apagão já na Copa de 2014. Faltavam 15 Usinas em 2010, no final de 2011 faltarão 36.

Errou-se feio nas previsões de aceitação do carro flex e da venda de carros novos, que gerou este tsunami de consumo. Até 1995 se vendia por ano 800 mil carros. De 1995 a 2005 atingiu-se em média 1,3 milhão. Após 2005 a média passou para 2,2 milhões. Quem acertaria que em 2010 entrariam no mercado mais 2,9 milhões de carros flex?

Planejando para 2020 (algo raro no Brasil) com uma simulação conservadora apenas com o etanol hidratado, será necessário produzir 53,6 bilhões de litros (hoje se produz 16 bilhões), em mais 5,1 milhões de hectares (convertidos de pastagens degradadas) produzindo 430 milhões de toneladas de cana a serem processadas em 143 novas usinas (destilarias), demandando US\$ 62 bilhões de investimentos industriais e agrícolas. Só para o hidratado... Pasmem...

A cadeia sucroenergética não precisa de retrocessos, como aumentar tributos no açúcar e muito menos reduzir a mistura do anidro na gasolina. Precisa é de um choque de oferta, assim todos ganham.

Algumas sugestões para este choque são a retomada de investimentos em usinas novas (greenfields) com recursos privados e do BNDES (e outras fontes mundiais), via um pacote “fast-track”, envolvendo recursos, licenças e outros, para que em dois anos, se tenham mais usinas distribuídas pelo país, suprindo localmente etanol e energia elétrica.

Urge desonerar de tributos o hoje ocioso setor de bens de capital, tal como foi feito com automóveis, eletrodomésticos, construção e também maior e mais rápida participação da capitalizada Petrobras financiando expansão de grupos existentes (participações minoritárias).

Deve-se expandir e facilitar o financiamento de estoques na safra e o preço da gasolina, que passa gradualmente a ser produto de classe alta e média-alta, não deve ser artificialmente controlado (o do diesel sim, pois é custo produtivo). Finalmente, as montadoras ainda estão devendo, e já faz tempo, maior eficiência dos motores flex rodando com etanol.



A grande estratégia do Brasil nesta década em que o mundo demanda energia e o petróleo tem preços recordes, é investir na cana para ocupar o mercado interno com o etanol e ser um grande exportador de petróleo, produto que não enfrenta barreiras no seu comércio.

Se este plano de expansão começar imediatamente e investirmos US\$ 30 bilhões, na Copa de 2014 não existirá mais crise, e pode-se criar um faturamento adicional anual de R\$ 35 bilhões a cadeia sucroenergética, que gerará empregos, incrível efeito multiplicador, excedente energético e sociedades (países) dependentes do petróleo brasileiro. A hora é agora.

## 9- INOVAÇÕES DEMANDARÃO AUMENTO DA PRODUÇÃO DE CANA

*Publicado na Folha de São Paulo em 18/06/2011.*

Um dos painéis do 3ª Ethanol Summit, encontro internacional sobre etanol organizado pela UNICA, tratou das novas tecnologias que trarão aumento do uso dessa planta em diferentes mercados.

Duas empresas vindas dos Estados Unidos mostraram tecnologias que transformam açú-



car em combustíveis renováveis, moléculas idênticas aos hidrocarbonetos de petróleo. Isso envolve o diesel de cana, querosene de aviação, gasolina e também todos os tipos de plásticos, solventes, lubrificantes, cosméticos, surfactantes, inclusive produtos medicinais.

É assustador pensar que os motores atuais de caminhões, ônibus, aviões e carros podem rodar com um combustível vindo da cana, pois são mercados de tamanhos impressionantes.

Foi apresentada também termelétrica com turbinas convertidas para usar etanol em vez do gás, com resultados interessantes e motogeradores motores de combustão interna com alto desempenho movidos a etanol, possibilitando que a energia elétrica seja gerada localmente nas comunidades, evitando a construção de grandes linhas de transmissão. É uma tecnologia de grande impacto para países pobres e em desenvolvimento.

Não bastasse a dificuldade em abastecer o mercado interno de etanol hidratado, ainda aparecem todos esses novos usos para a cana, o que demandará grande aumento de produção.

A boa notícia é que existe potencial na planta para aumentar a produtivi-

dade. Acredita-se que, em dez anos, a cana possa duplicar a produtividade, assim com ganho de 15% a 25% com melhoria dos agroquímicos (melhor controle de insetos, ervas daninhas e fungos), 10% a 20% com germoplasma, melhorias no plantio, colheita e em processos, 20% a 50% com biotecnologia, modificação genética, etc.

Finalmente, usando essas soluções de maneira integrada, consegue-se ainda potencializar essa produtividade, fora a irrigação e outras inovações que vêm por aí. Isso será fundamental para que toda essa cana seja produzida de maneira sustentável e usando menos áreas que as utilizadas com a produtividade atual. Essas novas áreas para produzir cana sobram no Brasil, e virão principalmente da liberação de áreas de pastagens.

Há dez anos o setor passava por uma crise de identidade, com preços do petróleo baixos, excesso de produção de açúcar resultando numa indústria que perdia valor e tinha imagem altamente desgastada. O setor chegava a solicitar que ao menos a frota pública usasse etanol.

Hoje o mundo despeja bilhões de dólares em pesquisa para ver o que pode ser feito com a planta e seus produtos.

É incrível a virada que aconteceu nessa cadeia e será curioso ver como serão os próximos dez anos, com essa quantidade de produtos de enormes mercados que serão feitos a partir da cana. Depoimentos de executivos estrangeiros no evento mostram que talvez a cana seja hoje um dos poucos negócios onde o Brasil é admirado mundialmente e com grande potencial de desenvolvimento e geração de renda para nossa sociedade.

## 10- TRAGÉDIA ANUNCIADA NA CANA: É PRECISO PLANO DE INVESTIMENTO

*Publicado na Folha de São Paulo em 09/07/2011.*

A produção de cana na safra 2011/12 está 30% menor que a da safra passada, que já foi insuficiente para as necessidades do país. Os anos de crise, que levaram à descapitalização dos produtores, trouxeram envelhecimento e redução nos tratos culturais dos canaviais.

O excesso das “águas de março” causou ataque do fungo curvularia em duas importantes variedades e atrasou o plantio, podendo comprometer o próximo ano. Além disso, o canavial foi atingido por geadas em junho.

É provável uma quebra de mais de 10% em relação à safra passada. Paralelamente, as montadoras colocam mais três milhões de carros flex em 2011, e a China suga o açúcar brasileiro.

Está armado um cenário trágico para o fim do ano, com preços elevados (em plena safra, o preço do etanol é o mais alto dos últimos dez anos, e o açúcar também deve subir). Além disso, haverá a necessidade de importar gasolina e etanol dos EUA e a redução da mistura de anidro na gasolina para 18%, nociva ao meio ambiente e à produção renovável do Brasil.

Apesar da necessidade de pelo menos 60 novas usinas de 3 milhões de toneladas de cana (um investimento de US\$ 26 bilhões) até a Copa, apenas para atender ao mercado de hidratado (cenário conservador), importantes empresas do setor de bens de capital relataram que investimentos nos ‘greenfields’ estão absolutamente parados.

O país necessita de um projeto especial de investimentos baseado nas seguintes ações: a) definição de locais estratégicos para receber estas novas unidades, promovendo o desenvolvimento, o empreendedorismo e a diversificação regional (em áreas de pastagens degradadas); b) definir uma arquitetura financeira na qual a Petrobras invista e possa ter de 20% a 30% do capital de cada unidade, o BNDES faça aportes e grupos privados nacionais e principalmente internacionais (tradings e petroleiras), motivados por essa arquitetura financeira, tragam investimentos e tenham controle acionário dessas unidades novas; c) encomendar imediatamente esse pacote de usinas ao setor de bens de capital em regime diferenciado de impostos, um real



estímulo a um setor que sofre processo de desindustrialização devido à falta de políticas industriais que compensem o câmbio, os elevados juros e o aumento de custos; d) desenvolver e capacitar redes de fornecedores de cana nessas regiões, integrados a essas usinas. São ao menos dois anos para que entrem em funcionamento, e esse pacote trará retorno garantido.

O BNDES precisa aumentar seus aportes. Apenas como comparação, o contestado recurso oferecido na proposta de fusão de duas grandes redes de supermercados daria para financiar 50% de pelo menos 15 usinas de 3 milhões de toneladas, beneficiando a sociedade brasileira na geração de energia, renda, 6.000 empregos, impostos e interiorização de desenvolvimento.

A falta de cana representa hoje uma perda de renda de mais R\$ 20 bilhões se os produtos aí estivessem para abastecer os mercados, colaborando para o controle da inflação e o saldo comercial. Será também um grande problema pela frente, uma tragédia amplamente anunciada.

# 11- É PRECISO RESGATAR FORNECEDORES E FORNECIMENTO DE CANA

*Publicado na Folha de São Paulo em 30/07/2011.*

Parte da crise de abastecimento no setor de cana de açúcar resulta da insuficiente remuneração da atividade agrícola e dos fornecedores. Como consequência, a renovação dos canaviais foi de 5%, 8% e 10% nos últimos três anos, quando poderia se renovar até 18% ao ano.

Se nos canaviais de hoje estivessem sendo produzidas mais 10 toneladas por hectare, seriam quase 80 milhões de toneladas a mais, que contribuiriam muito neste momento. O fornecimento e os fornecedores de cana precisam ser resgatados. Esse resgate será salutar.

Hoje, cerca de dois terços da cana é produzida ou gerenciada pelas próprias usinas e, o resto, por fornecedores. Mas isso deve mudar, pois entram na cana empresas vindas do setor de petróleo, tradings e outros, que terão menos incentivo para gerir as áreas agrícolas. Além disso, os custos de produção de cana, como de outras culturas no Brasil, vêm se elevando consideravelmente, bem como o preço das terras, o que aumenta a necessidade de imobilização.

Paralelamente crescem empresas especializadas na atividade agrícola de cana, gerindo áreas e oferecendo serviços agrícolas a diversas usinas. Também crescem empresas especializadas em transporte, armazenagem, comercialização, empresas de serviços, agrodistribuidoras e cooperativas.

Tendo parceiros especializados para desenvolver e gerenciar as áreas agrícolas, o imobilizado para as usinas pode diminuir bastante, facilitando e financiando a expansão industrial. Investimentos integrados com fornecedores aliviarão também o peso dos greenfields nas áreas de expansão.

Com o crescimento na confiança entre os agentes e os casos de sucesso hoje existentes, os modelos de terceirização da produção de cana ganharão espaço. Em locais onde foram feitos, houve crescimento econômico e desenvolvimento regional, com o surgimento de novos empreendedores e negócios.

Para que essa relação tenha equilíbrio, inovação e eficiência, é preciso que o Consecana, um modelo de remuneração admirado mundialmente, esteja sempre sendo atualizado, considerando o mix de produtos gerados.

O futuro reserva papel fundamental para associações e cooperativas em cana, para que os produtores possam ser bem representados ao dialogar com novas e grandes empresas industriais. Essas organizações precisam passar por processo de fusão e profissionalismo crescentes, se adaptando ao novo cenário.

Especialistas em fornecimento de cana terão participação crescente na cadeia, que se transformará cada vez mais numa sofisticada rede contratual de produção e serviços, bem mais eficiente, flexível e com uso intenso de seus ativos como máquinas. Afinal, nada como especialistas integrados em cada uma das atividades, inovando e aprendendo em diálogo constante. Por isso, resgatar os fornecedores de cana agora é uma ação estratégica alinhada com eficiência futura.



# 12- BALANÇO DO ANO NA CANA MOSTRA OPORTUNIDADES DESPERDIÇADAS

*Publicado na Folha de São Paulo em 02/12/2011.*

Praticamente fechadas as atividades em 2011 com o final da safra, o setor sucroenergético apresentou saldo positivo. Mas, ao final, pode-se dizer que este foi um ano de muitas oportunidades perdidas, deixando de trazer ganhos para a sociedade.

Uma primeira oportunidade perdida veio com a safra de cana 8% menor devido ao clima, às pragas e às doenças, à falta de investimentos e a outros fatores.

E mais: a cana mostrou-se 2% pior em qualidade. Cerca de 100 milhões a 150 milhões de toneladas a mais poderiam ter sido produzidas, o que representaria faturamento de R\$ 700 milhões a R\$ 1 bilhão para a atividade agrícola.

A falta dessa cana logicamente gerou menos açúcar e menos etanol. No caso do açúcar, havia espaço no mercado mundial para serem exportados mais de 2 milhões de toneladas, o que representaria pelo menos cerca de US\$ 2 bilhões a mais na balança comercial.

A falta de etanol trouxe outro prejuízo: a necessidade de importar mais de 1 bilhão de litros dos EUA, o que representou gasto desnecessário de quase US\$ 1 bilhão na balança comercial.

No caso do mercado interno de etanol, a oportunidade perdida foi imensa, pois a frota cresceu. Poderiam ter sido vendidos mais 10 bilhões de litros de hidratado, o que representaria faturamento próximo a R\$ 18 bilhões, gerando pelo menos uns R\$ 4 bilhões em tributos. Essa venda permitiria exportar petróleo e gasolina, pois o etanol ocuparia o mercado interno.

Cerca de 15 a 20 novas usinas por ano seriam necessárias para o crescimento sustentável da oferta, mas apenas 5 entraram em operação.

Pode-se dizer que o setor de bens de capital deixou de vender algo próximo a R\$ 8 bilhões, que gerariam grande valor em tributos e inúmeros empregos.

Em 2011, também pouco se avançou na cogeração de eletricidade. Sem reconhecimento em preço para essa energia renovável, existiram poucos projetos.

Para 2012, é provável que a safra seja um pouco maior, mas ficará muito aquém do necessário para atender às diferentes demandas



atuais, além de mais 3 milhões de novos carros no mercado.

Fora isso, existe boa chance de os preços internacionais do açúcar serem menores, em virtude de boas produções nos países concorrentes.

É o momento de se desenhar no Brasil uma safra bem mais alcooleira, desde que os preços remunerem, e com isso arbitrar positivamente os preços do açúcar em 2012.

O setor sucroenergético termina 2011 com uma coleção de oportunidades perdidas, que serão maiores ainda em 2012. Quem perde com tudo isso não é o setor de cana, é a sociedade brasileira.

Essas perdas geram menos exportações e mais importações, menor ajuda no combate à inflação, menos empregos, menos tributos e menos desenvolvimento.

## 13- O PROCESSO DE ASFIXIA DA PETROBRAS TRAZ PREJUÍZOS AO ETANOL

*Publicado na Folha de São Paulo em 18/02/2012.*

Apesar de todas as condições que possui, a chuva aumenta a erosão, o sol continua a desperdiçar sua energia incidindo sobre pastagens degradadas, o setor nacional de bens de capital enfrenta forte ociosidade e desemprego, sobram capitais no mundo e, incoerentemente, falta produção de combustível no Brasil.

Esta falta contribuirá para que o superávit comercial caia a preocupantes US\$ 10 bilhões em 2012. Quanto seria caso não fossem necessárias brutais importações de gasolina, de etanol norte-americano e contando com a ajuda das exportações de etanol e açúcar brasileiro?

Com o crescimento da economia, da frota de automóveis e da demanda por energia, torna-se imprescindível que agentes da cadeia sucroenergética tenham um horizonte previsível de regulamentação, que não vem ocorrendo, inibindo os investimentos, ante as evidências de seus benefícios.

Tarifas são alteradas, ameaças feitas, impostos como a CIDE são aumentados ou reduzidos, custos cresceram comprometendo a competitividade, altera-se a mistura de anidro na gasolina, tributa-se um combustível fóssil e altamente poluente quase com a mesma alíquota que outro de emissão praticamente zero, e a precificação da gasolina injustificavelmente não segue as cotações internacionais.

O Brasil importa quantidades crescentes de gasolina a um preço 30% acima do mercado doméstico, gerando perda de valor à Petrobras, que é acionista do setor de cana e também aos produtores, destruindo o mercado de etanol. Em janeiro de 2012 as vendas de etanol foram 40% inferiores a 2011, que foram menores que 2010.

Comprova-se este equívoco com dois anúncios da Petrobras. A empresa teve o pior desempenho das que apresentaram balanços no último trimestre de 2011, com um resultado negativo em abastecimento (importações) de R\$ 4,5 bilhões. O ex-presidente justificou em entrevista que parte do problema da Petrobras se deve à expansão de 9% na demanda em 2011. Expansão da demanda ser problema para uma empresa signifi-

ca que algo realmente está errado no planejamento.

São frequentes os avisos que a falta de um plano de longo prazo para o etanol se traduzirá em uma produção cada vez mais insuficiente no futuro, devendo o crescente consumo ser abastecido com maiores importações de gasolina, gerando um ciclo de prejuízos à sociedade brasileira.



O Governo, os cientistas, os empresários alardearam ao mundo os benefícios do etanol, lutou-se por quedas de barreiras e tentou-se construir um mercado mundial. Descuidou-se da produção e do próprio mercado. Desta vez a culpa não é do “Tio Sam”, é exclusiva do Brasil.

Os brasileiros presentes na Rio+20 em junho devem estar bem preparados para o constrangimento de explicar aos estrangeiros por que está naufragando o combustível renovável mais eficiente encontrado no planeta até o momento para substituir os fósseis. O etanol teria sido propaganda enganosa?

Devido à explosão da demanda, a moeda de maior valor mundial, que confere o maior prestígio a uma sociedade, é a energia renovável (alimento e biomassa). No Brasil, o sol diariamente distribui energia em milhões de hectares ociosos. Tristes trópicos...

## 14- MINHA VIDA É ANDAR POR ESTE PAÍS...

*Publicado na Revista Canavieiros em abril de 2012.*

Me deixou extremamente feliz o convite feito pelo amigo Manoel Ortolan para ter um espaço mensal na Canavieiros. Sou um fã do setor de cana, do fornecedor independente de cana, do Associativismo e do Cooperativismo, portanto estarei em casa, relaxado, ao escrever neste espaço.

Fiquei pensando em como fazer algo diferente, afinal os cooperados já têm meus textos da Folha de São Paulo e os outros que venho fazendo por aí. Decidi que a conversa aqui será bem pessoal, de opinião, e não vai se restringir à cana.

Pretendo falar de economia, de política, de pessoas, de empresas, do agro-negócio e da cana, alternadamente, compartilhando com o cooperado os conhecimentos que adquiri no mês anterior e em formato de tópicos, com humor e diversão. Formato “twitter”.

O nome “caipirinha” foi escolhido, pois sem cana não tem açúcar nem etanol (cachaça), o limão é porque algumas coisas ácidas serão ditas, mas sempre com o tom da alegria, do otimismo que quem me conhece, reconhece. Caipirinha nos deixa alegres e otimistas.

**Pessoas:** Chegou ao fim a jornada do Marcos Jank na UNICA. Mais de cinco anos dá para cansar. Temos que saber quando assumimos uma posição, que sempre tem a hora de entrar, mas principalmente tem a hora de sair. A renovação faz parte da vida. Considero o trabalho do Jank excelente. Foi um trabalho de equipe, estruturante, inovador e que mudou a organização. Mais do que isto, serve de inspiração para muitas outras associações setoriais. O setor de cana deve agradecer a este profissional e ao time.

**Empresas:** Boas notícias vem lá do CTC. Virou uma S.A., vão aportar R\$ 163 milhões em pesquisas, e multiplicar recursos via parcerias tecnológicas. Pretendem lançar novas variedades e investir no etanol de segunda geração. Com os competentes técnicos que lá existem, podemos esperar revoluções com esta injeção e exemplo de governança.

**Aprendizado de Viagem:** Visitei em março o frigorífico Saudali. Um investimento de R\$ 80 milhões feito por 42 suinocultores, que entregam o volume de suínos proporcional a sua participação acionária, agregando

valor na região com 290 produtos processados de suínos, gerando arrecadação de R\$ 4,5 milhões de impostos em 2011 e salários para 850 pessoas em Ponte Nova (M.G.), ocupando o mercado de Minas Gerais.

**Cana:** com esta falta de chuvas já ouvi especialistas dizerem que a

safrã no C.S. pode não chegar a 500 milhões de toneladas. A Índia vem tendo safrã grande e uma safrã mais alcooleira no Brasil pode compensar elevando preços do açúcar. Boa notícia: já chegamos a 3,12 milhões de hectares mecanizados, 65% de toda a cana plantada em SP, 10% a mais que na safrã anterior. O ambiente agradece.

**Limão:** onde está o plano estratégico da cana? Estou louco para ler e comentar. Haja caipirinha!



## 15- JOGA PEDRA NA GENI...

*Publicado na Revista Canavieiros em maio de 2012.*

**O mês:** este último mês de abril foi muito danoso ao agrobrazileiro. Por conta das confusões do código florestal, um conjunto muito bem orquestrado de pessoas, vindas de organizações nacionais, internacionais e parte da imprensa sem muito preparo conseguiu atrelar a imagem de desmatador ao agricultor brasileiro, em parte da nossa população. Um verdadeiro apedrejamento, que me lembrou a música título da coluna caipirinha deste mês. Agricultura virou a Geni, boa de apanhar, boa de cuspir.

Usando-se do argumento que o novo código será grande estimulador do desmatamento, a campanha “Veta Dilma” ganhou apoio de pessoas públicas, desde políticos, artistas, universitários, caindo nas graças da população. Vetar por vetar. A ligação com o agro foi imediata.

Uma pena, mas é inegável a capacidade de dano de apedrejamento que estes artistas da TV têm. Se engajam facilmente nestas causas, de maneira unilateral e muitas vezes superficial. Chego a pensar que seu universo está apenas restrito ao festivo e maravilhoso circuito Barra da Tijuca/Leblon, Galeão/Charles de Gaulle. Seria legal inserir Chapecó, Itápolis, Lucas do Rio Verde, Luís Eduardo Magalhães, Balsas ao circuito cultural deste pessoal, visando ampliar seus horizontes e mostrar de onde vem o Baby-Beef, o suco de laranja, o galletinho, a saladinha que eles comem e as enormes dificuldades dos produtores para produzi-los em excedente, exportar e trazer US\$ 100 bi ao Brasil, para possibilitá-los importar e usar celular, carro importado, tablets, vinhos e outros mais.

**Economia:** novo alento ao agrobrazileiro vem da desvalorização do real. Neste momento onde termino a coluna US\$ 1 beirou a R\$ 2. Os efeitos ao agro e a cana são positivos, pois as exportações de açúcar geram mais renda em real compensando um pouco o preço internacional mais baixo, a pressão para aumento no preço da gasolina fica maior, o etanol americano fica mais caro. Qual o problema principal? O dragão da inflação volta forte. O ideal seria estacionar entre 1,90 e 2,00 e o Governo ir promovendo as reformas que possibilitarão a redução de tributos.

**Pessoas Canavieiras:** momento emocionante participar como palestrante do evento de 20 anos do Grupo Fitotécnico de cana, um maravilhoso

exemplo de ação coletiva, compartilhando conhecimento. Dividir o palco com o Augusto Cury e falando para tanta gente de primeira, cientistas que estão fazendo o possível e o impossível pela cana, foi inesquecível. Quero homenagear a todos nos nomes do querido Prof. Casagrande e do Marcos Landell.



**Aprendizado de Viagem:** este mês viagens interessantes, destaco o bate-papo com diretores e fornecedores da Copercana e Coplana em Orindiúva, sentindo os problemas, e também uma apresentação e debate com 25 companhias agrícolas que manejam já quase 4 milhões de hectares no Brasil. É a nova super-agricultura empresarial, concentrada, especializada e globalizada.

**Mercado de Cana:** começou uma safra mais alcooleira (quase 60%) e com ATR mais de 5% maior. Além disto, a UNICA divulgou as estimativas do Centro-Sul. 509 milhões de toneladas de cana (3% a mais). Produziremos 21,5 bilhões de litros de etanol (5,7% a mais) e 33,10 milhões de toneladas de açúcar (8,5% a mais). Arrisco em dizer que será um pouco mais alcooleira até o final. O triste é que vamos mais uma vez perder participação no mercado internacional do açúcar.

**Haja limão:** com apenas duas novas unidades industriais previstas para serem inauguradas nesta safra, vale a pena até convidar e ter a presença da Presidente e de diversos Ministros. Duas novas unidades... Que enorme perda de oportunidade a toda a sociedade brasileira.

## 16- O NAUFRÁGIO DO ETANOL DE CANA É A MAIOR VERGONHA DO BRASIL NA RIO+20

*Publicado na Revista Canavieiros em junho de 2012.*

Um dos nossos negócios mais promissores, o sucroenergético, vem naufragando nos últimos anos, numa tragédia amplamente anunciada, com visíveis prejuízos à sociedade brasileira. Aqui não trarei os números existentes para todas estas colocações, mas os fatos que levaram ao naufrágio.

A cana foi reconhecida por cientistas como uma das plantas mais aptas para transformar a energia do sol em energia renovável. De seu processamento gera-se o açúcar, o etanol, a eletricidade, o plástico, além de muitos outros produtos. Via engenharia genética de levedura, geram-se o diesel, o querosene e a gasolina, tudo renovável para a demandante sociedade mundial. Este setor energético traz poder e conforto ao Brasil, milhões de empregos, muitas exportações e reduz nossas importações, num claro benefício à sociedade.

Grandes investimentos foram feitos por empresas de Petróleo, tradings americanas, europeias e asiáticas, cooperativas de produtores agrícolas franceses, grupos nacionais, entre outros que acreditaram na cana e no etanol. Apesar de fundamentos fortemente favoráveis, hoje estes ativos não apresentam rentabilidade, o setor não cresce mais e investidores estão arrumando as malas, o que gera um prejuízo também de imagem e credibilidade.

A falta de rentabilidade é consequência de preços não remuneradores e custos de produção elevados, advindos de três conjuntos de fatores. Os primeiros dois, ineficiências do setor produtivo e fatores de mercado (principalmente os preços internacionais do açúcar) têm um terço de responsabilidade e serão tema de outro artigo. O terceiro, com dois terços de responsabilidade, é a equivocada política do Governo brasileiro, principalmente o Federal.

Exigências e ineficiências do Governo geraram sensíveis aumentos de custos, o etanol de cana recebe quase o mesmo elevado tributo que a poluente gasolina e a energia elétrica limpa e renovável advinda da cana tem a mesma falta de reconhecimento. Com isto, o Governo não privilegia fontes renováveis e limpas.

O Governo controla o preço da gasolina e coloca um teto no preço do etanol. É um claro processo de dumping feito pela Petrobras, obrigada a



importar gasolina e vender no mercado interno a um preço menor que o pago, com prejuízo à empresa, a seus acionistas e ao setor de cana, onde também é acionista.

Duas rápidas ações do Governo, que vêm sendo solicitadas há anos, trariam efeito imediato: um ligeiro aumento no preço da gasolina e uma redução tributária do etanol e da eletricidade da cana.

Ao mesmo tempo, nos EUA, o programa de combustíveis renováveis usando o etanol de milho, visivelmente menos competitivo que o etanol de cana, cumpriu o seu papel. Lá existe uma política pública clara, estratégica e bem desenhada. Ganhou a sociedade americana, que com o etanol de milho gerou trabalho e produção, interiorizou desenvolvimento, criou empregos e tributos, produziu internamente combustível renovável, reduziu sua dependência de importação de petróleo, reduziu emissões de carbono e, por fim, ganhou um produto exportável. Por mais incrível que possa parecer, os EUA encontraram no Brasil o seu antigo parceiro das lutas em favor do fortalecimento do etanol como commodity mundial, um grande comprador do seu etanol.

É interessante observar que o etanol de cana é um combustível limpo e renovável, de emissão praticamente zero, quando considerada toda sua cadeia produtiva. Seus competidores são altamente poluentes. Pesquisa divulgada na revista *Nature* comprovou que a cana esfria a temperatura nas regiões onde está sendo produzida. É uma planta que, com inovação, pode produzir três vezes mais na mesma área. Sua grande expansão no Brasil envolveria desmatamento zero.

Porém, apesar de todos os benefícios ambientais, sociais e econômicos que sua produção e uso traz, a cana não desperta os interesses destes mobilizados brasileiros e estrangeiros das ONG's, cartunistas e artistas que aderiram à competentemente orquestrada campanha "Veta Tudo Dilma", feita para o Código Florestal. Fica aqui lançada a sugestão para que esta gente possa, com a mesma força e mobilização, criar o movimento "Veta Gasolina, Presidente Dilma". Seria um importante e coerente apoio.

Há muito tempo, e mais fortemente desde a crise do final de 2008, em discursos, entrevistas e textos clamamos por uma política pública, por uma estratégia de médio e longo prazo que privilegie no Brasil as fontes renováveis de energia. Faltou sensibilidade econômica, ambiental e social no Governo.

Nosso comunicativo ex-presidente fez o elogiável trabalho de alardear ao mundo os benefícios ambientais, econômicos e sociais do etanol de cana, prometendo que seríamos grandes produtores e exportadores, e também a imagem de sua mão suja de petróleo no dia do anúncio da "autosuficiência" do Brasil circulou por todos os lugares. Pouco tempo após, somos importadores de petróleo, de gasolina, de etanol norte-americano, o etanol de cana perdeu participação no mercado interno e perdemos espaço no mercado mundial de açúcar. Prejuízo geral para nossa sociedade, mais um caso evidente de discurso desalinhado com a prática. Muitos têm memória curta, alguns não.

Políticas públicas coerentes precisam vir e se sabe quais são as necessárias. Mas já virão tarde. O estrago já foi feito, o prejuízo à sociedade e aos empresários do setor é quantificável e aumenta ano a ano. É difícil recuperar rápido este apagão de quatro anos, muitos postos de trabalho já foram perdidos, impostos deixaram de ser coletados, exportações minguaram, importações já foram consumidas e a luta contra a inflação perdeu um aliado. Fica registrado no currículo de quem esteve à frente neste período da gestão, o naufrágio do etanol de cana, a maior vergonha do Brasil na Rio+20.

## 17- AS TERRAS AFRICANAS

*Publicado na Revista Canavieiros em junho de 2012.*

**O mês:** o Brasil na tela do mundo pela conferência Rio+20. Fico na torcida para que tudo vá bem e que possamos receber bem estes visitantes internacionais. Também que os debates possam ser interessantes e calcados em realidade. Vale lembrar que muitos países estão em estágios bem distintos de desenvolvimento e que precisam utilizar seus recursos para seu desenvolvimento. Outra mensagem de realidade é que é preciso gerar renda para poder distribuir renda. Não existe distribuição de renda sem geração de renda, não existe sustentabilidade em se preservar se não existe renda.

**Pessoas Canavieiras (homenagem):** por estar na China, lamentavelmente não pude ir à inauguração da fábrica da Syngenta em Itápolis, onde é produzido o Plene. Neste mês fica aqui meu registro e a homenagem aos cientistas e profissionais desta empresa pela inovação trazida. A cadeia da cana precisa cada vez mais de inovações que aumentem a produtividade e reduzam os custos de produção. Parabéns.

**Aprendizado de Viagem:** este mês compartilho com o leitor da coluna duas alegrias. Primeiro passei uma semana na África do Sul, onde lancei o segundo livro neste país e fiz a abertura da conferência de agronegócios deles. Um país muito interessante e receptivo. Debates com empresários africanos mostraram que para a expansão agrícola, pode ser de maior benefício à África empreendimentos com modelos organizacionais que envolvam empresas agrícolas ou cooperativas brasileiras detentoras de tecnologia e capacidade de gestão, empreendedores africanos, junto com a EMBRAPA e os órgãos públicos e privados de financiamento brasileiros e africanos, em detrimento ao modelo onde terras africanas são compradas ou alugadas por países grandes consumidores como China, Índia, Coreia, entre outros que vêm recebendo sérias críticas da sociedade africana.

São grandes as oportunidades existentes ao agrobrazileiro na África consumidora e produtora. Existe proximidade cultural, de idioma e de interesses e o momento de participar na onda do crescimento africano é agora.

A segunda viagem é esta na China, onde também lancei um livro (em chinês) e vim para palestras. É um mundo à parte, estou assustado com o que vi. Relato na próxima coluna, aliás, precisa de uma revista inteira para



contar. Mas a boa notícia eu já adianto: me confirmaram que vão precisar de muito açúcar. Espero que seja nosso.

Em visitas à África em 2006 e após a Copa do Mundo de 2010, sempre passando pelo Aeroporto Internacional “O.R. Tambo”, percebe-se que esse maravilhoso aeroporto passou por diversas transformações no período. A oportunidade de visitar diversos locais da África do Sul foi uma experiência muito rica e agregadora de conhecimento.

O país é repleto de maravilhas e contrastes, como observado da movimentada Johannesburg até a maravilhosa Cidade do Cabo. Em Malmesberry cooperativas podem ser visitadas, assim como a exemplo da legalista Bloemfontein e Bothaville, casa do parque Nampo que abriga uma das maiores exposições da África do Sul. Visitar as incríveis montanhas de Clarens e Drakensberg, a cosmopolita Pretoria e diversos outros locais do país é uma grande experiência. Não poderíamos deixar de mencionar aos leitores sobre os maravilhosos vinhos tintos “Pinotage” em Stellenbosch, um cenário dos sonhos.

Com a oportunidade de envolvimento em discussões com produtores, indústrias e oficiais do Governo a respeito de toda a África, coleta de diversos materiais e fazer perguntas e ouvir as pessoas, aprendizado, sempre insuficiente, sobre este continente ímpar foi construído.

Apesar de visitas apenas à África do Sul, as ideias aqui contidas contêm a difícil missão e o perigo da tentativa de generalizar ao continente todo,

uma vez que ali são encontrados 55 países e milhares de línguas diferentes.

Nos últimos anos, a África apresentou um desenvolvimento contínuo, porém não homogêneo. Fica claro que países antes socialistas, com uma mudança de conduta para outras estruturas de governo, são os que apresentam os melhores resultados. A maior parte dos países africanos são agora democracias. O que tem sido visto é que empresas privadas estão se fortalecendo, com ajudas governamentais e, em vários países, a violência está em declínio devido a aspectos como o fim da “guerra fria”, uma maior atenção da mídia, um despertar da sociedade baseado nas informações oriundas da internet e ainda, o desenvolvimento de Instituições. Alguns países passaram por políticas de desarmamento e de grande investimento em educação, contribuindo ainda mais para a melhoria dos padrões de vida.

Essa melhoria contínua tem atraído cada vez mais investidores estrangeiros, que veem no continente grandes oportunidades. No ano de 2002, os investimentos diretos estrangeiros (IED) no continente contabilizavam valores próximos a US\$ 15 bilhões. Dez anos mais tarde, em 2012, esses investimentos passaram para a casa dos US\$ 46 bilhões.

A África ainda não é o maior foco de atenção dos estrategistas em alimentos e agronegócios, e este pode ser considerado um grande erro se olharmos através de duas lentes, ou melhor dizendo, dois pontos de vista: produção e consumo.

Nas lentes do consumo, é importante dizer que a África, juntamente com o Oriente Médio, é o maior importador de alimentos do mundo. Atualmente a África abriga 16% de toda população mundial, contabilizando algo em torno de 1 bilhão de habitantes, sendo que até 2050 essa proporção deve saltar para 23% (segundo dados da Organização das Nações Unidas - ONU). Seu crescimento como um importante importador é justificado pelo amplo desenvolvimento econômico de muitos de seus países (um crescimento contínuo de 6 a 10% no PIB por ano), seguido de melhor distribuição de renda e ascensão da classe média.

Países africanos também estão enfrentando um crescimento da urbanização e vale lembrar que alguns desses possuem grandes populações, como a Nigéria com 165 milhões de habitantes, Etiópia, Egito e Congo com cerca de 75 a 90 milhões de habitantes, África do Sul, Uganda, Kenya e Sudão com cerca de 35 a 50 milhões habitantes e com cerca de 20 a 30 milhões de

habitantes temos Moçambique, Camarões, Gana, Costa do Marfim, Marrocos, Argélia, Madagascar e Angola. A África possui 55 cidades com mais de 1 milhão de habitantes cada e ainda mantém uma população urbana de apenas 40%.

Relativo ao mercado de proteína animal, segundo dados do Rabobank, a África teve nos últimos dez anos expressivo aumento de 70% no consumo, sendo que a população ainda possui baixo acesso a esse tipo de proteína.

É esperado que a África e o Oriente Médio respondam por 50% de todo crescimento das importações mundiais de carnes até 2022, 53% do trigo, 50% de arroz e 25% do óleo de soja. Com o consumo de alimentos na África continuando a crescer, alguns países também estão desenvolvendo políticas relacionadas à segurança alimentar.

Nas lentes da produção de alimentos, também podemos dizer que seria um erro não dar a devida atenção para a África. É reconhecido que a América do Sul está crescendo rapidamente e que será o futuro fornecedor de alimentos para o mundo, porém, a América do Sul não será suficiente. Países africanos deverão exercer importante papel uma vez que muitos desses estão repletos de recursos para produção. O continente detém 20% do território mundial, sendo que cerca de 60% das terras aráveis do planeta estão ali presentes.

A tarefa de alimentar o mundo pressionará ainda mais os recursos de países ou regiões produtoras de alimentos. Como recursos consideramos terras (solo), água, pessoas, tecnologia, informação, conectividade, crédito, energia (sol e elétrica), Instituições e Governo, capacidade de armazenamento, insumos agrícolas, transporte e logística e, finalmente, capacidades de gerenciamento. A percepção geral é a de que os países que possuírem esses recursos e os melhores meios de gerenciá-los serão aqueles que irão capturar a maior parte do crescimento, promoção e desenvolvimento dos mercados de alimento e de itens relacionados ao agro. E é neste ponto que a África ainda vem lutando.

Diversas questões relativas aos recursos podem ser percebidas na África:

- Falta de instituições em alguns países, instabilidade política, altas taxas de mortalidade, corrupção, Governos com pessoas não qualificadas para exercer a função pública e promover a mudança;
- Práticas agrícolas insustentáveis, que degradam o solo e outros recursos naturais;

- Logística deficiente onde países que possuem petróleo não estão investindo esses recursos competitivamente. Países como a África do Sul enfrentam atividades de mineração ocupando o espaço da agricultura;

- Sistema de produção de alimentos muito fragmentados, com pouca integração;

- Dificuldades de acesso a mercados e relações internacionais fracas;

- Pequenos produtores isolados dos mercados comerciais;

- Produtividade muito abaixo da média mundial;

- Pouca disponibilidade de crédito;

- Infraestrutura em desacordo com as necessidades da agricultura e do setor de alimentos;

- Falta de seguros.

A partir dessas questões diversas ideias surgem como um plano de ação:

- Existe um otimismo acerca dos biocombustíveis, que darão mais poder aos produtores africanos e a sociedade do país como um todo. Alguns países já estão adotando políticas relativas a este tema;

- Produtores comerciais devem ser mais engajados;

- Pequenos produtores devem estar mais envolvidos;

- Gerações mais jovens e mulheres devem passar por um processo de aumento de poder;

- Questões relativas à segurança alimentar e a criação de postos de trabalho por meio do agronegócio devem ser desenvolvidas;

- A busca africana por investimentos que resultem na criação de empregos sustentáveis, na inclusão social e no desenvolvimento econômico, deve ser constante;

- As condições de fronteiras produtivas devem ser melhoradas, reduzindo os custos de logística;

- Busca de relações comerciais com melhor coordenação e redução de custos de transação;

- Padrões devem ser adotados;

- Produtividade e transferência de tecnologia devem ser fortalecidas;

- Deve ser promovido o aumento do acesso à informação e ao conhecimento para a construção de maiores capacidades de pesquisa;
- O ambiente de comercialização, leis e regulamentações devem ser melhorados, e organizações setoriais devem ser estruturadas e fortalecidas;
- Deve ser feita a melhoria do acesso à informação por meio da internet e de outras fontes;
- Devem ser estruturados programas para melhor utilização dos recursos citados anteriormente.

Como conclusão, pode-se dizer que a África se encontra em um cenário muito positivo. Nos próximos 10 anos muito ainda será falado a seu respeito, principalmente acerca do seu papel como líder no consumo mundial de alimentos. Muitos investimentos serão realizados e vivenciaremos um real laboratório de experiências do agronegócio. Após os próximos 10 anos, falaremos de uma África alcançando a segurança alimentar e até mesmo se tornando um exportador de alimentos. Na África existem diversas oportunidades, e o verdadeiro empresário do agronegócio, aquele que enxerga à frente, já agendou seu voo, está pousando ou até mesmo já desembarcou no Aeroporto Internacional “O.R. Tambo” na busca dessas oportunidades, da construção de relacionamentos e de novos investimentos.

Haja limão: nestas duas viagens pude mais uma vez passar por diversos aeroportos. Sem falar em China, queria destacar dois: o de Johanesburg e o de Bangkok, na Tailândia, onde fiquei por cinco horas. Dois países muito menores e muito mais pobres que o Brasil. São obras maravilhosas, estruturadas pensando no longo prazo e nos usuários. Neste quesito de logística e preparação da infraestrutura do Brasil, nossos dois últimos presidentes podem dar as mãos, pois se nivelaram no pior nível possível. Uma vergonha.

# 18- A MIOPIA DA BIOENERGIA DA CANA, COMO NUNCA ANTES VISTA NA HISTÓRIA DESTE PAÍS

*Publicado na Revista Canavieiros em julho de 2012.*

Já de antemão aviso ao leitor que este é um texto meio depressivo por ressaltar uma miopia impressionante. O objetivo é falar da Petrobras e de sua influência no combalido setor de cana. Depressivo, pois escrevo impactado pelas informações recebidas da nova diretoria da empresa, com uma visão bastante crítica da administração passada, escancarando mais um triste caso entre as organizações da sociedade brasileira.

Esta apresentação mereceu comentários de diversos analistas de renome e também editoriais de quase todos os jornais do Brasil. Destaco apenas alguns comentários. Segundo Celso Ming, “a diretoria da Petrobras apresentou a mais contundente denúncia das derrapadas administrativas registradas nos últimos oito anos da empresa. Com falta de realismo na definição de metas de produção, leniência de acompanhamento dos cronogramas de investimentos, ocorrência de indisciplina. Lula encarou a Petrobras como território de aparelhamento partidário e loteou sua diretoria entre os próceres de sua base política (OESP 27/06/12)”.

O editorial do Estado de São Paulo em 27/06 pede para a presidente do Brasil e da Petrobras “livrar o país de alguns dos piores costumes consagrados no governo anterior, como o aparelhamento da administração, o voluntarismo, o favorecimento a grupos econômicos e a mistificação populista”.

Em mais um de seus ponderados textos, o jornalista Carlos Alberto Sardenberg coloca que “isto é resultado do modo de operação do Governo Lula... tudo a cargo de uma administração loteada entre os partidos políticos, que reduziu drasticamente a qualidade técnica da gestão e abriu espaços para malfeitos. Esse é o custo Lula” (OESP, 09/09/12).

Para resumir todas as mazelas de custos produtivos no Brasil, sejam logísticos, tributários, energéticos, enfim, criou-se há muitos anos o termo “o custo Brasil”. Todos entendem rapidamente. Sardenberg nos dá uma contribuição interessante para cair nas graças dos analistas: agora consegue-se resumir um novo custo, decorrente do que foi feito na gestão das organizações estatais (aparelhamento, loteamento, uso político, desvios de verbas, entre outros) em apenas duas palavras: “o custo Lula”.

Também foi muito criticado o projeto feito com a estatal venezuelana PDVSA, a refinaria Abreu e Lima (PE), descrito pela nova presidente como “um exemplo a ser analisado para nunca se repetir”.

Fruto então deste “custo Lula” e de outros fatores, o fato é que a Petrobras valia R\$ 430 bilhões em 2007 e hoje vale R\$ 237,3 bilhões. O valor da empresa caiu R\$ 190 bilhões e seus investimentos estão muito aquém dos esperados. Paga a conta a sociedade brasileira.

A nova presidente da empresa já trocou quase toda a diretoria e nada mais nada menos que 23 gerentes executivos, que deverão também trocar muitos que foram colocados hierarquicamente abaixo. Dizem que o processo asséptico está só em seu início, num “resgate da meritocracia” na empresa. Imagino a tristeza dos excelentes funcionários e técnicos de carreira da Petrobras, ao verem esta grande empresa neste holofote.

Finalmente, o Governo resolveu autorizar a Petrobras a reajustar o preço da gasolina, algo necessário para que ela realize seu plano de investimentos de US\$ 236,5 bilhões. Mas o reajuste, de 7,83% foi insuficiente. De acordo com renomados bancos de investimento, os preços ainda estão defasados entre 8 a 10%. Mas como o governo eliminou a CIDE (contribuição de intervenção no domínio econômico), o preço da gasolina na bomba não sofreu qualquer alteração.

Ao eliminar totalmente a CIDE da gasolina e do diesel, cerca de R\$ 7 bilhões em arrecadação destinados diretamente à infraestrutura de transportes, já tão enfraquecida no Brasil, serão perdidos. Do total destes recursos, 29% era para o caixa dos Estados, e já estavam comprometidos em projetos logísticos, que agora ou param ou serão adiados, contribuindo para a permanência do custo Brasil.

O leitor deve estar curioso em saber qual a relação disto tudo com o etanol? É uma relação direta, pois esta política equivocada de preços e tributos é uma das principais responsáveis pelo desabamento dos investimentos e do consumo do etanol. Em 2009 o etanol chegou a ter uma participação de mercado no Brasil de 54% nos automóveis (ciclo otto) e em 2012, com um mercado muito maior, caiu para incríveis 35% apenas, com graves danos econômicos e ambientais.

Segundo o Presidente da Petrobras Bioenergia, como o conselho da empresa recomendou investir apenas onde exista retorno financeiro, é pro-

vável que os investimentos previstos em etanol, de quase US\$ 2 bilhões até 2015, sejam postergados devido, justamente, à baixa rentabilidade. Ou seja, tem-se aqui um ciclo de pobreza, pois o uso político da Petrobras diminui a rentabilidade do setor de cana, que afugenta os investimentos, inclusive os da própria Petrobras, contribuindo para a grave crise que está instalada.



Há ainda na empresa uma equivocada visão, percebida na declaração de seu presidente (Valor, 05/07/12 - b14), que o tamanho do mercado de etanol até 2015 sofrerá um “encolhimento”. Como pode o mercado estar encolhendo se são vendidos quase 3 milhões de novos carros flex por ano? Não é o tamanho do mercado que está encolhendo, é a produção. A empresa confunde o que é oferta e o que é demanda.

Não é possível recuperar este apagão dos últimos quatro anos, um apagão “como nunca antes visto na história deste país”.

Me desculpem, eu disse que seria um texto meio depressivo, pois confesso que não consigo entender tanta miopia. Ou será que o míope sou eu?

# 19- E AS COMMODITIES VOLTAM A SUBIR

*Publicado na Revista Canavieiros em julho de 2012.*

**O mês:** o mês trouxe boas notícias ao agrobrazileiro. Os preços das commodities agrícolas se valorizaram 21% no mês, recuperando as perdas dos últimos 12 meses. Uma perspectiva de melhoria na situação da Europa, com o acordo feito entre seus líderes, somadas ao apetite Chinês e os problemas de seca nos EUA recuperaram os preços e as margens. Com o novo câmbio, muito mais reais entrarão na economia brasileira. Pena que não sou produtor de soja...

**Empresas:** interessante ver que avança a especialização da colheita de cana. Uma das empresas que trabalha na atividade, a JSL, já estima faturar R\$ 250 milhões em 2012 fazendo este serviço para 6 milhões de toneladas de cana. Mais de R\$ 600 milhões foram investidos por duas empresas em infraestrutura para este serviço, além da JSL, a AQCES. Isto permite a usina e a fornecedores ficarem mais leves. Eu gosto muito destes modelos contratuais bem orquestrados onde “cada macaco cuida do seu galho”.

**Pessoas Canavieiras (homenagem):** Estava tranquilo conversando com meu amigo Marcos Jank num hotel de Ribeirão Preto antes de uma palestra e eis que encontramos nosso Professor, com “P” maiúsculo, José Paulo Stupiello, dando um treinamento. Sempre à frente da Sociedade dos Técnicos Açucareiros e Alcooleiros do Brasil (STAB), entidade que promove o intercâmbio científico, técnico e cultural entre as diversas regiões produtoras de cana-de-açúcar do país e do exterior, é um verdadeiro ícone em tecnologia de açúcar e etanol, muita produtividade tivemos graças aos times coordenados pelo Prof. Stupiello, o homenageado do mês!

**Aprendizado de Viagem:** neste mês o convite para uma palestra aos produtores de maçã e uva/vinho tornou possível conhecer a região de Vacaria, no Rio Grande do Sul. Uma região muito bonita para ser visitada. Muito interessante o trabalho feito com a maçã, com tecnologias de espaçamento e produtividade sendo copiadas pelo mundo. Fiquei admirado com um trabalho forte e integrativo entre a EMBRAPA e técnicos locais, junto com os pomares e packing-houses. O vinho também vem ganhando cada vez mais qualidade, pena que para nós chega com preço elevado, de-



vido à gigantesca carga de impostos existentes. Me lembrou da foto anexa, que achei na internet.

### **Mercado de Cana:**

Passou mais um mês e nada ainda aconteceu das medidas necessárias ao setor. É impressionante a falta de sensibilidade do Governo Federal. Porém, começo

a acreditar numa recuperação do açúcar, o que seria um alento. O consumo segue forte e existem sinais que a Índia não produzirá o estimado, além do atraso na safra brasileira. Podemos ter boas notícias no segundo semestre.

**Haja limão:** fico atônito com os surtos psicóticos da diplomacia brasileira, como no caso do impeachment do presidente do Paraguai. O Paraguai não levou apenas 36 horas para tirar um presidente incompetente. Levou 3 anos. E o fez democraticamente, com apoio quase que total dos Deputados e Senadores e praticamente sem nenhuma manifestação popular contrária. A nós cabe aceitar imediatamente o resultado deste importante parceiro comercial e produtivo do Brasil, e não ficar com esta ideologia retrograda e reféns de “Chaves da vida”, que inclusive incitaram golpe no país. Na confusão, colocaram a Venezuela para dentro do Mercosul. Que lambança. Como disse o editorial do Estadão (03/07/12) foi “mais uma decisão desastrosa e vergonhosa para a diplomacia brasileira...”. O duro é que o salário desta turma toda sai dos impostos pagos pela cadeia da cana.

## 20- O ORÇAMENTO DA REFINARIA ABREU E LIMA FARIA 68 NOVAS USINAS DE CANA

*Publicado no Site Brasilagro em agosto de 2012.*

Em mais um triste caso da gestão pública brasileira, a imprensa noticiou que o custo da refinaria Abreu e Lima da Petrobras, aquela que a nova presidente da empresa se refere como um aprendizado para nunca mais se repetir, pulou de US\$ 2,3 bilhões, quando foi festivamente lançada em 2005 pelo ex-presidente do Brasil e o presidente da Venezuela, para US\$ 20,3 bilhões, no orçamento atualizado, quase 9 vezes maior.

Os dados são de que o custo por barril de petróleo será de US\$ 87 mil, quando existem similares sendo inauguradas na Índia, China e Coreia por US\$ 10 a US\$ 25 mil. Ainda que fosse tolerado o problema orçamentário, cujo crescimento de nove vezes poderia ser justificado pela inflação de mão de obra no Brasil, custos de matérias e primas e outros, a informação mortal é que o Brasil receberá um investimento 3 vezes mais caro, portanto com o mesmo volume de recursos e boa gestão poderiam ser feitas três refinarias da mesma dimensão.

Como a imprensa não fez esta relação, sobrou um espaço para comparar a refinaria Abreu e Lima com a cana, setor onde a Petrobras já deveria ter uma participação muito maior e ainda recentemente anunciou um recuo nos investimentos, e onde o Governo Federal faz dumping de preços.

Num país que se diz ambiental, que sedia a Rio + 20, se investíssemos este mesmo recurso em Usinas de Cana novas (greenfields), poderiam ser feitas 68 unidades de 2 milhões de toneladas de cana cada. Bem distribuídas, em 68 pequenos municípios do Brasil, criariam quase 1000 empregos cada, gerando investimento, diversificação, renda e espalhando o desenvolvimento, pois demandariam nestas cidades a construção de casas, hotéis, restaurantes, academias, shoppings, que precisariam de gente para trabalhar, promovendo uma verdadeira farra de empregos e oportunidades, como que vi na semana passada em Chapadão do Sul (MS), apenas para citar um caso, em que fiquei maravilhado.

Com a produção destas 68 novas usinas, o Brasil:

a) voltaria a abastecer o crescente mercado mundial de açúcar, onde



foi perdida importante parcela de mercado, trazendo US\$ bilhões em exportações;

b) voltaria a abastecer com etanol uma grande parte da frota flex existente no mercado interno, onde 3 milhões de novos carros entram por ano;

c) teria etanol suficiente para exportar aos EUA, onde o produto feito de cana é privilegiado por ser considerado um combustível avançado, gerando mais US\$ bilhões em exportações;

d) deixaria de importar gasolina e diesel, que no primeiro semestre deste ano contribuíram com um buraco bilionário na balança comercial;

e) por outro lado, seria exportador de gasolina e petróleo, contribuindo positivamente para a balança comercial;

f) teria grande volume de biomassa para co-gerar nas Usinas eletricidade limpa para o crescente mercado interno brasileiro;

g) teria mais matéria prima para gerar os novos produtos promissores que se abrem a este setor, como o plástico, o diesel, o querosene e a gasolina de cana e muitos outros;

g) retomaria milhares de empregos perdidos nos polos produtores de equipamentos (bens de capital, notadamente Sertãozinho e Piracicaba);

h) geraria uma quantidade brutal de impostos com estes investimentos e com a venda do açúcar, etanol, eletricidade e outros produtos nos próximos anos;

i) o ar das nossas cidades, com os automóveis andando com etanol, seria bem mais limpo.

É melhor parar por aqui para não terminar com as “letras do vocabulário”.

Cada um destes itens merece um cálculo específico, mas afirmo que para um país que deve fechar a balança comercial deste ano com um saldo de apenas US\$ 15 bilhões, e que o FMI prevê que a mesma será deficitária em US\$ 3 bilhões em 2017, estas 68 Usinas inverteriam, com a redução de importações e aumento de exportações, pelo menos uns US\$ 15 bilhões na balança comercial brasileira.

Confesso que é difícil aceitar que uma obra fique nove vezes mais cara que o orçamento inicial, que fique três vezes mais cara que similares internacionais, que o nosso parceiro venezuelano na refinaria não tenha aportado um parafuso sequer, e que todos estes possíveis benefícios econômicos, ambientais e sociais da cana e do etanol não sejam vistos pelo Governo, pelas ONG's e pela sociedade brasileira.

## 21- UMA SECA IMPACTANTE

*Publicado na Revista Canavieiros em agosto de 2012.*

**O mês:** não bastasse o aumento do consumo mundial, fomos surpreendidos com a mais violenta seca nos últimos 50 anos nos EUA. A gravidade aumentou, já afetando 37% das propriedades e 43% da área agrícola. Também enfrentam secas as produções de Índia, Rússia, Ucrânia e Cazaquistão, trazendo reflexos para mais de uma safra e mudanças de políticas públicas e estratégias privadas nas organizações. São impactos, primários, secundários, de curto, médio e longo prazo, de diferentes magnitudes e relevância ao Brasil. No geral, os impactos são todos positivos, tirando um risco que temos.

O maior risco ao preços para os produtores no Brasil é a pressão para se reduzir os mandatos de mistura de biocombustíveis na gasolina em diversos países, mais notadamente nos EUA, onde a pressão de grupos contrários ao etanol é forte para liberar milho para a alimentação, o que traria grave impacto às indústrias de etanol. Torçamos para que isto não aconteça, no fundo o Brasil perde. A boa notícia é que abriu-se ótima janela para mandarmos etanol nosso, reconhecido como combustível avançado, aos EUA.

**Empresas:** neste mês tive a oportunidade de visitar a ETH, um dos grupos que mais investiu no negócio sucroenergético. Segue firmes na meta de chegar a 40 milhões de toneladas de cana processadas. Vem fazendo um trabalho consistente e resistindo às tempestades sucroenergéticas.

**Pessoas Canavieiras (homenagem):** quero dedicar um carinho especial ao meu professor Caetano Ripoli, da ESALQ. O grande Caetano, de brilhante carreira acadêmica, filho do nosso saudoso Romeu Italo Ripoli, ex-presidente do XV de Piracicaba, que fez história nos anos 70 e 80, e pai do Marco Ripoli, jovem já com doutorado e excelente carreira como executivo na John Deere. Caetano, uma pessoa que sempre escreve e fala o que pensa, de muitos assuntos e muitos livros, e que ajudou muito nas pesquisas de mecanização no setor de cana. Devemos muita produtividade ao amigo Caetano, e particularmente desejo que se anime, pois tem muita coisa pela frente.

**Aprendizado de Viagem:** neste mês o convite para uma palestra aos produtores de algodão em Chapadão do Sul (MS). Fiquei encantado com o que vi. Planejadas, largas e arborizadas avenidas, praça da catedral com academia ao ar livre, calçadas grandes e verdadeiras e muita gente indo trabalhar de bicicleta. Com os diversificados agrodólares trazidos pela soja, milho, algodão, pecuária, Usinas de cana e muitas outras atividades surgem

supermercados, revendas de automóveis, academias, restaurantes, hotéis, escritórios, explosão imobiliária (planejada). É o dinheiro do agro se espalhando por inúmeros empregos e gerando desenvolvimento. Uma delícia ver e sentir o Brasil da produção, este que silenciosamente sustenta o Brasil do mensalão.



**Mercado de Cana:** tivemos declarações interessantes do presidente do BNDES e da presidente da Petrobras que o negócio de cana precisa voltar a crescer, mas não são as pessoas que resolvem. Também de que finalmente a gasolina vai subir de preços. Porém, passou mais um mês e nenhuma das medidas necessárias foi tomada. Resta esperar que uma possível escassez de gasolina no final do ano, devido às dificuldades logísticas de importação e aumento do consumo sensibilize politicamente o Governo Federal, pois aí a população vai gritar.

**Haja limão:** este mês estamos lotados de assuntos para tratar na parte do “haja limão”. Tive que selecionar dois deles. A refinaria Abreu e Lima da Petrobras e a greve dos caminhoneiros.

Como pode uma obra ficar nove vezes mais cara que o orçamento inicial, três vezes mais cara que similares internacionais, que o nosso parceiro venezuelano na refinaria não tenha aportado um parafuso sequer. Em relação à greve dos caminhoneiros, tem gente que parece não estar sintonizada com as necessidades do Brasil. Não estou aqui criticando os caminhoneiros, que trabalham dia e noite para mover este Brasil, mas quem elaborou a lei será que foi ouvir os caminhoneiros ou fizeram de gabinetes refrigerados? Será que estes caminhoneiros não preferem dar uma esticada de 3 a 4 dias de trabalho forte para depois passar dois a três dias com a família? Fazer 11 horas de descanso onde... em um posto de gasolina destes precários? Será que quem escreveu não pensou no impacto nos custos de transporte para quem produz, no impacto para a inflação no Brasil? Que absoluta falta de prioridade, que falta de agenda, que falta de foco. Têm coisas mais importantes para resolver no Brasil.

## 22- OS IMPACTOS DA SECA

*Publicado na Jornal Brasil Econômico em 13/08/2012*

Este texto tem o objetivo de discutir os prováveis impactos primários e secundários nas integradas cadeias produtivas de alimentos, bioenergia, fibras e outras advindos do fato das secas que atingem a produção norte-americana, principalmente, mas também as produções de Índia, Rússia, Ucrânia e Cazaquistão. Os EUA, principal produtor mundial de grãos, enfrentam a maior seca dos últimos 50 anos, que já afetou 37% das propriedades e 43% da área agrícola.

Continuando a seca, os efeitos podem ser desastrosos em algumas cadeias produtivas, trazendo reflexos para mais de uma safra e inclusive mudanças de planejamento de plantio, de políticas públicas e estratégias privadas nas organizações. São 20 impactos aqui lembrados.

1 - Num primeiro momento houve grande aumento dos preços da soja e milho e, a partir destes aumentos, as cotações de outros grãos também subiram.

2 - Dependendo do volume de estoques que serão utilizados, seus níveis podem cair a volumes preocupantes, o que pode fazer esta situação de preços perdurar por mais de uma safra.

3 - Os efeitos nos países pobres importadores de comida podem ser devastadores, uma vez que preços de alimentos são diretamente ligados a estabilidade política e aos orçamentos para programas assistenciais e os próprios orçamentos das famílias passam a ser insuficientes.

4 - Impacto também nos países de grandes populações de classe média, como China, cada vez maiores importadores de alimentos, que alocarão mais recursos para importações.

5 - Com maiores preços dos grãos, os impactos nos custos da alimentação animal são grandes, reduzindo as margens das empresas de carnes e lácteos, uma vez que a transferência de preços aos supermercados muitas vezes não é imediata.

6 - O mesmo efeito ocorre com as empresas produtoras de biocombustíveis a partir de grãos, pois com preços de insumos mais altos, as margens são menores.

7 - Se os biocombustíveis aumentarem de preços, há reflexos em seu consumo, migrando para o consumo de petróleo, aumentando as pressões também para que este aumente de preços.

8 - Petróleo aumentando de preços aumentam os custos de produção e de transporte de alimentos, trazendo outro impacto negativo das secas.

9 - O aumento de preços de alimentos nos supermercados vai forçar as empresas de alimentos a cortarem custos, podendo refletir em seus orçamentos para propaganda, embalagem e até inovação, postergando projetos.

10 - Da mesma forma, como o alimento é o último item a ser cortado do orçamento de uma família, devem migrar recursos a serem utilizados em outros mercados, como entretenimento, eletrodomésticos e outros, para o consumo de alimentos.

11 - Produtores não afetados pela seca terão margens significativamente maiores, o que pode trazer valorização de terras e até dar mais velocidade ao processo de concentração existente na agricultura.

12 - Há o risco de se reduzir os mandatos de mistura de biocombustíveis na gasolina em diversos países, mais notadamente nos EUA, onde a pressão de grupos contrários ao etanol é forte para liberar milho para alimentação, o que traria grave impacto às indústrias de etanol, mas seria também uma ameaça ao Brasil, provavelmente a maior.

13 - O uso de mais petróleo e menos biocombustíveis também vai agravar as emissões de carbono, trazendo mais poluição.

14 - Preços de alimentos mais elevados trazem mudança de hábito de local de consumo, crescendo a venda em supermercados e diminuindo os gastos na alimentação fora do lar (restaurantes).

15 - O hemisfério sul vai ser estimulado a plantar mais soja e milho, interferindo nas áreas de algodão, trigo, cana, girassol, entre outras, o que pode refletir preços maiores em virtude de menores áreas plantadas e, conseqüentemente, menor produção.

16 - Por outro lado, bons preços trarão maiores investimentos em insumos e tecnologia, o que aumentará a produtividade nestas propriedades, contribuindo para repor estoques mundiais mais rapidamente que em condições normais.

17 - Seguradoras, principalmente nos EUA, terão grande impacto, bem como o orçamento dos Governos. Impacto também em pequenos municípios dependentes da agricultura, que com a seca perdem importante renda.

18 - A menor produção de cana na Índia pode fazer este país voltar ao mercado comprador de açúcar, ou exportar menos, contribuindo para uma retomada dos preços do açúcar no mercado mundial, beneficiando o Brasil.

19 - Maiores preços de alimentos incentivarão o fortalecimento de programas para reduzir o alto desperdício nas cadeias agroalimentares. Haverá também mais pressão nas empresas de insumos para produção de plantas mais tolerantes às secas.

20 - Os efeitos econômicos nas balanças comerciais, taxas de câmbio e crescimento em diversos países tendem a ser grandes, o que motivará políticas regulatórias de cotas, taxas e outras a disposição de Governos, causando mais distúrbios nas cadeias produtivas integradas.

Aqui estão listados alguns dos possíveis impactos nas intrincadas cadeias produtivas mundiais de alimentos. Alguns pesquisadores têm alertado que estas secas tendem a ser mais frequentes, principalmente nos EUA, o que deve estimular o plantio no hemisfério sul, beneficiando o Brasil. Isto tudo vem junto com o grande crescimento do consumo mundial de alimentos, portanto está armado um quadro preocupante. Definitivamente o assunto da crise alimentar volta às mesas das famílias e das discussões privadas e públicas.

## 23- O PARTIDO DA PRODUÇÃO

*Publicado na Revista Canavieiros em setembro de 2012.*

**O mês:** continuam muito boas as notícias ao agrobrasileiro. Aliás, eu não me lembro de ver um momento tão positivo para nossa agricultura, com produção, preços e câmbio jogando na mesma e boa direção. A safra 2011/12 nos trouxe 165,9 milhões de toneladas, quase 2% a mais que em 2010/11 e foi prejudicada pela seca no Sul. A safra que será plantada (12/13) pode chegar a 180 milhões de toneladas, que virão em um momento onde o Brasil mais precisa reverter a deterioração da balança comercial.

Nossa safra recorde de milho foi de quase 73 milhões de toneladas, que somadas à nossa safra de soja, de quase 67 milhões de toneladas, temos 140 milhões de toneladas. Esta é a mesma quantidade de milho usada pelos EUA para fazer etanol. Isto é para ver como podemos e devemos crescer, de maneira vigorosa, neste que é o melhor negócio do Brasil.

**Empresas:** neste mês tive a oportunidade de visitar a Fenasucro e ver como evoluiu a feira. Estão de parabéns todos os organizadores, desde Fernando da Multiplus, o pessoal da prefeitura, enfim, todos. Um evento espetacular. Gostei muito também de participar do evento de lançamento, com uma rápida palestra, do braço brasileiro da associação mundial de automação, e agradeço ao amigo Liboni pelo convite e a todos os parabéns por esta iniciativa.

**Pessoas Canavieiras (homenagem do mês):** quero fazer uma homenagem especial a uma lenda do setor canavieiro. Uma pessoa que tem um conhecimento íntimo do nosso desenvolvimento, dos grupos existentes, da economia e das histórias canavieiras. Ele começou em 1976, no Planalsucar, passando por Canaplan e hoje na presidência da UNICA. Sim, ele mesmo, o conhecedor, simpático e engraçado Antonio de Padua Rodrigues. Padua, parabéns por todo o trabalho feito em prol da cadeia sucroenergética brasileira. “É Piracicaba na fita”

**Aprendizado de Viagem:** fiz palestras aos produtores de Rio Verde e de Jataí, em Goiás. Duas potências, mais dois casos onde os diversificados agrodólares trazidos pela soja, milho, algodão, pecuária, usinas de cana e muitas outras atividades, acarretaram amplo desenvolvimento. É o dinheiro do agro se espalhando por inúmeros empregos e gerando desenvolvimento.

Numa das vezes fui de carro, passando pela excelente BR 364, lugares de linda geografia como a região de Campina Verde. Fiquei feliz em ver uma BR em excelentes condições de tráfego. O ponto negativo da viagem é o trecho entre Barretos e Frutal, que já deveria ser duplicado faz 10 anos. Aliás, onde estão as novas privatizações e duplicações de rodovias em São Paulo? Parece que demos uma parada.

**Mercado de Cana:** poucas coisas novas, apenas as notícias que devido ao clima o processo de colheita e processamento segue firme, o açúcar caiu de 20 cents/libra peso mas crescem os rumores que a tendência é de alta, pois podemos ter áreas com soja substituindo áreas com cana na Índia, que deve ter safra 4% menor e mesmo em partes do Brasil. O hidratado segue dando prejuízo, mas há sinais de que a gasolina pode subir em 2013 e que a mistura voltaria para 25%, porém, nada anunciado oficialmente.

**Haja limão:** este mês vamos para o assunto do Mensalão. O Brasil precisa de um novo partido, e fica aqui uma dica. Precisamos do PARTIDO DO TRABALHO. Um partido que valorize no Brasil e que imprima na gestão pública o trabalho, a produção, o mérito, o esforço para conquistar algo, a competência, a competitividade, enfim... (nem precisa de ética, pois quem se comporta com estes princípios acima quase sempre é ético). Um partido que tenha no seu DNA que primeiro vem a “geração de renda”, para depois fazer a distribuição dela.

Quem sabe o PT, após o final do processo do Mensalão, que vai condenar uma parte importante de seus líderes e na minha opinião, condena também todo um Governo, possa, com tanta gente boa e jovem que existe em suas fileiras, ressurgir com um novo pensamento, um novo posicionamento, e mudar de Partido dos Trabalhadores para Partido do Trabalho.

A mesma sigla, mas uma radical mudança de comportamento e visão. Existe hoje no Brasil um vácuo nesta área, e quem trabalha e preza o esforço do trabalho não está se sentindo representado. E trata-se de imenso número de pessoas. Fica aqui a dica.

Para fechar, nada ainda do Governo Federal em relação ao setor de cana. Muita reunião, nenhuma decisão até o fechamento desta edição. Precisava botar etanol aditivado nesta tartaruga.

Até a próxima!

## 24- UM BRASIL DEMOCRÁTICO

*Publicado na Revista Canavieiros em outubro de 2012.*

**O mês:** a economia brasileira vai crescer apenas 1,4% em 2012. Um balde de água fria, com reflexos em diversas áreas. E pouca coisa vem sendo feita para remover nossas travas ao crescimento, seja na área tributária, trabalhista, logística e outros. Precisamos caminhar mais rapidamente com as necessárias reformas e investimentos. A euforia permanece apenas no agro, onde nossa capacidade impressiona.

**Empresas:** este mês recomendo-os a visitarem o site da Nespresso, o supercafé da Nestlé. Para quem gosta da área de marketing, é impressionante o conceito que foi criado pela empresa, com um produto diferenciado. Desde o envolvimento de uma rede sustentável de fornecedores de café, de máquinas, as lojas conceito, enfim tudo com muita atenção à sustentabilidade. Acredito que o setor de café tende a ficar como os vinhos daqui alguns anos. Teremos produtos muito específicos, identificados com produtores, propriedades, regiões, sabores, ressaltando diversos outros atributos do produto.

**Pessoas Canavieiras (homenagem do mês):** a pessoa canavieira do mês é Elizabeth Farina, indicada a nova presidente da UNICA. Tenho o prazer de conhecer a Profa. Farina desde 1992, quando entrei no mestrado na FEA/USP e no Pensa. Tem um currículo invejável. É uma das melhores economistas do Brasil, foi presidente do CADE por 4 anos, o que propiciou grande experiência em Brasília, em negociações e relações com grandes empresas. É discreta, sabe escutar e tem grande capacidade analítica. Acertou em cheio a UNICA ao indicá-la. Terá nosso total apoio.

**Aprendizado de Viagem:** uma visita que eu recomendo é ao Uruguai. Bom, bonito e barato. Um pedacinho de Europa na América do Sul. Com sua grande área e pouca população, consegue interessantes indicadores sociais. Montevideu é uma cidade limpa, bonita de ser ver, cheia de água, de verde, excelentes restaurantes, hotéis, centro histórico. Punta del Este e Colônia são dois passeios muito bonitos que podem ser feitos em um dia a partir da capital.

Uma figura interessante é o Presidente Mujica. Um senhor com origem guerrilheira, mas que faz um Governo onde buscou apoio de ótimos técni-

cos nos diversos Ministérios, sua avaliação é muito positiva e continua com uma vida simples, mora na mesma chácara na periferia de Montevideu e dirige um Fusca. Manteve na prática o seu discurso pela ética quando subiu ao poder. Este é um que não sucumbiu à corrupção e à lambança com os recursos públicos como vemos por aqui.

O Uruguai está literalmente bombando. Por ser grande produtor do agrogócio, e com os preços atuais dos grãos, carnes e outros produtos, a renda vem entrando fortemente no país e se percebe um clima de euforia. Quem quiser dicas de onde ficar, passeios e restaurantes pode me mandar e-mail! Mas ressalto... fui mais uma vez a trabalho!

**Haja limão:** interessantes as surpresas que nos aparecem. De repente emergiu como grande figura nacional o Ministro Joaquim Barbosa. Com seu rigor e a grande sacada estratégica de fatiar o processo, não deixou com que o corporativismo e a força política prejudicasse o andamento do julgamento do mensalão. Pena que dois dos magistrados se destacaram por serem fiéis às suas origens, atuando de maneira quase que partidária no processo. O fato é este, a turma foi condenada, e tenho certeza que o leitor não esperava por isto. É um novo Brasil que surge, onde a palavra impunidade vai nos abandonando aos poucos, para sorte nossa. Teve grande repercussão mundial e serviu para começar a posicionar o Governo anterior no seu devido lugar.

Também tivemos mais um processo eleitoral amplo e democrático no Brasil, com agradáveis surpresas. O país vai aos poucos tomando importante consciência democrática.

Azar tiveram os venezuelanos. Lá, num país rico, lindo e cheio de recursos, a falta de visão prevaleceu e foi reeleito o atual presidente, que declarou que nesta próxima gestão será implantado o socialismo de maneira irreversível, com grande estatização de empresas, continuando a aplicar as riquezas do petróleo na política de “pão e circo” para manter seu curral eleitoral, deteriorando a capacidade competitiva do país. Foi por pouco, a oposição se organizou, mas não deu. Serão mais seis anos de um atraso irrecuperável. Lamento por este lindo país, rico e pelo povo venezuelano. Terra arrasada.

A partir deste momento, neste capítulo os convido a me acompanharem em viagem para a interessante, exótica e culturalmente riquíssima cidade de Lima, no Peru. Uma condição única de ser beira mar e não ter chuva, em

cima de uma falésia e a *costanera* lá em baixo, com lindos bairros como Miraflores e San Isidro, e outros não tanto, mas em transformação.

Usei a manhã livre para caminhar pelas ruas de Miraflores, muito policiasadas, lembrando Zeca Pagodinho e “deixando a vida me levar”, observando como cientista os comportamentos, comércios e ambientes. Tomei um inesquecível expresso, fotografando a cafeteria recém-inaugurada Juan Valdez, dos produtores colombianos. Uma culinária espetacular, recomendo conhecerem o *La Mar Cevicheria*, e a sequência com seis pratos, inesquecível.

O Peru tem grande riqueza na história. Palco de cultura, de golpes, de movimentos terroristas, e principalmente de reformas econômicas que permitem ser um país com incrível velocidade de crescimento e transformação, a China da América Latina.

Um taxista disse que o temível grupo terrorista Sendero Luminoso, tanto nos natais como nas passagens de ano, exatamente à meia-noite em Lima, cortava a energia, para mostrar sua presença. Pouco tempo atrás. Comprei um livro para conhecer mais a história deste grupo e seu líder, professor universitário como eu, hoje detido em estrutura militar no capricho geográfico que avança junto ao mar, em frente a Lima. Voltarei em novo conto com esta obra interessante.

A ida ao Peru foi para debate com economistas baseados nos EUA, na Europa e na América do Sul (o renomado Hernando de Soto), e ex-ministros do Chile e do Peru, nos Governos de Bachelet e Alan Garcia. Poucas pessoas falando no evento de macroeconomia e agricultura, entrei nesta segunda parte, uma honra no meio destas autoridades.

No jantar do dia anterior ao evento, 60 grandes empresários da América Latina, público-alvo dos organizadores. Fiquei na mesa dos palestrantes, completa com empresários. Se até então o conto está interessante, começa a apodrecer o ceviche.

A conversa rola para como está sendo a experiência nos EUA, a agricultura e como vejo a América do Sul, depois viajamos para a macroeconomia e comparações entre os países. Todos dão opiniões semelhantes do Brasil: um país bonito, povo bacana, mas difícil de se investir, um país caro, um país violento e que não cresce mais como crescia.

Na última vez que senti vergonha assim foi quando morava na Holanda, em 1998 e sempre sofria com estas conversas que diminuía meu país, e ocorriam... na mesa. Para mim uma sensação nova, o Brasil saindo de

moda. Estar na moda foi gostoso.

Depois de muito tempo na questão econômica, o assunto vai para amenidades. Perguntaram sobre os estádios da Copa, disse que parte já está em uso, alguns terão dificuldades econômicas depois, alguns com orçamentos estourados, mas todos ficarão prontos e lindos, padrão FIFA. Gosto deles, apesar das críticas. No sonho de que o Brasil lidere o futebol mundial, isto é importante.

E os aeroportos? Disse que após diversos, diversos e mais diversos anos e centenas de estudos, três foram finalmente privatizados, e nestes se veem grandes obras, que ficam prontas para o mundial. Sobre os outros não soube informar, pois dependem da estatal dos aeroportos, que mesmo tendo gente muito boa nos seus quadros, apareceu muito na mídia, porém em espaços não nobres, fruto da partilha do Estado.

Na sequência perguntaram como iremos fazer, já que o Brasil está muito violento, muito inseguro. A esta altura, já nervoso, me acalmei respirando fundo e percebendo que não estavam querendo me irritar, e sim, que tinham razão. Disse que faremos igual na Rio+20, que foi um sucesso de segurança. Nosso Exército assume com a Polícia, a parcela selvagem se recolhe até que a Copa termine, o Exército volta para as suas funções e os selvagens voltem às ruas outra vez.

Porém, nesta hora tive um lampejo, uma pequena vingança e disse que poderiam ir sim ao Brasil, mas principalmente aqueles que conseguirem a classificação, e não serão todos nesta mesa...

O jantar foi delicioso, conversa cordial mas indigesta. É duro assimilar tantas críticas, ver o sonho de país de primeiro mundo mais distante devido a nós mesmos, à nossa pouca capacidade de gestão.

Aproveitei a primeira chance e fui embora ao Hotel, com a desculpa da palestra. No táxi, um executivo de Banco, que vive em Nova York, mas cuida da América Latina, disse que a Cidade do México em quase todos os sentidos está se tornando melhor que São Paulo. Fui a nocaute. Depois de algum tempo em silêncio, só me restou falar do Neymar. Aí venci, pelo talento individual.

Fiquei sabendo na mesa que a Presidência do Brasil esteve no mesmo dia em Lima. Dia seguinte, pego o El Comercio, principal jornal, ainda depressivo, e não vejo nenhuma nota da visita na primeira página. Não há tam-

bém nenhum editorial, entre uns 15, que falasse da visita. Ocupamos metade da página cinco com uma foto, onde a Presidente dizia querer o comércio entre os países chegando a US\$ 10 bi em cinco anos, uma excelente e louvável meta.

Foi criado um grupo de trabalho para estudar a integração ferroviária, que a meu ver, pela importância do tema, deveria ter sido criado há três anos, e nesta visita já assinarem as obras. De papel mesmo, três convênios de cooperação: na área de meio ambiente, trabalhista e em comunicações (para que populações fronteiriças não paguem ligações internacionais) além de ajudá-los na instalação de farmácias populares.



Com base no jornal de Lima, achei uma agenda sem grande destaque, talvez por isto fugiu da primeira página. Torço para ter sido enganado pelo jornal. Há enganos que são gostosos.

Segue o evento, e entre as apresentações dos economistas, uma foi mortal. Mostrava indicadores aceitos internacionalmente sobre reformas feitas nos países, visando torná-los mais competitivos. A comparação era entre 2009 e 2013 e, entre uns 20 a 30 países, piores que nós, apenas Bolívia e Venezuela, este lindo país, mas em triste retrocesso graças às “chaves maduras”.

Continuam aparecendo dados de crescimento econômico e desenvolvimento, e também estamos mal na tábua comparativa. A mensagem é a de que os emergentes passaram a ser diferentes, e estas diferenças devem ser observadas pelos investidores, e para nossa tristeza, perdeu-se em parte o encanto com o Brasil, fomos para segunda divisão da América do Sul.

Mas por que este conto se refere a operação Jorge Chávez?

Sou curioso com estas coisas, li que o nome do “*Aeropuerto Internacional*

*Jorge Chávez*” em Callao, servindo Lima, é uma homenagem a um engenheiro e aviador nascido na França em 1887, filho de peruanos, que foi o primeiro a cruzar os Alpes em 1910, mas sofreu avarias, se acidentou no pouso e morreu quatro dias após.

Sua história, o jantar e a experiência no Peru me trouxeram o Brasil. Decolamos, subimos, passamos, entramos na moda, mas... descemos, pousoamos e paramos. Não tão drasticamente como o aviador Jorge Chávez, espero e... os próximos anos dirão.

Para acabar o conto e partirmos temporariamente do Peru, um pouco de humor. Ao simpático, idoso e educado taxista que me conduzia ao aeroporto, quase noventa minutos de aprendizado da história peruana, perguntei sério, para sentir sua reação: Este Jorge Chávez do aeroporto foi parente do falecido Hugo, *“acá del nuestro país vecino”*? Ele prontamente me respondeu: *“no... no...no...pelo amor de Dios, no”*.

## 25- AS AÇÕES NECESSÁRIAS PARA REVITALIZAR O SISTEMA AGROINDUSTRIAL SUCROENERGÉTICO

*Publicado na Revista Agroanalysis, Fundação Getúlio Vargas em 28/10/2012.*

Considero que dos problemas que vêm segurando os investimentos e o desenvolvimento da cadeia da cana, temos uma parcela de culpa do Estado (dois terços) e uma parcela de culpa privada (um terço). Começo falando da parcela privada, para depois falar da parcela do Estado e das ações.

### *A Agenda Mais Privada do que Pública*

Os problemas sob a ótica privada, o que chamo de “vazamentos do sistema hidráulico sucroenergético”. São ineficiências existentes na produção e na indústria, que precisam ser trabalhadas para estancar a “sangria de caldo” que aumenta os custos.

Grande parte desta sangria é consequência do crescimento forte, quase que descontrolado, que o setor teve entre 2004-2008, que gerou ineficiências.

Sempre tive em mente que preços de equilíbrio para pagar todos os custos eram de 14 cents/libra no açúcar e cerca de 70 centavos/litro no etanol hidratado. Passados cerca de cinco anos, empresários e pesquisadores do setor relatam agora a necessidade de um preço de 20 cents/libra no açúcar e R\$ 1/litro no etanol para equilibrar as contas.

A mensagem é que precisamos lutar para reduzir outra vez os custos de produção. Para isto, algumas das ações necessárias estão aqui listadas, tanto na produção agrícola quanto na industrial.

Na produção de cana os principais problemas são:

- Falta de renovação e conseqüente envelhecimento dos canaviais;
- Plantios feitos fora da época adequada;
- Expansão rápida feita em áreas de solos não corrigidos e pobres;
- Perdas maiores que o esperado vindas do sistema de plantio mecanizado;
- Baixo investimento em irrigação;
- Pouca adequação das variedades escolhidas para os plantios;
- Falta de qualidade de mão de obra disponível;

- Aumento do rigor da legislação trabalhista, impactando muito os custos de pessoal;
- Capacitação técnica das equipes de fornecedores e usinas ainda insuficiente;
- Alta rotatividade de pessoas e inflação de salários pela disputa por mão de obra;
- Ainda baixo nível de biotecnologia aplicado se comparado a outras culturas;
- Pragas de difícil controle e em expansão, principalmente nas novas áreas;
- Deficiência nos tratamentos culturais realizados pela falta de recursos;
- Tradicionalismo dificultando absorção de novas tecnologias;
- Pouco compartilhamento de ativos produtivos;
- Grandes efeitos negativos do clima sobre a produtividade;
- Falta de um plano estruturado para conquista das novas áreas;
- Falta de escala e eficiência para se atingir os novos módulos necessários para os sistemas motomecanizados.

Esta lista não é exaustiva, mas destes pontos, parte realmente pode ser justificada pela falta de renda para investir (rentabilidades negativas), porém em uma parte deles foram cometidos erros administrativos, erros de gestão. São pontos que precisam de melhoria para que os custos de produção de cana possam cair, afinal as terras estão cada vez mais caras e alta produtividade aliada a controle de custos é primordial nos próximos anos.

Na área industrial, temos também diversos pontos que podem ser atacados contribuindo para uma diminuição dos custos.

- Custos logísticos elevados (ineficiências na busca de cana e na distribuição do etanol e do açúcar);
- Custos de estocagem ficaram maiores;
- Elevada capacidade de produção ociosa nas indústrias, aumentando os custos unitários;
- Pouca flexibilidade para produzir maiores quantidades do produto mais rentável;
- Alto endividamento levando a elevados custos financeiros e comercialização prematura de produtos;
- Equipamentos ultrapassados em muitas usinas geram perdas grandes no processo;

- Aumento nos custos de manutenção das Usinas e nos prazos de entrega de serviços;

- Aumento dos custos do uso de subprodutos;

- Inflação de salários pela disputa por pessoas qualificadas;

- Curva de aprendizagem nos greenfields. Como muitas Usinas

novas começaram na década (cerca de 100) os custos de aprendizagem são altos, muitas ineficiências acontecem, que com o tempo começam a melhorar, diminuindo os custos.

Fora isto, devem ser permanentes os esforços em inovação para se reduzir os custos de transação. Isto significa reformar sempre o Consecana para que as partes possam focar nas atividades principais de produção com alta eficiência.

Boa parte desta agenda encontra-se no setor privado, portanto, se trabalharmos forte podemos reduzir os custos nas metas colocadas de 17 cents no açúcar e 0,80 centavos no etanol e com isto aumentar a rentabilidade com ações que estão sob o nosso controle.

### A Agenda Mais Pública do que Pública

Agora falta falar da parcela de política pública. Neste caso, não tem como deixar de falar da Petrobras, observando repercussões de recentes declarações da nova presidente da empresa.

O editorial do Estado de São Paulo em 27/06 pede para a presidente do Brasil e da Petrobras “livrar o país de alguns dos piores costumes consagrados no governo anterior, como o aparelhamento da administração, o voluntarismo, o favorecimento a grupos econômicos e a mistificação populista”.

O fato é que a Petrobras valia R\$ 430 bilhões em 2007 e hoje vale R\$ 237,3 bilhões. O valor da empresa caiu R\$ 190 bilhões e seus investimentos estão muito aquém dos esperados.



Segundo o Presidente da Petrobras Bioenergia, como o conselho da empresa recomendou investir apenas onde exista retorno financeiro, é provável que os investimentos previstos em etanol, de quase US\$ 2 bilhões até 2015, sejam postergados devido, justamente, à baixa rentabilidade. Ou seja, tem-se aqui um ciclo de pobreza, pois o uso político da Petrobras diminui a rentabilidade do setor de cana, que afugenta os investimentos, inclusive os da própria Petrobras, contribuindo para a grave crise que está instalada.

Há ainda na empresa uma equivocada visão, percebida na declaração de seu presidente (Valor, 05/07/12 - b14), que o tamanho do mercado de etanol até 2015 sofrerá um “encolhimento”. Como pode o mercado estar encolhendo se são vendidos quase 3 milhões de novos carros flex por ano? Não é o tamanho do mercado que está encolhendo, é a produção. A empresa confunde o que é oferta e o que é demanda.

Finalmente, o Governo resolveu autorizar a Petrobras a reajustar o preço da gasolina, algo necessário para que ela realize seu plano de investimentos de US\$ 236,5 bilhões. Mas o reajuste, de 7,83% foi insuficiente. De acordo com renomados bancos de investimento, os preços ainda estão defasados entre 8 a 10%. Mas como o governo eliminou a CIDE (contribuição de intervenção no domínio econômico), o preço da gasolina na bomba não sofreu qualquer alteração.

Ao eliminar totalmente a CIDE da gasolina e do diesel, cerca de R\$ 7 bilhões em arrecadação destinados diretamente à infraestrutura de transportes, já tão enfraquecida no Brasil, serão perdidos.

Não é possível recuperar este apagão dos últimos quatro anos, mas é possível rapidamente tomar medidas para que os investimentos voltem:

- aumentar a mistura de anidro na gasolina para 25%, o que consumiria mais de 1 bilhão de litros de etanol, influenciando positivamente nos preços do açúcar e nas rentabilidades do setor;
- zerar a cobrança de PIS e Cofins no etanol, reduzindo 12 centavos no custo do litro;
- trabalhar para que Estados reduzam a incidência de ICMS no etanol (em alguns casos, responsável por mais de 55 centavos do preço final);
- permitir um ligeiro aumento do preço da gasolina na bomba, sem impacto inflacionário (10 a 20 centavos por litro);

- encontrar institucionalmente maneiras para agilização dos apoios do BNDES (Proreforma, e outros), via Cooperativas ou outros mecanismos. Hoje existe enorme dificuldade em conseguir acesso aos recursos disponibilizados;

- Reduzir ou eliminar os impostos sobre equipamentos (bens de capital) dos greenfields ou de expansões, uma vez que estes projetos têm impostos acumulados de quase 25%;

- Leilões específicos para a bioeletricidade da cana, com tributação diferenciada, que reflita seu aspecto renovável e limpo.

Com estas medidas, o Governo brasileiro promoverá o crescimento do PIB via investimentos e não via consumo, que hoje representa a maioria das medidas de estímulo tomadas. Investimentos estes que vão gerar produção, empregos e interiorização de desenvolvimento.

## 26- GESTÃO POR ACIDENTES

*Publicado na Revista Canavieiros em novembro de 2012.*

**Empresas:** queria aqui deixar um registro às empresas que nos atendem no setor de defensivos. Tenho oportunidade de participar em palestras e discussões com os times de cana da FMC, Syngenta, Bayer, Basf e Arysta. É impressionante a vontade que esta turma está de inovar, de acertar, de buscar soluções e de estar mais próximo do produtor, criando, capturando e compartilhando valor. A proximidade das grandes empresas com as cooperativas, associações, fornecedores e usinas será fundamental nesta nova fase do setor, onde temos que trabalhar com parcerias, com inovações e com desperdício zero. Parabéns!

**Pessoas Canavieiras (homenagem do mês):** a pessoa canavieira do mês é o Ismael Perina. Tenho acompanhado de perto sua incansável luta pelo setor, e isto envolve participar de inúmeras reuniões em diversos lugares, investindo tempo em deslocamento, esforços que poucas vezes são reconhecidos. Ismael sempre falando nos fóruns sobre os problemas do fornecedor de cana e defendendo a classe. Parabéns Ismael, meu homenageado do mês.

**Aprendizado de Viagem:** dia 13 de novembro fui convidado a fazer uma palestra na Aplacana, em Monte Aprazível. Fui muito bem recebido lá pelas pessoas, e pude falar no espaço completamente lotado. Aí veio a surpresa ao final, que tinha sido a palestra inaugural da nova sede, que ficou linda. Parabéns aos produtores da região, que tem agora um espaço muito bom para se encontrarem e promoverem as ações coletivas, que são cada vez mais fundamentais ao setor. Agradeço ao presidente Donaldo e em nome dele ficam registrados meus parabéns a todos. Também destaco a alegria de participar da premiação feita pela Coplana às crianças que participaram da competição dos desenhos e frases e da oportunidade de falar à gente guerreira da Copercana no evento de 21 de novembro.

**Mercado de Cana:** Acho que começam a melhorar as notícias. Safra um pouco maior, produtividade crescendo, clima indo bem. Resta esperar melhoria de preços, mas as pressões não são boas no mercado do açúcar, estima-se que teremos oferta maior que a demanda em mais de 5 milhões de toneladas, o que deve levar a recomposição de estoques e preços comprimidos. O duro é saber que poderíamos inverter este quadro se o etanol remuneras-

se adequadamente e tivéssemos uma safra bem mais alcooleira. Seria um jogo ganha ganha, mas que não depende de nós.

**Haja limão:** É impressionante a insensibilidade social e de exclusão de fornecedores, presente no Governo Federal – fazendo as 100, 120



novas usinas necessárias para o Brasil até 2020, teríamos a geração de 100 a 120 mil postos de trabalho. Com isto promoveríamos a inclusão e o desenvolvimento social. O Governo e parte dos Procuradores da República, do Ministério Público também são insensíveis com os fornecedores de cana, uma vez que ficam fazendo exigências a um setor que nos últimos dez anos trabalhou de graça para a sociedade brasileira, sem ganhar nada. Sem dizer da grande insensibilidade ambiental, pois a falta de etanol para abastecer a crescente frota flex (3 milhões de novos automóveis por ano) e o aumento do consumo de gasolina está fazendo com que o Brasil deixe de atender às metas ambientais fixadas pelo país nas instituições internacionais. Como as emissões do etanol estão em 10 a 15% das emissões de gasolina, somente no Estado de São Paulo, de acordo com o Consema, entre 2009 e 2011, houve um aumento de emissões de 3,4 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> pela troca do etanol pela gasolina.

Para um país que não consegue planejar, é uma triste constatação. No Brasil temos a gestão por sustos. Precisa um avião parar por dois dias na pista de Viracopos e dar um prejuízo de R\$ 25 milhões a Azul, para se perceber que não tinha o aparelho de remoção e que não temos uma segunda pista num dos aeroportos mais importantes do continente. Precisa o Ministro da Justiça dizer que prefere morrer a ir para nossos presídios para alguém descobrir que uma porcentagem muito pequena da verba que estava alocada para reforma e construção de presídios tinha sido usada. Já está evidente que a Rodovia Anhanguera precisa, para ontem, de uma terceira faixa entre

Cordeirópolis e Pirassununga, pois está absolutamente congestionada já, quiçá até Ribeirão. Não se planeja, não se pensa no futuro, e o mais triste. sobram os recursos...

**Agradecimento:** faço também aqui um agradecimento especial às Cooperativas, Associações do Setor de Cana e algumas Usinas, que estão fazendo compras empresariais do meu livro novo (Doutor Agro, Editora Gente) para distribuir de presente de Natal à imensa comunidade agro. É mais uma forma de comunicarmos que o Agro e a Cana são bons ao Brasil. Obrigado, é um esforço pelo agro, fácil leitura, tem todos os meus textos e críticas à miopia generalizada que afeta os negócios no Brasil.

## 27- AS INSENSIBILIDADES SUCROENERGÉTICAS

*Publicado no Blog da Revide em dezembro de 2012.*

Este texto tem o objetivo de discutir a grande falta e sensibilidade da sociedade brasileira e notadamente do Governo Federal, com os aspectos ligados ao setor sucroenergético. De maneira didática, resumo nossa falta de visão e a conseqüente perda de grande oportunidade de desenvolvimento econômico, social e ambiental, em 11 insensibilidades descritas a seguir.

1 - Insensibilidade econômica. Diferentemente do setor de etanol nos EUA, o etanol no Brasil carece de um plano estratégico feito pelo Governo e pelo setor privado, que diga de maneira simples que metas devemos atingir em 2020, por exemplo. Um plano que contemple quanto se deseja que a frota flex use de etanol, quanto iremos exportar de açúcar, quanto etanol será adicionado na gasolina, enfim, uma visão de médio e longo prazo que permita previsibilidade ao investidor.

Estas metas poderiam trazer para a produção de cana pelo menos 8 a 10 milhões de hectares de pastagens, notadamente degradadas, gerando grande desenvolvimento econômico e investimentos por todo o Brasil, mas principalmente em Minas Gerais, no Centro Oeste e o Semi-Árido, com irrigação.

O fraco desempenho do PIB Brasileiro neste ano, um dos piores do mundo emergente, mostra que sem esta insensibilidade talvez o quadro do PIB seria outro. Tivemos um Governo que se preocupou fortemente com a distribuição de renda, o que é louvável, mas deixou de lado a agenda da geração de renda, ou seja, a agenda da competitividade de nossas empresas, para que pudessem produzir mais, exportar mais, e assim, gerar mais PIB. O resultado disto está aí. Um PIB aquém do necessário. Nos dois primeiros anos do Governo Dilma andamos de lado.

2 - Insensibilidade social e de exclusão - fazendo as 100, 120 novas usinas necessárias para o Brasil até 2020, teríamos a geração de 100 a 120 mil postos de trabalho. Com isto promoveríamos a inclusão e o desenvolvimento social. O Governo e parte dos Procuradores da República, do Ministério Público também são insensíveis com os fornecedores de cana, uma vez que ficam fazendo seguidas e mais complexas exigências a um setor que nos últimos dez anos trabalhou de graça para a sociedade brasileira, sem ganhar nada, como os dados de custos e preços atestam.

3 – Insensibilidade ambiental – a falta de etanol para abastecer a crescente frota flex (3 milhões de novos automóveis por ano) e o aumento do consumo de gasolina está fazendo com que o Brasil deixe de atender às metas ambientais fixadas pelo país nas instituições internacionais. Como as emissões do etanol estão em 10 a 15% das emissões totais de gasolina, somente no Estado de São Paulo, de acordo com o Consema, entre 2009 e 2011 houve um aumento de emissões de 3,4 milhões de toneladas de CO<sub>2</sub> pela troca do etanol pela gasolina.

Por mais incrível que possa parecer, as ONG's ambientalistas não abraçam a causa do etanol, criando uma campanha, por exemplo “veta Gasolina”, como a eficiente campanha “veta tudo Dilma” que orquestraram durante os debates do Código Florestal.

Um exemplo desta falta de sensibilidade do Governo na questão ambiental está a recente regulamentação que vai obrigar os postos de combustível a divulgar o benefício econômico do etanol (a equação dos 70%), mas por que não incentivar os postos a divulgarem o benefício ambiental do etanol? Isto não está na regulamentação.

4 – Insensibilidade em relação a trabalho e capacitação – O Brasil tem uma das legislações trabalhistas mais anacrônicas entre os países produtores de cana, e isto aumenta muito os custos de produção no campo e nas Usinas, além de uma indústria de indenização instalada no setor. O trabalhador no Brasil teve grande ganho salarial nos últimos dez anos, mas pouquíssimo ganho de produtividade. Mão de obra hoje é desvantagem competitiva a quem opera no Brasil, reduz a capacidade de geração de renda de nossas empresas. Isto aconteceu em cinco anos.

5 – Insensibilidade com o setor de bens de capital – O Brasil desenvolveu ao longo dos últimos 50 anos uma indústria de bens de capital destinada ao setor sucroenergético admirada mundialmente, geradora de inovações e muitos empregos. Hoje este setor encontra-se em enorme dificuldade, pois praticamente não se fazem mais usinas novas devido ao baixo retorno do investimento. Suas vendas caíram e a crise se instalou no setor desde 2008. Isto poderia ter sido evitado se tivéssemos uma visão estratégica da bioenergia.

6 – Insensibilidade com a balança comercial – aqui o fato é grave. A lacuna de etanol competitivo no mercado interno está fazendo com que o Brasil

importe uma quantidade brutal de gasolina. A estimativa é que o Brasil gaste em 2020 US\$ 58 bilhões em importações de gasolina, recurso hoje inexistente no escasso saldo comercial do Brasil, que deve passar a déficit até 2017.



Fora isto, poderíamos ter mais etanol para atender todo o espaço aberto nos EUA para o etanol de cana, além de ter mais açúcar para exportar. Se o Brasil conquistar 60% do crescimento do consumo mundial de açúcar até 2020, poderia trazer no período US\$ 80 bilhões ao país. Este é um grave problema da falta de visão do Governo brasileiro, prejudicando a balança comercial, que não vai bem.

7 - Insensibilidade de logística e abastecimento - ao zerar a CIDE na gasolina, o Governo retirou R\$ 7 bilhões que seriam investidos em infraestrutura logística, na já combatida logística brasileira. Fora isto, ao não planejar adequadamente, estimular a venda de carros novos e não dispor de suficiente estrutura para importação, o Governo poderá ver faltar gasolina no Brasil, o que prejudicará fortemente sua popularidade.

8 - Insensibilidade com a Petrobras - ao importar gasolina mais caro que o preço vendido aqui dentro do Brasil, o Governo força a área de abastecimento da Petrobras a prejuízos incalculáveis, afetando o valor da empresa, a capacidade de investimento e sua vida econômica. A Petrobras vem se desfazendo de ativos para pagar esta conta. Até quando?

9 - Insensibilidade com a inovação - diversas empresas estão trazendo inovações que permitem um uso muito maior da cana. Estas vão desde o plástico, o diesel, o querosene, a gasolina de cana, e com a escassez de cana, estas oportunidades não poderão ser aproveitadas na velocidade necessária ao Brasil.

10 - Insensibilidade com a comunicação e posicionamento - no exterior só se fala bem, só se elogia a cana e sua capacidade de suprir energia. Aqui no Brasil, na maioria das vezes o que se tem são críticas infundadas, o

que demonstra, por parte do Governo e da sociedade, uma profunda falta de entendimento dos benefícios que todos recebemos por termos a cana instalada no Brasil.

11 - Insensibilidade tributária - por ser de fontes renováveis e não poluentes, o etanol, a bioeletricidade da cana mereceriam um tratamento tributário absolutamente diferente do observado na gasolina, nas outras formas não renováveis de eletricidade. Não é o que se observa. Idem para a bioeletricidade da cana.

Feitas estas ponderações, é fácil se chegar a uma conclusão que existe por parte do Governo Federal, principalmente, mas também dos Governos Estaduais, e consequentemente da sociedade brasileira, uma miopia impressionante com as possibilidades que a cana poderia trazer em desenvolvimento econômico, social e ambiental. Há anos que alerto via palestras e artigos na grande imprensa de todos estes problemas, mas lamentavelmente a inoperância nesta área é inacreditável.

Com medidas adequadas o Governo brasileiro promoverá o crescimento do PIB via investimentos em geração de energia, algo fundamentalmente estratégico no mundo e não via consumo, que hoje representa a maioria das medidas de estímulo tomadas. Investimentos estes que vão gerar produção, impostos, empregos e interiorização de desenvolvimento.

Resta esperar que alguma destas insensibilidades atropеле fortemente o Governo, para que este se movimente, antes tarde do que nunca, e se sensibilize para esta enorme perda econômica, social e ambiental que tivemos.

## 28- O CUSTO DO TRABALHO NO BRASIL

*Publicado na Revista Canavieiros em dezembro de 2012.*

**O mês:** O agro exportava US\$ 20 bilhões em 2000 e termina 2012 exportando praticamente US\$ 100 bilhões para mais de 200 países, se tornando um dos mais importantes fornecedores mundiais de alimentos e gerando incrível saldo na quase deficitária balança comercial do Brasil. Sua crescente produção deve gerar uma renda no campo de R\$ 300 bilhões em 2013, que se espalhará nos pequenos e médios municípios produtores do interior do país, recursos que entram para construir hotéis, restaurantes, agências de automóveis, academias, residências, criando uma farra em sua circulação e promovendo um real desenvolvimento interiorizado.

**Empresas:** tive oportunidade de conversar com as diretorias e fazer palestras neste mês nas três grandes cooperativas da região, nosso trio de ferro, Copercana, Coopercitrus e Coplana. Ficam registrados meus parabéns à forma com a qual estas organizações vêm sendo gerenciadas, a solidez financeira e aos crescimentos destas. Estas três organizações, como quem convive com elas há 15 anos, como observador, consultor, conselheiro e palestrante, precisam fazer muito mais atividades em conjunto. Todos tem a ganhar com esta maior integração.

**Pessoas Canavieiras (homenagem do mês):** Vamos homenagear neste mês o nosso incansável Lelo Bighetti. Rodando por todo lado, defendendo a cooperativa e, além de tudo, sempre com boas histórias para contar. O homenageado do mês.

**Haja limão...** o custo do trabalho: O Brasil tem uma das legislações trabalhistas mais rigorosas entre os países produtores de cana, e isto aumentou muito os custos de produção no campo e nas Usinas, além das indenizações muitas vezes falsas que se instalou no setor. O trabalhador no Brasil teve grande ganho salarial nos últimos dez anos, mas pouquíssimo ganho de produtividade. Mão de obra hoje é desvantagem competitiva a quem opera no Brasil, reduz a capacidade de geração de renda de nossas empresas. Isto aconteceu em cinco anos. São urgentes as modificações necessárias na legislação trabalhista, como se percebe quase que com artigos diários na imprensa, escrito por especialistas. É necessário mudar isto urgentemente.

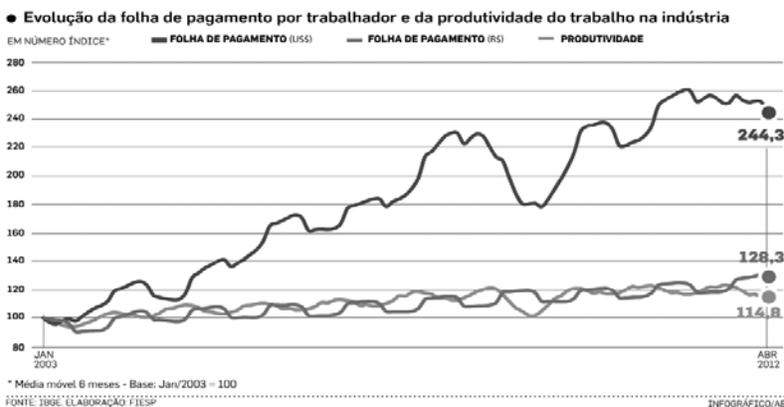
As fiscalizações trabalhistas deveriam ter uma postura mais de orientação para uma futura adequação do que a punição direta dos produtores. Há ainda a necessidade de muito aprendizado por parte dos produtores, que vem melhorando aos poucos. A cultura de alguns produtores ainda é retrógrada e leva tempo para haver esta mudança sem prejuízo da atividade econômica. As margens da atividade não vêm permitindo uma adequação imediata a tudo o que se pede. Existem inclusive comentários que o excesso de exigências inclusive piora as condições e qualidade de vida do funcionário, pois o produtor tira a moradia, tira a refeição, em virtude de todas as exigências e os riscos envolvidos.

Ainda sobre a NR 31, existe plena consciência nos produtores de cana com os quais conversei de que é necessário sempre tentar melhorar as condições de trabalho existentes, mas hoje, com as margens praticamente negativas, o atendimento pleno da norma é impossível e levará ao abandono da atividade, podendo, ao invés de melhorar, piorar as condições de trabalho justamente por eliminar postos de trabalho com o fechamento dos negócios.

O gráfico 1 reforça isso, mostrando a relação entre produtividade e remuneração salarial nas indústrias.

Agradecimento: Aos amigos da Copercana por abrirem este espaço de discussão mensal, onde de maneira menos estruturada e mais em tópicos, podemos colocar nossas ideias. O agradecimento a Deus pelo ano de 2012, provavelmente inigualável em termos das conquistas realizadas no Brasil e no exterior, além da chance de uma proximidade e intimidade muito maior com o produtor de cana, conhecendo e relatando seus problemas.

### SALÁRIO EM ALTA, PRODUTIVIDADE EM BAIXA



*Relação Produtividade - Remuneração salarial - Fonte: Elaborado por FIESP a partir de IBGE*

## 29- É O CENÁRIO COMEÇA A MELHORAR

*Publicado na Revista Canavieiros em janeiro de 2013.*

**O mês:** Fechamos o ano com exportações de US\$ 96 bilhões no ano de 2012. Não deu para atingir os US\$ 100 bilhões. Se não tivéssemos o problema na cana, bem como preços médios dos nossos produtos 7% menores, facilmente atingiríamos. Mesmo assim crescemos 1% em relação a 2011, o que foi ótimo, considerando-se que 2012 foi um ano contaminado de crises. O agro trouxe ao Brasil um saldo na balança comercial de quase US\$ 80 bilhões, pois as importações do agro caíram. Salvou o Brasil.

2013 promete ser um dos melhores anos da nossa agricultura, consolidando definitivamente o agronegócio como o principal negócio do Brasil. Estima-se uma safra de mais de 180 milhões de toneladas de grãos, e a renda da agricultura brasileira, considerando-se todas as culturas, deve chegar a R\$ 305 bilhões neste ano. Imaginem o impacto desta renda nos municípios agrícolas.

**Empresas:** Vai este mês uma referência especial a Adecoagro. Com todas as dificuldades existentes, foi anunciado um greenfield para processar 4 milhões de toneladas de cana, na cidade de Ivinhema, MS. O grupo espera moer 9,3 milhões de toneladas em 2014. Obteve o financiamento do BNDES, na casa de US\$ 480 milhões. Mãos à obra. É um sinal que os investimentos estão voltando. O BNDES deu declarações que espera para 2013 a volta de investimentos.

**Pessoas Canavieiras (homenagem do mês):** Vamos homenagear neste mês o Luis Roberto Pogetti, da Copersucar. Estou muito contente em ver os movimentos estratégicos que esta empresa está fazendo seja como trading de etanol nos EUA (Eco-Energy), como na comercialização de açúcar na China. Movimentaram 10 bilhões de litros em 2012 e devem chegar a 12,5 bilhões em 2013. É o homenageado do mês.

**Aprendizado de Viagem:** 2013 promete em viagens. Começa com uma imersão na Índia, de 15 dias, um programa de visitas a empresas e organizações, espero ter muito aprendizado. Terei também oportunidades de falar do agrobrasileiro. Como foi um período de férias, deixo ao leitor uma recomendação. Estive no Grande Hotel São Pedro, por alguns dias. Definitivamente recomendo. Está novíssimo, um atendimento inigualável e uma comida digna de ganho de peso. Fora que... é pertinho.

**Cana:** Já foi veiculado o aumento de 7% para a gasolina, o que deve permitir melhores margens e consumo do hidratado e a volta da mistura para 25% deve ocorrer ainda em maio/junho, o que pode trazer um consumo adicional de etanol de quase 2 bilhões de litros. Existem boas perspectivas de continuar a exportação para os EUA. De tal forma, acredito que um impulso no etanol e uma safra bem mais alcooleira, pode interferir já nos preços do açúcar e trazê-los de volta a patamares remuneradores, o que seria um alento para o setor e para as exportações. Fora isto, para 2013 espera-se que a Indonésia já surja como maior importadora mundial de açúcar. Realmente é o bicho-papão asiático o destino das nossas exportações, cada vez mais.

**Haja limão!** Estamos aí mais uma vez frente a uma possibilidade, ainda que remota, de racionamento de energia no Brasil. Mesmo que esta não aconteça, estamos desperdiçando rios de recursos com as poluentes termoelétricas. Mais uma vez o país é surpreendido, pela sua dificuldade de planejar. O impressionante é que em toda esta crise que aí está colocada, pouco de fala da capacidade do setor sucroenergético de suprir uma Itaipu, ou três Belo-Montes.

Outra notícia triste. A eficiência dos motores a etanol é de 68% em relação a gasolina, segundo o INMETRO, em ampla pesquisa. Está definitivamente nos devendo a indústria automobilística, uma solução melhor que esta, ainda mais quando o carro flex comemora 10 anos de vida.

**Para terminar:** Importações de gasolina em 2012 foram de quase 3,8 bilhões de litros, 70% a mais que em 2011. Isto representou um desfalque de US\$ 2,91 bilhões em importações que poderiam ter sido evitadas. Comparando-se com 2011, o Brasil importou US\$ 1,3 bilhões a mais. Ao vender a preços inferiores aos pagos no mercado internacional, a defasagem por litro superou 30 centavos. Haja miopia!

## 30- AS PERSPECTIVAS DA CANA EM 2013/14

*Publicado no Portal NovaCana em janeiro de 2013.*

Este artigo tem como objetivo compartilhar as visões para esta próxima safra que se inicia em abril/maio deste ano, a chamada safra 13/14. Divido a análise em relação a produção de cana, produção e mercado de açúcar, de etanol, cogeração e outros aspectos relevantes ao momento do setor sucroenergético, concluindo com algum otimismo.

Em relação à produção de cana, fechamos a safra 2012/13 já em ligeira recuperação. A moagem no Centro-Sul ficou próxima a 540 milhões de toneladas, um crescimento ao redor de 7% em relação à safra anterior, porém com produtividade 1% menor em ATR. No ciclo 2013/14 as estimativas indicam que a safra de cana deve chegar a 580/590 milhões de toneladas. Com uma safra esperada em quase 60 milhões de toneladas no Nordeste, o Brasil colherá a maior safra de cana da história, cerca de 640 milhões de toneladas, porém ainda aquém do potencial de consumo existente na frota flex e aquém do necessário para voltarmos a conquistar mais de 50% do mercado mundial de açúcar.

O clima vem contribuindo, bem como os investimentos feitos em renovação, para que possamos ter melhor produtividade também. Espera-se que a produtividade possa voltar próxima aos patamares de 80 toneladas/hectare, consequentemente com alguma redução nos custos de produção, que se tornaram insustentáveis nos últimos anos.

A produção de açúcar no Centro Sul, que nesta safra foi de pouco mais de 34 milhões de toneladas, quase 9% maior que no ciclo 11/12, deve chegar a 36 milhões de toneladas nesta nova safra no Brasil, mas é difícil fazer esta previsão pois esta produção é muito suscetível ao que acontecerá no mercado de etanol, onde as variáveis são de maior interferência e menos controláveis pelo setor privado.

Existe uma previsão de superávit de cerca de 7 milhões de toneladas no mercado mundial de açúcar, que deve contribuir para reduzir preços. O consumo segue forte na Ásia, devido a seu crescimento econômico e urbanização, e devemos ter boas importações vindas da China, Indonésia e outros países. Estima-se inclusive que já neste ano a Indonésia pode se tornar o maior importador mundial, com mais de 3 milhões de toneladas.

Suas importações estão crescendo 10% ao ano. Como sempre, resta torcer pelo consumo, uma vez que o mundo deve crescer mais em 2013 que no conturbado ano de 2012.

Para comentar do etanol, onde na minha visão trata-se de uma das maiores miopias do Governo Federal, antes temos que contar a triste história da gasolina em 2012. As importações de gasolina em 2012 foram de quase 3,8 bilhões de litros, 70% a mais que em 2011. Isto representou um desfalque de US\$ 2,91 bilhões em importações que poderiam ter sido evitadas na balança comercial brasileira. Comparando-se com 2011, o Brasil importou US\$ 1,3 bilhões a mais em gasolina, absolutamente desnecessário se um bom planejamento tivesse ocorrido. Eu mesmo alerto sobre isto há 4 anos em textos na grande mídia.

Ao vender a preços inferiores aos pagos no mercado internacional, a defasagem por litro superou 30 centavos em média, o que comprometeu fortemente a capacidade de investimento e o valor da Petrobras. Parece que finalmente o Governo foi sensibilizado por este fato. Já foi veiculado o aumento de 7% para a gasolina, o que deve permitir alguma recuperação de margens e trazer ainda um maior consumo do hidratado pelos brasileiros. É um alento ao setor e a Petrobras, pena que tenha vindo tão tarde, os prejuízos são enormes.

A volta da mistura para 25% deve ocorrer ainda em maio/junho, o que pode trazer um consumo adicional de etanol de quase 2 bilhões de litros, além de contribuir para o caixa da Petrobras e ajudar para um menor impacto inflacionário. Como a safra deve começar mais cedo, o quanto antes forem anunciadas estas medidas, mais ganhará o Brasil pelos seus efeitos no mercado. É um Governo teimoso, isto vem sendo dito há três anos. Se estas medidas viessem antes, a situação da Petrobras, da balança comercial e do setor de cana seriam muito mais saudáveis.

A produção de etanol na safra que se encerra no Centro Sul foi de pouco mais de 21 bilhões de litros, quase 4% a mais que no ciclo anterior. Foram quase 9 bilhões de litros no anidro (cerca de 18% a mais que em 11/12) e 12 bilhões para o hidratado. Foi uma safra onde 50,3% da cana foi destinada a etanol.

Existem boas perspectivas de continuar a exportação de etanol para os EUA, um mercado de quase 50 bilhões de litros, onde o Brasil ocupou pou-

co mais de 3 bilhões de litros em 2012, representando importantes US\$ 2,2 bilhões na balança comercial brasileira. Especialistas em clima dizem que a seca que atingiu a área produtora de milho americana em 2012 será mais frequente, os estoques de grãos estão relativamente baixos, o que deverá manter os preços do milho em patamares mais altos. O USDA estima uma produção de etanol 10% menor nos EUA em 2013, algo próximo a 12,6 bilhões de galões, abrindo importante janela para a colocação de etanol brasileiro.

De tal forma, acredito que um impulso no etanol e uma safra bem mais alcooleira, pode interferir já nos preços do açúcar e trazê-los de volta a patamares remuneradores, o que seria um alento para o setor e para as exportações.

Outro fator que deve jogar favoravelmente é que a Índia está iniciando um programa de adição de 5% de etanol em sua gasolina, o que deve também contribuir para a redução na oferta de cana.

No tocante à cogeração, estamos aí mais uma vez frente a uma possibilidade, ainda que remota, de racionamento de energia no Brasil. Mesmo que esta não aconteça, estamos desperdiçando rios de recursos com as poluentes termoelétricas. Mais uma vez o país é surpreendido, pela sua dificuldade de planejar.

O BNDES concedeu US\$ 350 milhões em 2012 para investimentos em cogeração, um número 18% menor que o volume de 2011. Estima-se que o custo desta energia esteja ao redor de R\$ 150/MWh, muito acima dos preços de R\$ 100/MWh ofertados em 2012.

Talvez o risco de apagão e o enorme custo político que isto trará possa sensibilizar o Governo para a questão da eletricidade vinda da cana. As ferramentas de políticas públicas (estímulo financeiro aos investimentos, diferenciação na tributação, investimentos em transmissão) estão amplamente disponíveis ao Governo. Estima-se que o setor hoje pode fornecer 6,5 mil MW, mas oferece cerca de 10% deste potencial. O impressionante é que em toda esta crise que aí está colocada, pouco de fala da capacidade do setor sucroenergético de suprir uma Itaipu, ou três Belo-Montes. Trata-se de mais uma miopia.

Entre os movimentos empresariais de destaque no período, vale ressaltar a compra, pela São Martinho, dos ativos agrícolas da Dreyfus na Usina São



Carlos por um múltiplo próximo a US\$ 50/tonelada. É um movimento que mostra que na produção de cana teremos uma concentração e especialização cada vez mais fortes, trazendo grandes mudanças.

Com todas as dificuldades existentes, foi anunciado pela Adecoagro um greenfield para processar 4 milhões de toneladas de cana, na cidade de Ivinhema, MS. O grupo espera moer 9,3 milhões de toneladas em 2014. Obteve o financiamento do BNDES, na casa de US\$ 480 milhões. É um sinal que os investimentos estão voltando. O BNDES também deu declarações que espera para 2013 a volta de investimentos. Não é possível que um setor tão crucial para o desenvolvimento brasileiro tenha tido, em 2012, um desembolso pelo BNDES de R\$ 4,2 bilhões, quase 30% a menos que o valor investido em 2011. Algo está errado.

Vale destacar também os movimentos feitos pela Copersucar, que com sua controlada trading Eco-Energy nos EUA, já conta com quase 20 Usinas nos EUA (com contratos de exclusividade na comercialização do etanol). Um volume de 10 bilhões de litros levou a empresa a ter uma participação mundial de 12% no etanol comercializado em 2012, devendo chegar a 12,5 bilhões de litros em 2013. Tal como se observou no setor de suco de laranja, carne bovina, frango, é uma empresa do Brasil avançando na comercialização mundial.

Outro assunto que voltou à tona nestas férias foi o da eficiência dos motores a etanol. Esta é de 68% em relação a gasolina, segundo o INMETRO, em ampla pesquisa. O melhor motor, de 327 modelos testados, teve apenas

72,8% de eficiência. A indústria automobilística está definitivamente nos devendo, uma solução melhor que esta, ainda mais quando o carro flex comemora já 10 anos de vida.

Uma boa notícia é que a mecanização já atingiu 85% da colheita e 53% do plantio no Centro-Sul do Brasil. De acordo com o CTC, o setor de cana já investiu R\$ 14 bilhões neste processo, o que mostra o compromisso da cana com o setor público e com a modernidade, mesmo que a um custo e com perdas elevadas de produtividade, que foram totalmente absorvidas pelo setor privado.

Para concluir, acredito que superamos o fundo do poço no primeiro semestre de 2012, e que 2013 será melhor. A mensagem final é que quanto antes o Governo anunciar o aumento da gasolina e da mistura do etanol para 25%, mais benefícios serão colhidos na balança comercial brasileira, pois substituiremos gasolina importada com produto nacional e aumentaremos os preços do açúcar no mercado mundial, recebendo mais pelas nossas exportações. Pode-se até receber o mesmo volume de recursos exportando menor quantidade de açúcar. Fora isto, trará a retomada de investimentos, revigorando o setor de bens de capital, gerando empregos e desenvolvimento no interior do Brasil. Coragem, minha gente!

## 31- SERÁ QUE VEM UM PLANO?

*Publicado na Revista Canavieiros em fevereiro de 2013.*

**O mês:** saiu o mais recente relatório de previsões de 10 anos do USDA (EUA). São muito boas para nós. Eles acreditam que o Brasil em 2022 exportará quase 64 milhões de toneladas de soja, contra as 36 milhões de 2012. Um aumento de quase 80%. O Brasil terá quase 45% do mercado mundial. O grande destino será a China, que deverá importar mais de 100 milhões de toneladas por ano. Acreditam também num crescimento de 40% na produção mundial de etanol, puxada mais pelo Brasil. Enfim, como faz tempo digo aqui, teremos uma década de ouro para o agronegócio brasileiro.

**Empresas:** Para a safra 2013/14 a Petrobras Biocombustíveis prevê, com suas coligadas, moer quase 20% a mais de cana, passando de cerca de 22 milhões para quase 26 milhões de toneladas. Com isto produzir quase 30% a mais de etanol, um total de 1,06 bilhão de litros em nove Usinas.

**Pessoas Canavieiras (homenagem do mês):** replico aqui exatamente a frase que postei em meu facebook, “registro aqui publicamente meus parabéns à BASF por ter patrocinado a Vila Isabel, que ressaltou o produtor rural brasileiro em seu desfile na Marquês de Sapucaí, com este samba enredo maravilhoso. Ajuda fazer o Brasil, a Camila Pitanga, o Mauricio de Souza, a entender quem nos sustenta, quem enche os nossos pratos, quem traz os agrodólares da exportação, talvez o único setor onde nossa sociedade compete bem no mundo, onde recebe admiração mundial. Precisamos de criatividade, ainda mais para lutar contra os grupos do contra, os tais ‘movimentos’, inteligentemente plantados em nosso solo por quem não quer ver o Brasil na primeira divisão mundial, para travar nosso desenvolvimento. PARABÉNS BASF!” Esta frase foi postada na terça feira de carnaval, e na quarta, fomos contemplados com a vitória da Vila Isabel. Portanto, parabéns dobrado, homenagem do mês vai para a BASF e para a Vila Isabel. Tá lançado mais um desafio às outras empresas, as Cooperativas, enfim, a quem quer melhorar a imagem do agro.

Viajar cerca de duas semanas passando por quatro grandes cidades (Mumbai, Hyderabad, Chennai e Delhi) e algumas aldeias rurais na Índia é uma incrível e inesquecível experiência. Meu aprendizado esteve presente em cada rua, estrada, construção, passeio turístico, condução de táxi ou em qualquer

interação com as pessoas e a geografia local.

Este artigo é dividido em três partes, a primeira trata de alguns números socioeconômicos e algumas impressões, a segunda fala sobre o desenvolvimento e os desafios da agricultura e a terceira mostra o programa de desenvolvimento sendo discutido no agro da Índia.



Andando pelas ruas sente-se que você está em um país de mais de 1,2 bilhões de habitantes, que tem um crescimento de cerca de 2 milhões de pessoas por mês ou de mais de 20 milhões em um ano, ou de uma África do Sul a cada dois anos e meio, ou de um Brasil a cada 10 anos ou até mesmo... de um Estados Unidos em 15 anos é... único.

Sendo a quarta maior economia mundial baseada em uma paridade de poder aquisitivo e crescendo de 6 a 10% ao ano em termos de PIB, podemos imaginar que em um prazo de 10 anos teremos o equivalente a mais uma Índia no mesmo local.

É uma grande economia de pessoas ainda pobres, tendo padrões de consumo muito diferentes. Esta característica nos leva a muitas pessoas consumindo produtos apenas ocasionalmente ou em pequenas porções. Isto é, para a maioria daquela população, um negócio com pequenas margens, mas grandes volumes. Uma sociedade muito heterogênea, um coquetel único e difícil de ser encontrado.

Podemos ver a mistura de diversas culturas locais com uma cultura ocidental chegando através dos estudantes indianos que têm experiências internacionais, da chegada das redes de fast-food, dos acessos à internet e outros fatos.

A Índia passou por um impressionante processo de tecnologia da informação. Apesar de 40% da população indiana possuir acesso a sanitários, 50% possuem telefones celulares.

É um país muito conhecido pelo seu processo de terceirização de negócios, criação de soluções inteligentes e é uma sociedade guiada pelos serviços e que definitivamente muda a maneira de fazer negócio das organizações, oferecendo serviços. É também famosa pelas suas iniciativas de microcrédito e enormes programas de inclusão financeira usando os sistemas bancários baseados em plataformas de tecnologia.

Cerca de 400 milhões de pessoas na Índia sobrevivem com uma renda diária de US\$ 1,25. É um país com mais de 60% de sua população vivendo em áreas rurais, o que é um grande desafio.

Apesar de Mumbai crescer cerca de 400.000 pessoas anualmente, as maiores mudanças em termos de urbanização estão ocorrendo nas cidades de 50 a 100 mil pessoas, muito mais gerenciáveis. O maior impacto da urbanização é a mudança nos hábitos de consumo. Enquanto nos EUA o setor de fast-foods cresce cerca de 4% por ano, na Índia este crescimento chega a 35%. Especialistas dizem que o mercado de fast-foods faturou cerca de US\$ 1 bilhão em 2010, e deve chegar em US\$ 3 bilhões em 2015, quando redes como o McDonalds planeja ter 500 lojas, Yum! planeja uma expansão de mais 500 novas lojas de Pizza Hut, Taco Bell e KFC e a Domino's Pizza também expandirão em mais 500 unidades.

Outro tópico que merece a nossa atenção é que a Índia é um país ainda muito novo. Enquanto os chineses convivem com a política de se ter apenas uma criança por casal, a Índia cresce rápido e hoje possui cerca de 600 milhões de pessoas com idade abaixo dos 25 anos e 225 milhões entre os 10 e 20 anos. A Índia terá, no futuro, uma grande quantidade de pessoas em idades aptas ao trabalho, e este é um fator muito competitivo.

A decisão aqui é crucial, não apenas para a Índia, mas para muitos países como o Brasil. Transformar essa imensa juventude em o que chamo de locomotivas de carga, que ajudarão a levar a sociedade adiante, ou deixá-los sem apoio e transformá-los em uma carga a ser transportada por outros.

Em 2013, com diversas sugestões de melhoria, a Índia está lançando o “projeto de segurança alimentar”, criando obrigações para que o Estado garanta alimentos para todos que não têm recursos para comprar a quantidade mínima. Este fato trará grande impacto nas cadeias e importações de alimentos uma vez que isto significa investimentos do orçamento federal em mercados de alimentos. A Índia ainda está longe do desenvolvimento

que a China teve na redução da pobreza, e essa nova regulamentação do Governo pode realmente alterar o futuro da Índia, solucionar os problemas de pobreza e criar condições para uma sociedade muito mais competitiva no futuro.

Nesta segunda parte falamos de agricultura. Em uma primeira impressão, indianos possuem grande entusiasmo em possuir suas próprias terras e passá-las no futuro para seus filhos. Indianos também amam crianças!

A Índia possui grande proporção de terra agricultável, 180 milhões de hectares, quase 60% de toda área existente (330 milhões de hectares de superfície) e possui a segunda maior safra do mundo. É uma estrutura de terras muito desafiadora uma vez que quase 75% das terras estão em propriedades com menos de 5 hectares, sendo em média um a dois hectares por família. Imaginem a propriedade de terras no futuro, quando as mesmas serão divididas com seus descendentes.

A agricultura é fortemente dependente das monções e da quantidade de chuva que elas trazem. As monções são as responsáveis diretas pela quantidade de renda disponível em um ano particular.

Ali podemos encontrar uma grande diversidade de climas, permitindo a produção dos mais variados produtos. Atrás da China, a Índia é o segundo maior produtor de arroz, trigo, frutas e vegetais. A cultura do arroz é a maior, ocupando uma área de 44 milhões de hectares e produzindo mais de 90 milhões de toneladas. O trigo também é um importante produto, contando com uma produção de mais de 80 milhões de toneladas anuais. O milho ocupa uma área de 8 milhões de hectares. A Índia está entre os 5 maiores produtores de 80% das culturas (itens de produção agrícola).

A agricultura tem visto grandes avanços devido à adoção de tecnologias. A produção de grãos pulou de 50 milhões de toneladas em 1950 para mais de 250 milhões de toneladas em 2012. As áreas irrigadas indianas foram de cerca de 20 milhões de hectares em 1950 para 65 milhões em 2010. Em 2012, cerca de 17% da produção agrícola da Índia foi exportada e a agricultura ainda é a ocupação primária de 52% da população local. Porém, devido a este crescimento populacional, a disponibilidade per capita de grãos caiu cerca de 10 kg em dez anos.

Muitas outras mudanças podem ser vistas. O gerenciamento das terras agrícolas também está sendo concentrado com o aumento de arrendamen-

tos e de maiores esforços para a produção em escala, provavelmente o maior desafio na agricultura indiana.

Devido ao crescimento dos negócios industriais e de serviços, resultado do desenvolvimento urbano como na maioria dos países, ocorreu uma queda natural da participação da agricultura no PIB do país, passando de 56% em 1950 para 14% em 2012.

O desenvolvimento da agricultura encontra diversos desafios. No processo de inovação, de acordo com algumas companhias entrevistadas, o sistema de regulamentação toma muito tempo no registro de novos produtos. Desafios relacionados a áreas urbanas invadindo áreas rurais e o aumento dos custos do trabalho, que subiram 50% nos últimos 2 anos devido à atração dos trabalhadores agrícolas pelos setores de serviços são reais. Embora a Índia tenha uma grande quantidade de água, este também está se tornando um problema devido à poluição, uso pela população crescente e outros fatores.

A Índia terá também que desenvolver programas de segurança alimentar (qualidade) e rastreabilidade, desenvolver leis de proteção ambiental, melhorar as leis de trabalho entre outras mudanças que definitivamente irão aumentar os futuros custos de produção, da mesma maneira que presenciou no Brasil nos últimos 10 anos.

A produtividade da agricultura Indiana ainda é muito baixa e isso indica a possibilidade de grandes crescimentos. Na China, o tamanho médio das propriedades é a metade do tamanho das existentes na Índia, porém a produtividade é o dobro na maioria das culturas. A Índia tem uma produtividade que equivale em média, 50 a 60% da que é encontrada no mundo em cada cultura, indicando que é possível aumentar a produção do país usando as mesmas terras.

Finalmente, a terceira e última parte deste artigo trata da agenda estratégica da agricultura indiana voltada para a competitividade.

a) Aumento de programas de melhoria social – foi tratado a respeito do desejo de se aumentar os programas de segurança social com um foco maior em investimentos e menor em subsídios, tornando esses programas mais sustentáveis.

b) Pesquisa e desenvolvimento – atração de mais investimentos privados para a pesquisa, considerando as especificidades locais e as necessidades dos

agricultores, mais parcerias públicas e privadas, pesquisas direcionadas para a redução das disparidades dos países, promoção de mais extensões para que as inovações cheguem aos agricultores. Aumentar as pesquisas acerca das incertezas relacionadas com a água.

c) Recursos humanos – aumento da saúde dos jovens, nutrição e educação, aprimoramento das capacidades relacionadas à agricultura e também treinamentos vocacionais.

d) Maior captura de valor e diversificação – intensificação das culturas (de grãos a aves), diversificação de culturas quando as terras podem ser usadas para fornecer maior valor (da cana de açúcar a horticultura e produção de frutas) e esforços para melhorar as ações coletivas dos agricultores.

e) Infraestrutura – melhoria nos investimentos de infraestrutura rural, no aumento das capacidades de estoque, na capacidade de estocar água, nas operações de estocagem e políticas, melhorias nas cadeias de frio, entre outros.

f) Aumento da produção agrícola – aumento nas produções, fazendas modernas em tecnologia, estocagem, irrigação, acesso ao crédito, arrendamento de terras, mais mecanização.

g) Ambiente institucional – movimento gradual de um ambiente menos regulado para uma cadeia agrícola mais guiada pelo mercado, com organizações claras, eficientes e melhor gerenciadas promovendo o desenvolvimento institucional.

A Índia é um país fascinante. Será na Índia que veremos as reais e mais rápidas mudanças do mundo. Mesmo com as chances de aumentar a produção agrícola devido aos maiores níveis de produtividade, com o crescimento esperado para os próximos 10-15 anos na renda e população, com a grande urbanização, o salário mínimo e os programas de suporte social, eu acredito que a Índia possui uma tendência a crescer fortemente sua participação nas importações mundiais de alimentos e definitivamente ser uma das “superpotências” na economia mundial, PIB e comércio de produtos e serviços.

Conforme antecipado, este fato está alterando os fundamentos do mercado do açúcar, pois uma safra mais dirigida ao etanol ajuda a reduzir os superávits atuais no mercado de açúcar. Se consideramos que ano passado quase 50% foi destinado a açúcar, o etanol estando com melhores preços, somado a questão da recente valorização do real, a quantidade de cana para

açúcar pode cair a 44%, o que retirará quase 4 milhões de toneladas de açúcar do mercado, refletindo em sensível melhoria nos preços.

**Haja limão...:** Também antiga reivindicação nossa, um plano para o setor de etanol que envolva a modificação de seus tributos está em gestação no Governo. Chamado de Pro-Etanol, segundo o Ministro Pimentel, em entrevista ao Valor (07/02/13), estuda-se a retirada do PIS e Cofins, e também no IPI para melhorar a rentabilidade dos projetos de greenfields. A contrapartida do setor privado será o investimento em produtividade, e estoques. São medidas que peço há mais de 4 anos, e que já vem tarde, pois perdemos 4 anos de investimentos. Resta torcer para que este plano não fique em eterna gestação no Governo. Quanto antes vier, antes se beneficiará o próprio Governo e a sociedade brasileira.

## 32- REFORÇO NOS ALICERCES SUCROENERGÉTICOS

*Publicado no Portal NovaCana em março de 2013.*

Divido esta análise em cinco grandes fatores para mostrar como estamos caminhando com a cana em 2013 e como os alicerces vem sendo reforçados. Exponho os fatos ligados a macroeconomia, cana, movimentos empresariais, etanol e açúcar.

Fato extremamente positivo foi o anúncio da Presidente que entra em vigor imediatamente à retirada de impostos federais (PIS/COFINS e IPI) que incidiam sobre parte dos alimentos que compõem a cesta básica. Entraram na lista as carnes (bovino, suíno, frango, caprinos e ovinos, além de pescados), café, óleo, manteiga e o açúcar.

Em relação à cana, a safra 2013/14 deve começar mais cedo, com ajuda importante do clima. Muitas Usinas já devem iniciar a moagem no final de março, diferentemente do ano passado, onde se atrasou o início. A Datagro estimou a renovação de cana em 20%, e continuam as expectativas que a produtividade será de até 10% maior, voltando à casa das 80 toneladas/ha. Com o crescimento da safra de cana, o problema agora passa a ser novamente a capacidade de processamento. Estima-se uma capacidade instalada máxima de 700 milhões de toneladas no Brasil, e o processamento pode chegar a mais de 600 milhões. Já em 2014 podemos ter Usinas operando a capacidade máxima, o que também pode gerar ineficiências e aumento de custos, principalmente devido a desperdícios.

Destacam-se diversos movimentos e investimentos (empresas). A mudança de nome da ETH, que passa a se chamar Odebrecht Agroindustrial. Foi anunciado um investimento de R\$ 1,3 bilhão, sendo 90% dele na área agrícola, para levar a produção de cana a 26 milhões de toneladas. Ainda nesta safra pretendem plantar mais 100 mil hectares de cana. Para a safra 2013/14 a Petrobras Biocombustíveis prevê, com suas coligadas, moer quase 20% a mais de cana, passando de cerca de 22 milhões para quase 26 milhões de toneladas. Com isto produzir quase 30% a mais de etanol, um total de 1,06 bilhão de litros em nove Usinas.

Outro grupo a entrar no mercado brasileiro de cana foi a Indofood Agri Resources, considerada uma das maiores empresas de alimentos da

Indonésia, que vem se tornando grande importador de açúcar. Investiu ao redor de US\$ 70 milhões para comprar 50% da Companhia Mineira de Açúcar Álcool um negócio ao redor de US\$ 100 por tonelada de moagem. Mais do que o volume de investimento, é um sinal dado pela Indonésia no sentido de caminhar para a produção, garantindo o abastecimento de açúcar para seu crescente mercado.

A BM&F Bovespa também colocou dois novos contratos futuros importantes para o setor, o do açúcar cristal e do anidro. É mais um importante movimento, e se estes contratos ganharem musculatura, serão importante fonte de referência e planejamento no setor.

O BNDES espera desembolsar mais de R\$ 5 bilhões em 2013 ao setor. Além de crescer fortemente o programa Pro-Renova, para renovação de canaviais com regras mais ajustadas às necessidades do setor, destacam-se os apoios do Banco junto com a FINEP para o desenvolvimento do etanol celulósico, bioquímicos e gaseificação. É o PAISS (Plano Conjunto BNDES-FINEP de apoio à Inovação Tecnológica Industrial no Setor Sucreenergético e Sucrequímico. Portanto, a bola está na quadra do setor privado para fazer bons projetos, captar estes recursos e fazer o Brasil liderar na inovação, criando e capturando valor.

Em relação ao etanol, finalmente chegou o esperado aumento no preço da gasolina, aquém do necessário. Mas já representa alguma coisa. Foi dado 6,6%.

Deu trabalho, mas foi, finalmente, anunciado o aumento na mistura, agora oficialmente, a partir de 1º de maio, justamente o Dia do Trabalho. Este aumento para 25% elevará o consumo mensal de anidro da média de 653 milhões de litros por mês, observada em 2012, para cerca de 830 milhões de litros mês, representando um valor entre 170 a 180 milhões de litros no faturamento das Usinas. A um preço médio de R\$ 1,35/litro na Usina, isto representará um faturamento adicional de R\$ 240 milhões/mês, ou R\$ 2,88 bilhões quando anualizado. Vai aliviar a Petrobras, reduzir nossas necessidades de importações e transfere quase R\$ 3 bilhões/ano da economia petroleira para a economia canavieira. Como disse no artigo anterior, vem atrasado, mas pelo menos está aí.

Apesar de sequenciais alertas feitos por mim e por muitos outros estudiosos do setor, o desastre da importação de gasolina se verificou. Fechados os números em 2012, gastamos US\$ 3 bilhões para comprar 3,8

bilhões de litros. E o mais incrível é ver a evolução. Em 2009 importou-se US\$ 70 mil, em 2010 US\$ 285 milhões, em 2011 US\$ 1,6 bilhão para finalizar com os US\$ 3 bilhões em 2012. Quanto será em 2013? Não será nada bom se observarmos como está a balança comercial neste início de ano. Considero este um dos erros, se não o principal erro do atual Governo brasileiro, mais injustificável ainda pelo fato da Presidente ser uma pessoa que tem um passado na área de energia.

Também antiga reivindicação nossa, um plano para o setor de etanol que envolva a modificação de seus tributos está em gestação no Governo. Chamado de Pro-Etanol, segundo o Ministro Pimentel, em entrevista ao Valor (07/02/13), estuda-se a retirada do PIS e Cofins, e também no IPI para melhorar a rentabilidade dos projetos de greenfields. A contrapartida do setor privado será o investimento em produtividade e estoques. Resta torcer para que este plano não fique em eterna gestação no Governo. Quanto antes vier, antes se beneficiarão o próprio Governo e a sociedade brasileira.

É interessante jogar uma lupa no assunto da distribuição dos combustíveis. Estudo do SINDICOM mostra que a Petrobras recebe menos da metade do preço final da gasolina na bomba. A um preço por litro pago pelo consumidor de R\$ 2,63, a Petrobras fica com R\$ 1,25. São quase 36% de impostos, e um custo de distribuição e revenda de quase 20% do preço final, chega a ser o dobro do que representa este custo nos EUA. Temos custos logísticos mais altos, os postos vendem menos aqui comparativamente aos EUA e também impacto da legislação que obriga a contratação de frentistas. O mercado americano é bem mais desregulamentado e apresenta maior competição, o que se traduz em melhores preços ao usuário.

É nítido que houve grande evolução nos serviços oferecidos pelos postos no Brasil, e também grande aumento de custos, sejam os trabalhistas, de seguros, segurança devido aos crescentes assaltos, custos de locação, enfim, todos os que assolam quem quer operar negócios no Brasil, mas existe um desequilíbrio em relação a esforço produtivo e margem na cadeia da cana. Os postos trabalham com margem de 15 a 20%, em cima de um volume de recursos muito maior, margens estas que não se observam na produção e no processamento de cana. É necessário olhar este ponto com mais atenção.

Uma ideia a ser debatida seria no caso dos combustíveis, trabalhar-se com uma transparência maior nos preços e um conceito de cadeia produ-

tiva, para o consumidor ir se acostumando com esta ideia. Poderia se ter nos postos três preços sendo divulgados, numa simples tabela de modificação diária. O preço vigente do hidratado na Usina (amplamente disponível nos sites), o preço vigente na distribuidora (também amplamente conhecido por quem atua no setor) e o preço final do posto.

O Rabobank soltou sua estimativa de etanol para a safra 2013/14 - será de 27,2 bilhões de litros a produção, mais de 10% acima dos 24 bilhões de 2012/13. 23,1 bilhões para uso como combustível e já quase 4 bilhões para outros usos.

Em relação ao açúcar: conforme antecipado, este fato está alterando os fundamentos do mercado do açúcar, pois uma safra mais dirigida ao etanol ajuda a reduzir os superávits atuais no mercado de açúcar. Se consideramos que ano passado quase 50% foi destinado a açúcar, o etanol estando com melhores preços, somado a questão da recente valorização do real, a quantidade de cana para açúcar pode cair a 44%, o que retirará quase 4 milhões de toneladas de açúcar do mercado, refletindo em sensível melhoria nos preços.

Também é interessante notar como algumas usinas estão precificadas com volumes interessantes de venda a preços melhores que os correntes. É o caso da São Martinho, que anunciou já ter 453 mil toneladas de açúcar a preço médio de 22 cents/libra peso e dólar de R\$ 2,15 para a temporada 2013/14, que se inicia em 1º de abril. A empresa também priorizou o anidro no ciclo que se encerra, com isto tendo mais rentabilidade. A Archer Consulting estima o custo atual em 18 cents/libra peso e cerca de 12 a 14 milhões de toneladas fixadas a um preço médio de 19,34 cents/libra peso.

Começam a sair notícias que a produção da Índia no ciclo 2013/14 será menor em virtude da falta de água, e a Índia pode voltar ao mercado importador após quase 4 anos de excedentes. Mas melhor ainda que as notícias de produção na Índia, são as notícias de consumo interno de açúcar. Este, que vem sendo de 22 milhões de toneladas, deve pular para cerca de 26 milhões de toneladas em 2014 e para 31 milhões de toneladas em 2021. Ou seja, é mais provável que a Índia se torne importador permanente de açúcar.

Janeiro também surpreendeu com compras chinesas de açúcar, estimadas em mais de 250 mil toneladas. Analistas de mercado já preveem que a

China possa importar mais de 1,5 milhão de toneladas neste ano e neste mesmo mês, o Brasil teve excelente desempenho exportador, quase 2,3 milhões de toneladas, o que é recorde para este mês. Começa-se bem o ano. Tenho a nítida impressão de injeção de concreto nos alicerces da cana.



## 33- SE AVOLUMAM AS BOAS NOTÍCIAS

*Publicado na Revista Canavieiros em março de 2013.*

**O mês:** O clima vem ajudando e devemos ter uma super safra. Quase 83 milhões de toneladas de soja e 76 milhões de milho, e um total de 184 milhões de toneladas em grãos, incríveis 16% a mais que em 2012. Janeiro também surpreendeu com compras chinesas de açúcar, estimadas em mais de 250 mil toneladas. Analistas de mercado já preveem que a China possa importar mais de 1,5 milhão de toneladas neste ano. Também em janeiro o Brasil teve excelente desempenho exportador, quase 2,3 milhões de toneladas, o que é recorde para este mês. Começa-se bem o ano.

**Empresas:** A BM&F Bovespa também colocou a partir de janeiro dois contratos futuros importantes para o setor, o do açúcar cristal e do anidro. É mais um importante movimento, e se estes contratos ganharem musculatura, serão importante fonte de referência e planejamento no setor. E o BNDES anunciou desembolsar mais de R\$ 5 bilhões em 2013 ao setor. Além de crescer fortemente o programa Pro-Renova, com regras mais ajustadas às necessidades do setor, destacam-se os apoios do Banco junto com a FINEP para o desenvolvimento do etanol celulósico, bioquímicos e gaseificação. Portanto, a bola está na quadra do setor privado para fazer bons projetos, captar estes recursos e fazer o Brasil liderar na inovação, criando e capturando valor.

**Pessoas Canavieiras (homenagem do mês):** neste mês queria fazer uma homenagem especial a EMBRAPA, na sua unidade de agroenergia, que vem sendo liderada pelo Manoel Souza Jr. A EMBRAPA, verdadeiro patrimônio brasileiro, vem atuando em diversas frentes para promover a inovação na cana, desde variedades, aspectos agrícolas e industriais. Também compartilho com o leitor que perdemos o grande cientista Caetano Ripoli. Segue a minha postagem no facebook “hoje perdi meu professor da ESALQ e um amigo de admiração mútua, um cara com quem aprendi sobre cana, sobre mecanização e, principalmente, sobre vida. Crítico, falava sempre o que pensava, de maneira simples e direta. Um cara de muita luta, como a que travou com a doença que o tirou de nós ainda muito jovem. Tenho seus livros autografados, li, aprendi e ri com todos eles. Descansa em paz nosso guerreiro Caetano Ripoli, obrigado pelos quase 30 anos em que te conheci, ganhei muito com isto.” Fico feliz que fizemos nesta coluna uma homenagem a ele

em vida, e tenho guardado comigo o telefonema emocionado que recebi dele quando viu a revista Canavieiros.

**Aprendizado de Viagem:** Passei 7 dias na África do Sul. O assunto biocombustível está efervescendo. Devem entrar com a mistura de etanol na gasolina e biodiesel no diesel ainda



neste ano, com grande plano de investimentos. Eles também acreditam muito no desenvolvimento da cana nos países vizinhos, destacando principalmente o Moçambique e o Zimbábue. Agora escrevo este texto dos EUA, vim para uma imersão de 15 dias na Universidade de Purdue, é meu ano sabático, e devo vir a cada 15 dias, e passar o segundo semestre aqui.

Eu tenho muita admiração pelos EUA na forma como os negócios funcionam. Cheguei em Chicago e em 15 minutos um ônibus me deixou na locadora. Lá havia um painel com os diversos sobrenomes de pessoas que tinham alugado carros pela internet. Um rapaz se aproximou, perguntou meu nome, olhou no I-Pad e mostrou uma sequência de 15 carros na categoria que havia escolhido, estacionados de ré, com o porta-malas aberto. Escolhi um e fui embora. Minha carteira de motorista foi conferida pela pessoa que fica na guarita de saída. Um processo de 3 a 5 minutos, no total, ate estar com o carro na rua.

## 34- A CALIFÓRNIA E A OBSESSÃO INOVADORA

*Publicado na Revista Canavieiros em abril de 2013.*

**Efeitos da Macroeconomia e do Consumo na Cana:** de acordo com projeções do USDA, o crescimento econômico global deve ser de 3,3% aa até 2022, puxado principalmente pelo mundo emergente. Países em desenvolvimento devem crescer em média 5,6% aa no período, sendo a China 7,8% aa e a Índia com 7,5% aa. Demais economias emergentes terão média 4,2% aa. A Europa deve ficar quase estagnada na década, com um crescimento de 1,7% ao ano em média. Idem para o Japão, com 1,1% ao ano. Como os EUA devem crescer em média 2,6%, passarão de 26% do PIB global para 24% até 2022. China representará 13% e Ásia 24%. Países desenvolvidos verão sua participação no PIB mundial cair de 67% para 58% em dez anos.

A população continua crescendo, mas a taxas menores, 1,0% aa próxima década contra 1,2% aa na década passada. Países em desenvolvimento respondiam em 2010 por 80% da população mundial. Em 10 anos serão 82%. China e Índia representarão 37% da população global em 10 anos.

**Projeções para o Petróleo:** os EUA trabalham com uma estimativa que o preço do barril de petróleo deve crescer de US\$ 93,20 (projeção média de 2013) para US\$ 120 (custo de aquisição em refinaria) em 10 anos o que manterá a viabilidade econômica de diversos tipos de biocombustível.

**Pessoas Canavieiras (homenagem do mês):** Este mês queria fazer uma homenagem especial a um clássico do agronegócio brasileiro: meu querido amigo e engenheiro agrônomo Ivan Wedekin. Conheço o Ivan há muito tempo, desde o início do Pensa em 1991. Ivan teve co-autoria no clássico livro que trouxe ao Brasil o conceito de agronegócios, em 1990, junto com o saudoso Ney Bittencourt de Araújo e o Luis Antonio Pinazza. Em 1995 escrevemos um artigo que tratava das mudanças na distribuição de alimentos, já são quase 20 anos, antevendo o que está aí. Foi Secretário de Política Agrícola do Roberto Rodrigues quando Ministro e hoje é Diretor da BMF, sempre criando novas coisas. Única característica que poderia melhorar no Ivan é sua opção futebolística.

**Aprendizado de Viagem:** tive oportunidade de fazer duas palestras na tradicional universidade de Berkeley, na Califórnia, na sexta conferência de Bioeconomia. É impressionante o quanto os americanos estão investindo.



Conheci o Energy Biosciences Institute (<http://www.energybiosciencesinstitute.org>), um investimento impressionante da Universidade junto com a BP. Tem um grande número de cientistas pesquisando materiais que podem gerar biocombustíveis. O respeito que o etanol de cana tem nos cientistas americanos é muito grande e mostrei todo o potencial de crescimento ainda praticável, com um quadro do CTC que mostra ser possível pular dos 7.000 litros de etanol por hectare que temos hoje, para 21.000 em 2022. Vale ao leitor visitar o site do EBI.

**Cana:** o clima vem ajudando, com muita chuva e muito sol, resta torcer pelo frio para que tenhamos boa maturação e uma safra melhor. A Conab soltou a última estimativa para o Brasil, estimando a área plantada de cana em 8,9 milhões de hectares, uma produtividade esperada de 73,5 ton/ha e uma produção de 653 milhões de toneladas. Produziremos 43,5 milhões de toneladas de açúcar, 14,4 bilhões de litros de etanol hidratado e 11,4 bilhões de litros de anidro. Acho que podemos atingir 600 milhões de toneladas no Centro Sul. Lembremos que a Conab estimou isto para o Brasil todo.

**Haja limão:** incrível a dificuldade que o Governo tem de tomar ações rápidas na cana. Há muitos anos que pedimos a desoneração de PINS e COFINS, afinal, a cana é geradora de renda, de energia e multiplica o efeito do desenvolvimento. O Governo não consegue entender e agir rápido. Mas em uma única canetada, tirou o PIS e COFINS dos smartphones. Provavelmente, mais uma vez, para estimular o consumo, e não a produção.

## 35- FALTOU UM PAPEL DIZENDO QUAL É O PAPEL

*Publicado no Portal NovaCana em maio de 2013.*

Antes de partir para a conjuntura, começo este texto comentando sobre o pacote do Governo Federal. Receber um pacote sempre traz algumas sensações. O que será que teremos dentro? Será um presente, será algo de valor, algo que vamos gostar? Diz a etiqueta que a pessoa deve abrir o pacote sempre na frente de quem deu, para que a nossa reação possa ser acompanhada e o momento servir de engraçamento. Apesar de ser difícil, mesmo assim devemos tentar manter uma reação positiva ao ver, forçar uma risadinha, algo como um “opa, estava precisando mesmo”.

Segunda-feira 22 de abril foi o dia escolhido pelo Governo para mostrar aos entusiastas da área de energias renováveis e entusiastas da cana qual foi o pacote preparado para tirar o setor de uma das piores situações nos últimos 30 anos, causada em boa parte, pelo próprio Governo. Muitos foram a Brasília e acompanharam em loco os anúncios. Outros como eu ficaram ligados na internet aguardando as primeiras notícias e eventualmente ligando para algumas pessoas que estavam lá.

Eis que ao abrir o pacote, tão esperado e alardeado desde o ano passado por Ministros e Secretários de Governo, não tivemos como esconder a cara de tacho. Do pacote, a isenção de PINS e COFINS, pedida há muitos anos por nós, o que representará um alívio de 12 centavos no custo, e um importante volume de créditos à disposição, basicamente.

Ao entregar o pacote o Governo pediu como contrapartida o retorno dos investimentos de longo prazo de maturação. Porém, faltou no pacote o principal: uma única folha, que fosse, apenas um papel dizendo qual justamente é o papel do etanol e do setor de cana na matriz de combustíveis e na matriz energética brasileira. Algo simples como os Norte-Americanos fizeram, que projetasse os volumes e porcentagens até 2030 de metas de uso de etanol hidratado e de gasolina no mercado, de mistura de anidro na gasolina e outros mais. Algo que fosse acordado entre Governo e setor privado, para que os investimentos pudessem voltar justamente com uma visão de longo prazo. Perdemos mais uma chance.

Ainda para aumentar mais a cara de tacho, a mídia divulgou o pacote como algo feito para baixar os preços do etanol e forçar a queda nos preços

da gasolina. Exatamente o inverso do objetivo, que é o de tirar custos de produção do etanol, para que as margens voltem para o azul e os investimentos voltem. Fica para mim confirmado que este Governo, desde os 20 anos que estudo este assunto, consegue ser um dos mais míopes na questão da energia renovável. De toda forma, algum movimento houve, e agora o foco deve ser em cima da redução do ICMS sobre este produto nos Estados.

Vamos às conjunturas... Esta análise se divide em cinco grandes fatores para mostrar como estamos caminhando com a cana em 2013. Exponho os fatos ligados a macroeconomia, cana, movimentos empresariais, etanol e açúcar.

Em relação à macroeconomia, de acordo com projeções do USDA, o crescimento econômico global deve ser de 3,3% aa até 2022, puxado principalmente pelo mundo emergente. Países em desenvolvimento devem crescer em média 5,6% aa no período, sendo a China 7,8% aa e a Índia com 7,5% aa. Demais economias emergentes terão média 4,2% aa. A Europa deve ficar quase estagnada na década, com um crescimento de 1,7% ao ano em média. Idem para o Japão, com 1,1% ao ano. Como os EUA devem crescer em média 2,6%, passarão de 26% do PIB global para 24% até 2022. China representará 13% e Ásia 24%. Países desenvolvidos verão sua participação no PIB mundial cair de 67% para 58% em dez anos.

A população continua crescendo, mas a taxas menores, 1,0% a.a. próxima década contra 1,2% a.a. na década passada. Países em desenvolvimento respondiam em 2010 por 80% da população mundial. Em 10 anos serão 82%. China e Índia representarão 37% da população global em 10 anos. Os EUA trabalham com uma estimativa que o preço do barril de petróleo deve crescer de US\$ 93,20 (projeção média de 2013) para US\$ 120 (custo de aquisição em refinaria) em 10 anos o que manterá a viabilidade econômica de diversos tipos de biocombustível no médio e longo prazo.

Em relação à cana, a safra, provavelmente recorde, de 600 milhões de toneladas no centro-sul já vem sendo colhida em bom ritmo. Espera-se recuperação da produtividade de pelo menos 8 a 10 toneladas acima. A quantidade de chuvas foi acima da média neste primeiro trimestre, o que tem ajudado em volume na produção de cana. Porém, prejudicou os plantios de cana de 18 meses e também as operações de colheita. Caso o clima comece a secar e a esfriar, e com o uso dos maturadores, temos perspectivas de melhora no ATR.

Boa recuperação também no MS, onde espera-se colher 44 milhões de toneladas, 18% a mais que no ciclo 12/13 e com 66% destinado a etanol (são 24 usinas, sendo 13 mistas e 11 só produzirão etanol) produzindo 680 milhões de litros de anidro, 1,67 bilhão de litros de hidratado e 2,2 milhões de toneladas de açúcar. A área plantada também deve aumentar 15%, quase 100 mil hectares. Boas notícias vindas do MS.

Destacam-se diversos movimentos e investimentos (empresas). A Biosev conseguiu levantar mais de R\$ 800 milhões com seu IPO. Não deixa de ser uma positiva notícia ao setor, um sonho há muito tempo postergado pelos antigos controladores da Santa Elisa. Agora inicia-se uma nova fase nesta empresa e, sem dúvida, quanto mais grupos estiverem listados em Bolsa, quanto mais fortes e utilizados forem os mecanismos contratuais de futuros do açúcar e etanol na BMF, mais previsibilidade e transparência serão conquistadas.

A Archer estima o endividamento do setor em R\$ 49,7 bilhões. Ante uma expectativa de faturamento bruto na safra de R\$ 66,5 bilhões, entende-se o tamanho do buraco onde se encontra o setor sucroenergético. Lembrando que endividamento elevado deteriora margens e também as operações, levando a comercializações precipitadas. É um tema que precisa ser resolvido.

A Raizen (Cosan) deve produzir este ano 10% a mais de cana, atingindo 62 milhões de toneladas, e uma safra mais alcooleira. A Odebrecht segue firme nos seus planos de investimento. Este ano o aporte será de R\$ 1 bilhão, e nos planos futuros, mais de R\$ 50 bilhões.

Em relação ao etanol, as exportações dos últimos 12 meses de etanol (Archer Consulting) foram de quase 3,5 bilhões de litros, que representaram em valores, US\$ 2,4 bilhões (preço de US\$ 690 por metro cúbico) e vem se mostrando um mercado firme neste ano.

No mercado interno os preços mostram já uma recuperação em relação ao ano passado, sendo o hidratado comercializado a R\$ 1,30 por litro na Usina e R\$ 1,40 o anidro. Outra recuperação vem do volume consumido. Associações do Sindicom, que representam 60% do mercado, venderam neste primeiro trimestre de 2013 15% a mais de etanol que no ano passado. Porém, a explosão no consumo de gasolina continua, e a Petrobras aumentou em 40% suas importações no primeiro trimestre do ano, quando comparado a 2012. O déficit da Petrobras está em US\$ 7,4 bilhões no trimestre.

Minha maior preocupação é a de se monitorar diariamente a pressão contrária ao etanol de milho nos EUA. Existem muitos grupos contrários à aprovação do E15, e inclusive pedindo uma revisão do E10. Um recuo seria altamente danoso ao agronegócio brasileiro e também ao setor de cana. O etanol e os carros flex nos EUA poderiam ter algum controle sobre os preços dos grãos, da mesma forma que o etanol no Brasil segura o preço do açúcar. Se o preço do milho cai devido à superprodução nos EUA, a tendência seria a de se produzir mais etanol e usar nos automóveis E85 nos EUA, contribuindo para desovar o excesso de produção e com isto dando mais equilíbrio ao mercado.

Em relação ao açúcar: o primeiro trimestre de 2013 começou bem em termos de volume de exportações de açúcar. Os embarques do Brasil foram de 6 milhões de toneladas, um volume quase 70% maior que o do primeiro trimestre de 2012. Em recursos, foram exportados US\$ 2,9 bilhões de dólares, 35% a mais que no trimestre do ano passado, justificado por um menor preço médio. O destaque nos importadores são os Emirados Árabes com mais de 100% de crescimento (650 mil toneladas importadas) e a Índia, com quase 400 mil toneladas importadas. Quando se consideram os últimos 12 meses, estamos 7% acima.

Porém, o preço está estagnado em 18 cents por libra peso. Deve ficar neste patamar, talvez podendo chegar a 19, dependendo do uso da cana para etanol. O etanol tem um preço equivalente entre 18 a 19 cents, o que estabelece ao mercado de açúcar um piso. Se o preço do açúcar abaixa, aumenta a produção de etanol. Nosso problema principal está na escalada dos custos de produção. Nos últimos anos estes vem crescendo pelo menos 10 a 15% ao ano, e constantemente acima do índice de inflação.

Se de um lado a Índia tem grande pressão pelo crescimento da sua população e mercado consumidor, por outro o setor de açúcar deve passar pela desregulamentação, o que no médio prazo o fará ficar mais competitivo pelos investimentos internacionais, fusões e aquisições e o processo de seleção que normalmente ocorre. Temos que observar este fato.

Difícil prever como terminará o ano para o setor de cana, pois são muitas as variáveis em jogo. Mas uma coisa já apostei aqui, termina-se melhor que no ano passado.

## 36- DE FORNECEDORES A PRODUTORES INTEGRADOS DE CANA (PIC)

*Publicado na Revista Canavieiros em maio de 2013.*

**Efeitos da Macroeconomia:** diversos economistas estão fazendo prognósticos, negativos. Nosso crescimento está muito baixo. A expansão no primeiro trimestre ficou aquém do esperado. É o setor manufatureiro principalmente que não consegue reagir, e um dos fatores de maior impacto é o custo do trabalho, que cresceu acima da produtividade.

**Falta de Oportunidades ou Excesso de Impunidades:** confesso que não consigo entender as pessoas que acham que o problema da crescente criminalidade no Brasil é a falta de oportunidade. O Brasil está praticamente a pleno emprego, recentemente estive em uma empresa que tenta contratar 60 pessoas registradas para um período, na nossa região, e não encontra. Como então dizer que é falta de oportunidade? O que temos sim é excesso de impunidade, que vem desde lá de cima e reflete no comportamento da população. Sinto que parte do Brasil está passando por um processo que chamo de “vagabundização”. O negócio é ficar pendurado. O problema mais sério que tenho sentido em parte do país é o da laborfobia (aversão ao trabalho). Precisamos mudar os valores.

**Pessoas Canavieiras (homenagem do mês):** Este mês queria fazer uma homenagem especial ao Hermínio Jacon e seu maravilhoso trabalho pelo setor e pela ASCANA de Lençóis Paulista.

**Aprendizado de Viagem:** tive oportunidade de fazer uma palestra em Lima (Peru). O Peru vem crescendo 7% ao ano, apresenta uma série de desafios, mas um desenvolvimento incrível. Lima é uma cidade muito interessante, incrivelmente não chove nada, apesar de ser ao lado do mar. Dois bairros são muito bonitos, Miraflores e San Isidro. A culinária é hoje referência mundial, seu centro histórico é emocionante e lembrar tudo o que este país já passou em termos de Governos, grupos terroristas, é de se tirar o chapéu.

**Cana:** a colheita vem progredindo bem, o clima ajudando. A UNICA soltou a projeção de safra, com a perspectiva de produção de 589,6 milhões de toneladas no Centro Sul. Com uma safra mais alcooleira, devem ser produzi-

dos no ciclo 13/14 cerca de 11,2 bilhões de litros de anidro, 14,17 bilhões de litros de hidratado e 35,5 milhões de toneladas de açúcar. As perspectivas para o açúcar não têm sido boas. Continuam os preços estagnados e com isto os reflexos no preço do ATR são muito ruins.



Para o etanol, um ligeiro aumento da gasolina, que poderia até ser uma elevação da CIDE por 4 a 5 meses daria uma boa aliviada. O etanol ficaria competitivo, a frota flex consumiria em grande volume e com isto os preços do açúcar subiriam, além de aliviar mais ainda as importações de gasolina. Se os 19 milhões de carros flex no Brasil resolverem abastecer uma única semana com etanol (50 litros) sabe o que aconteceria? Consomem 118 mil hectares de cana em uma semana ou consomem 9,5 milhões de toneladas de cana em uma semana. Olha que loucura. Pena que o Governo não consiga entender uma estratégia onde todo o setor e o próprio país se beneficiaria. Aliás, outra coisa que me incomoda. O etanol está R\$ 1,15 na Usina enquanto finalizo a coluna e R\$ 2,00 nos postos de Ribeirão Preto. Uma incrível diferença de 85 centavos.

**ORPLANA:** Fica meu registro ao admirável Manoel Ortolan, que será o presidente da ORPLANA nos próximos 3 anos, acompanhado do Pedro Lorenzetti. Dupla de primeira, tenho certeza que continuarão fazendo um ótimo trabalho. Meus parabéns também ao Ismael Perina pela dedicação neste período, investimento de tempo, viagens em prol do setor. Ismael é um craque da bola da cana, exceto pela opção futebolística, que tem trazido muitos dissabores ao amigo Ismael.

Dentro das modernizações de nomes, lanço aqui uma ideia que já venho dizendo nas palestras. O álcool mudou para etanol, a Usina está mudando para Central Energética, por que não mudarmos de fornecedor para produtor integrado, mostrando já a nova cara de modernidade que deve ter o produtor de cana, trabalhando integrado em redes, com alta tecnologia e

controle de custos? Fica aqui registrada a sugestão, passar a chamar de produtor integrado de cana (PIC).

**Vida nos EUA:** Este mês queria mostrar a vocês uma bomba de etanol nos EUA, o chamado E85. Vejam que interessante. Ela tem um chamativo que evoca para o milho. Fica lançada a ideia de decorarmos as bombas de etanol nos postos do Brasil da mesma forma, com um design verde, prócana. Eu também trabalharia para que uma regulamentação obrigasse a comunicação das emissões de CO2 por litro nas bombas, embaixo da identidade de cada combustível. Assim a questão ambiental também vai passando aos consumidores.

**Haja limão:** finalmente o Governo atendeu a uma reivindicação de 4 anos para remoção do PIS e COFINS ao etanol. Mais uma que deu certo. Agora o foco deve ser em redução do ICMS nos Estados e uma ação tributária em cima do setor de bens de capital para que os necessários investimentos voltem. Um plano de longo prazo para o etanol, com sua missão na matriz energética brasileira em 2020, 2025 acho que podemos esquecer por parte do Governo.



## 37- SERÁ O FIM DA TOLERÂNCIA DO POVO?

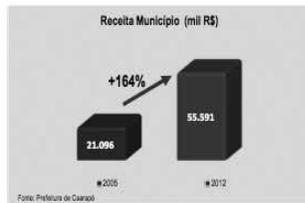
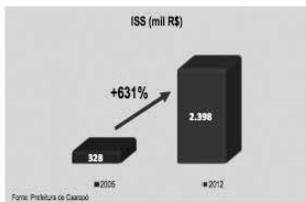
*Publicado na Revista Canavieiros em junho de 2013.*

**Efeitos da Macroeconomia:** O Brasil continua andando de lado e a novidade do mês foi a disparada do dólar, que chegou a R\$ 2,15 no dia do fechamento desta coluna. Ao produtor de cana, uma vez que os preços do açúcar exportado são em dólares, tem-se uma pequena compensação pela queda do preço internacional quando convertido em reais, mas é preciso analisar o impacto causado na inflação. Se conseguirmos controlar, este novo dólar contribui mais ainda com a força do agronegócio brasileiro no mundo.

**Aprendizado de Viagem:** Fiz uma palestra em Dourados e outra em Naviraí (ambos em Mato Grosso do Sul), no Brasil que se desenvolve. Imagens impressionantes de cidades planejadas, onde o recurso trazido da cana vem e movimentando a economia. Entre Dourados e Naviraí, passa-se por Caarapó, onde uma usina foi implantada. Os dados comparam 2005 (antes da Usina) com 2012, vejam vocês o incrível desenvolvimento.

### Evolução do Município de Caarapó

\*Os gráficos abaixo referem-se à evolução de indicadores que refletem o desenvolvimento do município de Caarapó, desde a implantação da indústria.



Nos EUA visitei Saint Louis para fazer uma palestra sobre o futuro dos alimentos. É uma das fortes cidades no que tange ao agronegócio, sede de diversas multinacionais como Monsanto e Novus. Impressionantes os centros de pesquisa integrando o Estado e as empresas privadas. Realmente em inovação os EUA dão show.

**Pessoas Canavieiras (homenagem do mês):** Este mês queria fazer uma

homenagem especial ao José Coral e seu maravilhoso trabalho pelo setor e pela AFOCAPI e Coplacana, em Piracicaba.

**Vida nos EUA:** impressionante como aqui o sistema universitário caminha junto com o setor privado. Na Universidade de Purdue, onde estou dando aulas neste ano, os prédios têm nomes de empresários, as salas de aula também e mesmo salas de professores e de reuniões, baseado na quantidade de recursos doados durante os projetos de construção. No Brasil tem gente contrária a esta ideia, acham que estamos privatizando o ensino. Um pensa grande, outro pensa pequeno. Um apresenta 30% das patentes mundiais, outro, 2%. Simples diferença. No Brasil temos que conviver com o grupo que chamo de 4P's. O pessoal que tem em suas cabeças retrógradas o projeto permanente de perpetuação da pobreza. Vejam algumas fotos da Purdue University.

**Haja limão:** escrevo esta coluna vendo, a distância, os tristes episódios das ma-



nifestações e a reação da Polícia em São Paulo e em outras capitais contra o aumento no preço da passagem do ônibus. Ainda não sei se esta é a verdadeira motivação, mas com certeza são deploráveis as cenas de violência, seja de manifestantes que passam do ponto e perdem a razão, as injustificadas e criminosas depredações do patrimônio público e a reação policial, em alguns casos também exagerada. Choca saber que brasileiros pediram o linchamento de um policial.

De qualquer forma, pode ser que o povo finalmente tenha cansado da violência, do baixo crescimento econômico, do difícil pesadíssimo e corrompido processo político brasileiro, da corrupção descontrolada, do lamentável episódio do mensalão, da má gestão em diversas áreas. Quem sabe a tolerância do povo esteja acabando.

### **Por falar em tolerância:**

Nosso conto se inicia no ano de 1980 em Cuba, no histórico episódio “Êxodo de Mariel”, quando 125 mil pessoas fugiam da ditadura comunista saindo pelo Porto de Mariel, localizado na cidade de mesmo nome a 40 km de Havana, sonhando com melhores perspectivas. Os que ficaram em Cuba viveram mais de 30 anos, onde perceberam, além da violação constante de direitos humanos, uma pobreza bem distribuída e pouco avanço na capacidade de produção desta linda ilha, cheia de recursos. Muitas indústrias sucatearam, como o caso da açucareira, porém são ainda bons em algumas como no delicioso rum, no fumo de seus charutos e na lucrativa exportação de médicos a alguns países da América do Sul.

No “Êxodo de Mariel”, muitos cubanos morreram pelo caminho, perderam familiares, mas muitos realizaram o sonho e construíram verdadeiras fortunas na Flórida, quando encontraram um ambiente fértil que premiaria seu esforço, seu trabalho e seu empreendedorismo.

Ler sobre este fato histórico nos leva a 2010, 30 anos após o êxodo. Lembrei de uma visita com um primo feita na interessante cidade de Berlim. Após três dias em uma feira de fruticultura, tivemos o dia livre e fomos ao “Checkpoint Charlie”, onde existia um dos controles da passagem da Europa Oriental, então socialista, para a Ocidental, de mercado. Lá existe um museu que relata a história do Muro de Berlim e das tentativas de fuga das pessoas que também perderam suas liberdades, suas vidas e famílias com o mesmo propósito dos cubanos de Mariel. Terminamos a emocionante visita, sentamos na calçada para observar, assimilar e refletir.

Chegamos a uma conclusão: “se fosse bom, para que precisava de muro?”

Nosso conto vai agora a janeiro de 2014, quando são amplamente divulgados dois fatos, os números da economia brasileira em 2013 e a volta do assunto Mariel, graças a um investimento bilionário da sociedade brasileira feito neste histórico Porto de Cuba.

O primeiro fato, números da nossa economia, mostra que silenciosamente as cadeias produtivas do agronegócio brasileiro seguiram 2013 no seu caminho de produzir e gerar renda, empregar para distribuir renda e contribuir com a economia brasileira. O valor bruto da produção do agrobrasileiro chegou a R\$ 470 bilhões, 11,3% maior que em 2012. Deste total, cerca de 66,5% referem-se a agricultura e os 33,5% à pecuária. Renda gerada que moveu inúmeros outros setores econômicos do que chamo de Brasil-Chinês, o Brasil do agro.

As exportações encostaram em US\$ 100 bilhões, 4,3% acima de 2012. As importações também cresceram 4%, chegando a US\$ 17 bilhões, o que proporciona um incrível saldo de US\$ 83 bilhões em 2013. Só em soja foram US\$ 31 bilhões, chegando a 31% do total brasileiro. Sojicultores tiveram a façanha de exportar 10 milhões de toneladas a mais em 2013.

Entre os compradores, foi a China, e não Cuba, que desbancou a União Europeia e passa a ser o maior consumidor da nossa comida. Chega já a quase 23% das nossas exportações do agro, e só tende a crescer. Vale dizer que a China comprou do Brasil US\$ 23 bilhões só em comida, ao passo que Cuba comprou ao redor de US\$ 500 milhões entre todos os produtos exportados pelo Brasil, parte deles para as obras do Porto, e boa parte financiada pela sociedade brasileira.

Se olharmos o Brasil como uma grande empresa que compete no mundo, nossa sociedade não vai bem. Estamos caindo diversas posições nos principais rankings mundiais de competitividade. O rombo das transações correntes (balança comercial, serviços e transferências) em 2013 atingiu US\$ 81 bilhões, 50% a mais que em 2012, sendo o maior desde 2001. O investimento estrangeiro direto no Brasil caiu para 2,88% do PIB. É a primeira vez que este percentual cai desde 2009. Nosso superávit primário foi o menor desde 2002 (1,9% do PIB).

Nossa deteriorada balança comercial fechou o ano com saldo de pouco mais de US\$ 2,5 bilhões, o pior resultado desde 2000. O Governo só não jo-

gou o país para déficit na balança devido à criativa operação de se exportar as plataformas de petróleo que nunca deixaram o Brasil. Só isto gerou US\$ 7,7 bilhões em “exportações”.

Quem sabe futuramente para acertar nossa balança, vamos exportar os Hotéis do lindo litoral brasileiro para nos ajudar... A barraquinha de água de coco do Seu João em Maceió poderia ser exportada e, mesmo continuando em Maceió, virar... “Johnny Coconut Place - Cayman LLC”.

Os números de 2013 mostram que na conta Petróleo nosso déficit foi de US\$ 22 bilhões, contra US\$ 5,6 bilhões de déficit em 2012. É fruto do apagão que contamina este Governo na área de energias renováveis, onde se optou por destruir a indústria da cana, tal como em Cuba, para favorecer as importações de gasolina, uma tragédia há anos amplamente anunciada pelos ignorados cientistas brasileiros.

Soma-se a isto a acelerada destruição da Petrobrás, cujas ações alcançaram o menor valor em Bolsa desde 2008. Segundo a consultoria Econômica, a empresa vale hoje 54% do seu patrimônio líquido, o menor valor desde 1999, para tristeza de seu competente corpo técnico. Em 2013 mais uma vez registrou queda na produção. Não entendo, se a empresa tem um Conselho de Administração remunerado, como este não é juridicamente responsabilizado por este fato.

Também fomos contemplados nestes últimos anos com três presentes muito indesejáveis e indigestos. O aumento na taxa de juros, a perda de valor da nossa moeda e conseqüentemente do nosso patrimônio, e o mais terrível: a volta da inflação. Diferentemente de quem está no dia a dia brasileiro, quem morou um ano fora do Brasil pode dar sua percepção que a inflação voltou, e voltou forte. Nada disso seria necessário se tivéssemos um projeto de gestão e não de poder, e as conseqüentes reformas estruturantes tivessem sido parte da agenda.

A sofrível gestão do pesado e complexo Estado e a decorrente a explosão do gasto público deixou nosso Governo sem margem para reduzir sua fúria arrecadatória (impostos). Se isto impacta no competitivo agro, imaginem em outros setores, como na indústria e o turismo. De que adiantou o agro exportar US\$ 100 bilhões, se a indústria tomou um tombo de US\$ 100 bilhões?

Isto tem um custo, e está ligado ao segundo tópico deste mês de janeiro, o polêmico Porto de Mariel. Foi amplamente noticiado o investimento

da sociedade brasileira, de praticamente US\$ 1 bilhão, via seu banco de desenvolvimento, no Porto de Mariel, em Cuba, inclusive com supostas acusações da falta de transparência deste investimento público.

Ao mesmo tempo em que investimos em Cuba, foram estimadas em cerca de R\$ 4 bilhões as perdas dos exportadores em 2013 com as ineficiências na infraestrutura logística brasileira. Estes bilhões sumiram dos bolsos dos produtores, exportadores, donos de pizzaria e imobiliárias, entre outros. É uma perda não apenas do agro, mas de toda a sociedade brasileira. Recursos que foram para o ralo.

Apesar do Banco Mundial ter previsto ao Brasil uma das menores taxas de crescimento entre todos os países analisados, as cadeias produtivas do agrobrasileiro continuarão seu forte trabalho em 2014. A CONAB diz que a safra brasileira de 2013/14 será de quase 197 milhões de toneladas. Será um crescimento de 5,2% em relação à safra que terminou (187 milhões de toneladas). Se produzirmos as quase 91 milhões de toneladas de soja esperadas, devemos passar os EUA para ser o maior produtor mundial. A área total deve chegar a quase 56 milhões de hectares, 4% maior.

O investimento no Porto de Mariel, além do endosso a um governo ditatorial que afronta os direitos humanos, foi um verdadeiro e humilhante tapa na cara do produtor brasileiro, que deve, em 2014, perder outros R\$ 4 a 5 bilhões devido à deficiente infraestrutura do Brasil. Nada contra o lindo país e o povo cubano, mas o "retorno a Mariel" é apenas mais um caso de uma absoluta falta de foco e de entendimento deste Governo do que é realmente prioridade para a sociedade que tenta produzir no Brasil e não em Cuba.

Termino o conto do "Êxodo e da Volta de Mariel", pedindo ao Governo que, por favor, faça uma reflexão e, em seguida, um "êxodo" desta agenda dos últimos anos que deteriorou os resultados econômicos e a nossa capacidade competitiva. Caso não exista interesse do Governo em trocar a agenda, meu pedido passaria então à sociedade brasileira, para que possamos fazer em 2014, sem inspiração cubana, mas sim democraticamente, um "êxodo"... deste Governo.

## 38- A CANA COMO VETOR DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL

*Publicado na Revista Agroanalysis, Fundação Getúlio Vargas em julho de 2013.*

O objetivo deste trabalho é o de descrever como a chegada de novas usinas pode dinamizar a atividade econômica, ambiental e social de uma região. O segundo objetivo é o de mostrar que em se utilizando o modelo de produtores independentes de cana como o formato principal para a produção de cana, em detrimento do formado onde a Usina produz toda a sua cana necessária, é mais profícuo para a sociedade sob a ótica econômica, social e ambiental. Para a realização dos objetivos deste, foi feito amplo levantamento documental na região de Quirinópolis e entrevistas em profundidade com prefeitos, gerentes de bancos, produtores independentes de cana, associações de produtores, usinas, entre outros agentes.

Muitas críticas se cercam em relação à produção de cana de açúcar, dentre elas, a de que a cana de açúcar cresce sobre áreas de outras culturas, concorrendo com a produção de outros alimentos. No caso de Quirinópolis este fenômeno não é completamente verdadeiro. Apesar do crescimento da área com cana de açúcar, que passou a ocupar uma área de 48 mil hectares em 2011, outras culturas como a soja, o sorgo e o milho não perderam suas importâncias na região.

Como pode ser visto na tabela 1, apesar das outras principais culturas terem perdido uma parte de suas áreas, ocorreu o aumento da produtividade destas culturas (Soja - 8%, Sorgo - 23,8% e Milho - 23,9%) o que compensou parte da diminuição de áreas destinadas para as mesmas, resultando na produção de volumes menores, porém relativamente maiores do que as perdas de área.

A chegada da cana de açúcar na região ocupou importante área de cultivo, seja pela substituição de poucas áreas de outras culturas ou pela ocupação de pastagens degradadas e naturais, trazendo assim grande desenvolvimento para a região, de forma sustentável e mantendo a produção de outras culturas. Vale ressaltar também que a produção de leite cresceu e o rebanho teve ligeira queda.

Com a integração cada vez maior de lavouras e atividades pecuárias, será

natural um crescimento conjunto, e com o aumento na produtividade esperado nos grãos, é de se esperar também um melhor uso da terra, com mais produtividade e, conseqüentemente, de produção.

O desenvolvimento da região de Quirinópolis é evidente entre os anos de 2005 e 2011, com a instalação das usinas São Francisco e Boa Vista (Grupo São Martinho, sendo um investimento com forte participação da Petrobras). A cidade de Quirinópolis, que antes ocupava a 39ª posição no ranking das cidades com melhor qualidade de vida em Goiás, agora ocupa a 6ª posição em 2012.

Não é só o setor sucroenergético que sentiu os benefícios desse desenvolvimento, mas o aporte de investimentos na região aumentou o número de empregos e conseqüentemente a renda populacional, impulsionando também outros setores como o da construção civil e até o setor hoteleiro.

De acordo com a tabela 2, o número de empresas estabelecidas na cidade foi de cerca de 700 no ano de 2004 para mais de 3.300 no ano de 2011.

Juntamente com a abertura de novas empresas, o número de empregos formais da região aumentou mais de 100% no período analisado. Esse aumento de empregos, acompanhado do aumento da receita do município e do pequeno aumento populacional, resultou em uma maior e melhor dis-

*Tabela 1: Evolução de áreas plantadas de diferentes culturas no município de Quirinópolis, entre 2000 e 2011*

Culturas	2000 (5 anos antes da cana)			2011 (5 anos após a cana)		
	Área (Ha)	Rend. Médio (Kg/Ha)	Prod. (Ton)	Área (Ha)	Rend. Médio (Kg/Ha)	Prod. (Ton)
Milho	8.400	5.381	45.200	4.800	6.666	32.000
Soja	28.000	2.500	70.000	20.000	2.700	54.000
Sorgo	4.000	2.100	8.400	600	2.600	1.560
Cana-de-açúcar	-	-	-	48.000	73.000	3.504.000
Leite * (mil litros)	-	-	42.000	-	-	50.050
Rebanho Bovino* (cabeça)	-	-	360.000	-	-	319.500

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Seplan.

\*Produção de Leite em mil litros e rebanho bovino em número de cabeças de gado.

*Tabela 2: Evolução dos indicadores socioeconômicos do município de Quirinópolis, entre 2002 e 2011*

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Empregos Formais (un)	4.074	4.332	4.123	5.128	6.826	8.901	8.775	9.311	9.957	10.971
Frota de Veículos (mil unidades)	8,65	8,88	9,82	10,70	11,46	12,55	14,27	16,90	18,96	23,43
ICMS (Milhões R\$)	8,2	10,2	7,8	8,1	14,5	13,5	14,9	22,2	21,5	24,3
ISS (Mil R\$)					2.767	4.728	8.211	4.393	5.726	9.040
Número de Empresas (un)	722	839	988	1.272	1.546	1.875	2.202	2.753	3.102	3.324
População Estimada (un)	36.982	37.201	37.659	37.913	38.165	38.064	39.485	39.756	43.220	
Receitas do Município (Mil R\$)	33.849	28.225	28.219	31.643	40.426	50.366	61.350	60.595	65.875	
Renda per Capita (R\$)			7.593	7.572	8.359	9.678	13.401		14.971	
Salário Médio (R\$)	416	485	528	628	704	827	1014	1.124	1.238	1.483

*Fonte: Elaborado pelo autor a partir de SEPLAN-GO, DETRAN-GO -  
\*Até abril 2012 - \*\* Até 24 de maio de 2012*

tribuição de renda local. Nota-se que a renda per capita do município saltou de R\$ 7,5 mil no ano de 2004 para R\$ 15 mil no ano de 2010. A tendência também foi acompanhada pelo salário médio dos trabalhadores, triplicado nos últimos anos.

Isto se reflete também na construção civil. O preço de um terreno em Quirinópolis em 2002 era de R\$ 10 mil, hoje o mesmo terreno é vendido por R\$ 100 mil. Faltam hoje todos os tipos de mão de obra na construção civil, desde pedreiros, carpinteiros, entre outros.

O preço do hectare de terra pulou de R\$ 4.500 em 2004 para R\$ 20.000 em 2012, comprovando a hipótese de que quando chega a cana se valorizam os terrenos e as terras. Surgiram diversas concessionárias para atender a esta crescente demanda por automóveis.

Os relatos mostram que a cidade hoje tem oficinas lotadas, borracheiros funcionando dia e noite e lojas de peças contando com plantões em feriados e finais de semana, tal a movimentação econômica trazida pelos produtores de cana.

Fora isto, o setor de serviços oferece diversas oportunidades de emprego

às mulheres, melhorando sua condição e muitas vezes propiciando sua independência, outro benefício social.

Todo esse crescimento foi acompanhado diretamente com o aumento na arrecadação de impostos como ICMS, por exemplo. No ano de 2011 foram arrecadados R\$ 24,3 milhões pelo ICMS, que são revertidos em investimentos e desenvolvimento para a região, um valor três vezes maior que o arrecadado em 2004.



Conforme mostrado, este enorme salto nos indicadores socioeconômicos do município de Quirinópolis, comprova a importância do setor no desenvolvimento região e o impacto no crescimento, que sofreu grande influência da instalação de usinas na região.

Ter a oportunidade de visitar Quirinópolis é gratificante. É um exemplo do Brasil que dá certo, do país que interioriza o desenvolvimento, que gera emprego, inserção e oportunidades. Parte disto, ficou provado neste texto, advém da chegada da cana e de inúmeros empreendedores com visão econômica, ambiental e social que se instalaram nas terras do município para gerar produção e renda.

## 39- UM INCRÍVEL RESPEITO DOS AMERICANOS PELO AGRO DO BRASIL

*Publicado na Revista Canavieiros em julho de 2013.*

**Efeitos da Macroeconomia:** as notícias aqui não são boas. Dólar subindo, quase perto de 2,30, inflação fora da meta, estudo da FGV mostra a perda de valor do BNDES, de 38% com perdas na bolsa e dividendos ao Governo, visando trazer mais equilíbrio às contas. Seguem os protestos de todos os lados paralisando o país, enfim, a herança maldita do governo Luiz Inácio Lula da Silva apareceu. A má gestão mais cedo ou mais tarde aparece, como um vazamento. Neste caso, está vazando de todos os lados e começo a temer que a Presidente terá muita dificuldade de conduzir o que resta do seu mandato. Para tristeza minha e de todos nós.

O encanto do mundo com o Brasil terminou, e todos clamam por mudanças. O interessante é que agora a mídia mundial finalmente entendeu as razões para isto, ligadas à má gestão e à corrupção. Legado do governo do PT, afinal, contra números e indicadores, não tem blá blá blá.

Fiz uma palestra em Campo Florido (MG). Belo trabalho feito lá pela Associação dos Produtores de Cana e pelas Usinas. Bonito circular na região e ver os pastos que foram convertidos em cana, espalhando o desenvolvimento por todos os lados.

**Cana:** Segundo a UNICA, até 1º de junho tinham sido processadas 116 milhões de toneladas no CS, o que é número bem superior às 70 milhões de toneladas do ano anterior. Cerca de 42% foi destinado a açúcar, uma grande diferença em relação ao ciclo anterior (48%). O ATR está em 121,45 kg/tonelada, 5,8% acima do ano passado. Mas foi bom ver que na última quinzena de maio, o ATR foi 12% superior ao mesmo período do ano passado (132kg). Ou seja, uma cana melhor neste ano. O preço é que está muito baixo, principalmente pelo fator negativo do açúcar. Mesmo com este preço baixo, o valor bruto da produção de cana (tonelada x preço) deve alcançar R\$ 47,8 bilhões na safra atual, contra R\$ 43,5 bilhões no ciclo anterior. Um crescimento de quase 10%.

**Etanol:** O consumo de etanol, ainda que tardiamente, por conta da demora de repasse de preços nos postos, vem reagindo. Em maio foram vendidos pelas Usinas 2,08 bilhões de litros, um crescimento de 26% em relação

ao mesmo mês de 2012. O consumo de anidro (770 milhões) já é de quase 40% a mais que o mês anterior, reflexo da também tardia, mas salutar volta da mistura a 25%. O hidratado, que poderia estar mais forte, vendeu 1,06 bilhão de litros e cresceu quase 8% em relação ao mesmo mês do ano anterior, fruto, mais uma vez, da demora na redução dos preços nos postos.



Devemos lembrar que a frota atual pode consumir até 2 bilhões de litros por mês. Cálculos feitos pelo Plínio Nastari indicam que um consumo de 300 milhões de litros de hidratado a mais por mês, ajudam a tirar 5,75 milhões de toneladas de açúcar do mercado mundial, contribuindo para influenciar nos preços.

**Pessoas Canavieiras (homenagem do mês):** Este mês queria fazer uma homenagem especial justamente ao Plínio Nastari. Que profissional, no sentido exato da palavra. Sempre um prazer ouvi-lo e aprender com ele.

**Vida nos EUA:** Aqui nos EUA fiz apresentação sobre o agrobrasileiro a grandes produtores rurais, e fica sempre aquele entusiasmo com o que estamos fazendo, mostrei imagens da conversão de terras no MAPITOBA e ficaram impressionados. Ao final, um produtor americano fez um comentário que esteve em Barreiras e Luiz Eduardo Magalhães, e as piores fazendas que viu foram as administradas pelos americanos. É algo que sempre digo a vocês, nossa agricultura tem um respeito incrível aqui nos EUA, joga na primeira divisão. Pena que nosso governo esteja aquém, sendo de segunda divisão. Continuo aqui usando apenas etanol de milho. Vejam que foto legal a bomba da BP. Haja limão: A Petrobras importou, de janeiro a maio de 2013, US\$ 18,42 bilhões em combustíveis, contra US\$ 14,26 bilhões em 2012, no mesmo período. Pesa a favor da Petrobras o aumento da mistura de anidro para 25%, o que reduz em cerca de 30% as importações diárias de



## The End of Brazil's Boom: Inflation and Corruption Fuel Revolt

By Jens Gluesing



Photos ▶

AP/dpa

**Brazil's middle class is outraged over corruption and the feeling that none of the country's new prosperity is trickling down to them. With the economy stagnating, the country urgently needs reforms.**

cerca de 70 mil barris de gasolina. A situação seria muito pior com a mistura de 20%. Desde 2008, com a redução e eliminação da CIDE na gasolina o Governo deixou de arrecadar R\$ 22 bilhões a serem investidos no transporte, principalmente. Está aí a consequência desta política que ajudou a prejudicar o etanol. Chega de limão no mês!

## 40- 10 QUESTÕES SOBRE O FUTURO DO ETANOL

*Publicado no Jornal China Daily em agosto de 2013.*

### As Grandes Questões do Etanol

O bioetanol é produzido em diversos países, sendo os Estados Unidos (com cerca de 50 bilhões de litros, a maior parte derivada do milho) e o Brasil (com cerca de 28 bilhões de litros, a maior parte derivada da cana) responsáveis por quase 80% dos 100 bilhões de litros estimados da produção mundial (2014). A seguir exploro o que vem acontecendo nesses dois países e levanto dez questões sobre o futuro desta indústria global.

Maior produtor e maior mercado de etanol do mundo, os EUA fixaram em 13,2 bilhões de galões a meta de mistura obrigatória para 2012. Mas com o declínio no consumo de gasolina - de 142 bilhões de galões em 2007 para 134 bilhões de galões em 2011 - e com o nível máximo de adição de etanol na gasolina limitado a 10%, o teto de mistura ficou abaixo daquele volume. A Agência de Proteção Ambiental (EPA) aprovou em 2011 uma mistura de 15% (E15), mas oferecida em bombas separadas e expressamente identificadas, e apenas para carros fabricados após 2001. Tais desafios dificultaram a implantação do E15, que só é encontrado em menos de 50 postos de abastecimento em todo os EUA.

Embora o etanol faça uso de menos de 5% da produção mundial de grãos, nos EUA ele chega a consumir quase 40% da produção de milho, gerando muitas queixas por parte dos produtores de carne. A divulgação do etanol nos EUA e os lobbies que os produtores têm que enfrentar são muito mais complicados do que no Brasil.

Segundo maior produtor e mercado do mundo, o Brasil tem seu consumo de etanol puxado pela frota flex-fuel, que representa quase 20 milhões de veículos e cresce na base de 3 milhões de novas unidades por ano. O preço do etanol está vinculado ao do petróleo, mas no Brasil, nos últimos anos, o preço da gasolina foi mantido abaixo do patamar internacional, num esforço do governo para conter a inflação. Essa política prejudicou a Petrobras e também o setor de etanol, comprimindo os preços do etanol a um máximo de 70% do preço da gasolina (devido à menor eficiência do etanol). O governo brasileiro também pode variar o nível de mistura do etanol anidro na gasolina, de 18% a 25%, conforme os números de produção da cana, a matéria-prima utilizada no Brasil.

Após esta síntese sobre os dois maiores produtores e mercados de etanol, apresento agora 10 grandes questões que podem moldar e até mesmo alterar o futuro deste mercado:

1. Um relatório divulgado no Reino Unido mostra que a China irá ultrapassar os EUA como maior importador de petróleo no mundo. Com a venda expressiva de carros novos e o consumo crescente de petróleo pela frota de caminhões em expansão, espera-se que, em 2020, 70% da demanda chinesa de petróleo seja atendida com importações, o que representa cerca de US\$ 500 bilhões. O número de carros em circulação deve saltar dos 20 milhões existentes em 2005 para 160 milhões em 2020 (Wood Mackenzie). Qual será a influência da China sobre os preços do petróleo e o papel do etanol nesse cenário, considerando-se que a maior parte das grandes cidades chinesas já enfrenta um grave problema de poluição?

2. A preocupação com problemas ambientais, aquecimento global e a instabilidade dos preços do petróleo levou um número cada vez maior de países a incluir o etanol na matriz de combustíveis, com mandatos de mistura na gasolina. O que esperar? Será que esse movimento continuará a criar mercados para a mistura de etanol por todo o mundo?

3. A Índia está aprovando uma mistura de 5% de etanol na gasolina. Qual será o futuro do etanol na Índia? Dada a grande área plantada de cana e os atuais preços do açúcar, poderá a Índia adotar uma política de etanol mais agressiva para substituir importações de petróleo, copiando o exemplo brasileiro?

4. O que acontecerá com a mistura compulsória de etanol nos EUA? Se mudanças vierem a ocorrer, como elas poderão influir no consumo interno de etanol no futuro? O E85 vai ser economicamente viável, conquistando os 11 milhões de carros flex que atualmente rodam nos EUA (de um total de 240 milhões de veículos) nos lugares onde houver bombas de combustível à disposição? Se o volume produzido nos EUA exceder a meta de mistura, será que as exportações de etanol dos EUA serão economicamente atraentes?

5. Qual será o papel nos EUA nas importações do etanol de cana, que recebe tratamento fiscal especial e é classificado como combustível avançado pela EPA?

6. Poderão as promissoras inovações que surgem no horizonte triplicar ou até quadruplicar a produtividade da cana, tornando esse etanol mais competitivo frente aos seus novos e velhos concorrentes?

7. Se todos os carros flex existentes no Brasil hoje tiverem os tanques completados com etanol, quase 10 milhões de toneladas de cana serão consumidas. Espera-se que a frota brasileira atinja a marca de 50 milhões de carros em 2021, sendo 40 milhões com motor flex, provavelmente a maior do mundo. Se 50% desses veículos usarem etanol hidratado, poderemos ter um mercado de quase 34 bilhões de litros em 2021. O volume de etanol anidro misturado na gasolina à proporção de 25% poderá chegar a quase 14 bilhões de litros, contra 8,4 bilhões de litros em 2013. O que acontecerá no mercado interno de etanol? Será que ele conquistará os motoristas donos de carros flex?

8. Poderá o etanol celulósico se tornar viável no curto prazo, desbancando em parte as matérias-primas utilizadas atualmente para a produção de etanol (principalmente a cana, o milho e a beterraba)?

9. Qual será o impacto do gás de xisto no mercado de etanol americano e mundial no longo prazo?

10. Que inovações podem criar produtos substitutos passíveis de colocar em perigo o futuro do etanol como fonte de energia?

Apesar dessas questões, o futuro do mercado mundial de bioetanol pode ser promissor. Existem estimativas de que o mercado poderá crescer dos 92 bilhões de litros consumidos em 2012 para 165 bilhões de litros em 2020, a serem consumidos majoritariamente na América Latina e do Norte. Mas as questões aqui colocadas não são fáceis de responder, de forma que fica realmente difícil prever se esse futuro favorável virá mesmo a se concretizar.

Recomendo agora às equipes de estratégia do setor sucroenergético, a tentativa de conjuntamente tentarem responder às questões e colocarem estas variáveis no radar para busca de informações e tendências futuras. Bom trabalho.

## 41- O AGRO É PROVAVELMENTE A ÚNICA GRANDE OPORTUNIDADE ABERTA AO BRASIL

*Publicado na Revista Canavieiros em agosto de 2013.*

Excepcionalmente nesta edição especial da Canavieiros para a Fenasucro 2013 eu gostaria de trazer o texto publicado na grande imprensa para que o setor canavieiro também possa ver as oportunidades que estão abertas a nós. Morando no exterior, estou cada vez mais convencido que a sociedade brasileira, se tem chance grande em algo, este algo é o agro.

A Universidade de Purdue, nos EUA, lançou pesquisa mundial, contando com a participação da USP, chamada de “nove questões para nove bilhões”. O estímulo foi o nascimento do habitante de número sete bilhões, que representa um marco no desenvolvimento da humanidade. A população mundial deve atingir a marca de nove bilhões, e provavelmente se manter nesse patamar, por volta de 2050.

O agronegócio e, conseqüentemente a sociedade brasileira, tem se beneficiado desse crescimento do consumo mundial, pois pulamos de uma exportação de US\$ 20 bilhões em 2000 para provavelmente mais de US\$ 100 bilhões em 2013, com claras possibilidades de se atingir US\$ 200 bilhões em 2020. A safra de grãos chega a 184 milhões de toneladas e a renda da agricultura e pecuária chega a R\$ 450 bilhões em 2013, um recorde de geração e distribuição de renda.

Vivemos a era do consumo mundial de alimentos, puxado pelos fatores de principal impacto, que são o crescimento populacional, urbanização, desenvolvimento econômico, distribuição de renda, programas governamentais de acesso a alimentos, como os recém-implementados na China e na Índia, o uso de terra para biocombustíveis e bioprodutos e para geração de eletricidade.

Estima-se que a economia global crescerá 3,3% ao ano até 2022, puxada pelo mundo emergente, com média de 5,6% ao ano, com destaque para a China, 7,8%, e a Índia com 7,5%. Os emergentes se tornarão os grandes compradores dos nossos alimentos, pois em 2020 serão 82% da população consumidora (China e Índia serão quase 40%). África e Oriente Médio responderão por 50% do aumento da importação global de carnes e outros

alimentos e a China deve importar 25 milhões de toneladas de milho e 100 milhões de soja, sendo a maior parte do Brasil.

Graças a este consumo viveremos décadas de enorme pressão em cima dos recursos produtivos, que são a terra, a água, as pessoas (recursos humanos), a tecnologia, a informação, a conectividade, o crédito, os governos e instituições, a capacidade de armazenagem, de transporte e, finalmente, a capacidade de gestão.

As sociedades que tiverem estes recursos, que é o caso do Brasil, com amplo estoque de solo, água e clima para colocar à disposição do consumo mundial, e souberem manejá-los melhor, estarão à frente na promoção de seu desenvolvimento econômico, social e ambiental, puxado pelas exportações de alimentos.

O Brasil passa por grande crescimento nos custos de produção, devido ao manejo insuficiente de alguns dos recursos citados acima. O problema logístico, que causará um prejuízo de US\$ 4 bilhões aos produtores em 2013, é apenas um exemplo que preocupa não apenas a nós, mas ao mundo consumidor.

É fundamental que seja feita uma avaliação das principais preocupações que os sistemas de produção agrícola devem enfrentar no mundo, identificando nove dos maiores desafios que a agricultura e a indústria de alimentos enfrentam ou enfrentarão, avaliar sua situação e como o conhecimento está se desenvolvendo para guiar futuras pesquisas e estruturar discussões relacionadas a como alimentar, vestir e movimentar o mundo de maneira sustentável.

### **Vamos às nove questões:**

1- O crescimento econômico e aumento de renda vão permitir uma adequada distribuição de recursos, suficientes para comprar alimentos adicionais e melhorar sua ingestão nutricional?

2- Quais serão as características demográficas de saúde e exigências nutricionais da futura população?

3- Os recursos estarão disponíveis para suprir o esperado aumento de demanda por produtos agrícolas relacionados a alimentos, rações, combustíveis, fibras, plásticos, eletricidade, entre outros?

4- As políticas dos governos irão impedir ou impulsionar a produção e produtividade agrícola?

5- Qual será o aumento de produtividade e capacidade de produção agrícola mundial que as tecnologias e inovações proporcionarão?

6- Como estão os solos, recursos hídricos, para suprir alimentos de maneira sustentável sendo social e ambientalmente responsável e economicamente viável?



7- Como os transportes e logística e as políticas internacionais serão adequados e dispostos para levar a produção ao consumo?

8- Como as mudanças climáticas, incluindo o aquecimento global e maiores variações de pluviosidade e temperaturas, vão impactar na localização dessas produções agrícolas?

9- Quais serão as informações, conhecimentos, habilidades e competências necessárias para fazer frente ao aumento da demanda mundial?

Estas discussões e este grande crescimento das importações mundiais de alimentos abrem ao Brasil uma enorme oportunidade. Trata-se provavelmente do único setor ou negócio produzido no país que apresenta, após os nossos portos, chances tão claras de exportações, de venda de produtos e de colocar nossa sociedade no primeiro mundo.

Para aproveitar esta oportunidade o Brasil deve agir para melhorar o uso dos seus recursos, seja na remoção dos entraves logísticos, de armazenagem, tributários, trabalhistas, financeiros, ambientais, de governança, de pesquisa, de seguros, de segurança no campo, entre outros há muito tempo apontados.

Quanto mais cedo o Ministério da Agricultura, num país onde o agronegócio representa mais de 35% do PIB, receber do Governo Federal o devido holofote, sendo blindado, fortalecido e ocupado por técnicos qualificados,

coordenando todos os esforços desta área de alimentos, bioenergia, mais cedo a sociedade brasileira conquistará esta renda do consumo mundial para ser aqui amplamente distribuída.

Precisa-se sair do Brasil para ver que a capacidade do agronegócio brasileiro de responder a essa demanda mundial é internacionalmente reconhecida. Falta o reconhecimento nacional, não apenas em palavras, mas em ações efetivas, em prioridade e capacidade de implementação de estratégias. É uma chance única que se abriu a nossa sociedade.

Desejo uma boa Fenasucro a todos. Tenho certeza que poderia ser mais vigorosa e animada se tivéssemos um comando melhor no nosso país, que pudesse ver as amplas oportunidades discutidas neste diálogo entre meus dois textos. Com certeza as vendas e investimentos seriam muito maiores. Haja limão com esta falta de visão e de gestão.

Antes de concluir, para não perdermos a característica da coluna, o homenageado do mês é o Arnaldo Luiz Correa, Diretor da Archer Consulting. Arnaldo semanalmente nos brinda com uma análise do mercado, recebida em nossos e-mails uma leitura muito agradável e informativa.

## 42- EXPORTAÇÕES DE AÇÚCAR DEVEM TER GRANDE CRESCIMENTO

*Publicado na Revista Canavieiros em setembro de 2013.*

Nesta coluna estou colocando uma síntese de texto que escrevi para o China Daily, onde são discutidas as grandes questões relativas ao mercado do açúcar. É importante para nossas reflexões de futuro e mais ainda para perceber a grande chance que se abre ao Brasil e ao produtor de cana para suprir as necessidades futuras.

O açúcar é reconhecido mundialmente como a fonte básica de energia para o metabolismo, e o setor de alimentos e bebidas depende do açúcar. Falo dos números dessa cadeia e compartilho minhas principais questões quanto ao seu futuro.

**Consumo de Açúcar:** O consumo, de acordo com a Organização Internacional do Açúcar (ISO) e outras fontes, cresce em torno de 2% a 2,24% ao ano. Saiu de cerca de 143 milhões de toneladas consumidas em 2005/06 para 171 milhões em 2012/13. Os maiores consumidores de açúcar são Índia (23 mi), União Europeia (19 mi), China (15 mi), Brasil (13 mi), EUA (10 mi), Federação Russa (5,8 mi), Indonésia (5,2 mi), Paquistão (4,7 mi), México (4,5 mi) e Egito (2,9 mi).

O consumo médio pode crescer até 4 milhões de toneladas/ano, expandindo o mercado em cerca de US\$ 1,6 bilhão (considerando um preço de US\$ 400/t). Projeções com esse padrão de crescimento podem elevar o consumo de açúcar a 204 milhões de toneladas em 2021, sendo 131 mi produzidas e consumidas localmente e 73 mi exportadas, expandindo o mercado de exportação em 15 milhões de toneladas na comparação com 2013. A seguir-se o atual padrão, o mercado de importação de açúcar em 2021 poderá ser US\$ 60 bilhões maior. Bom para o Brasil e para o produtor de cana.

**Produção de Açúcar:** No lado da produção, por causa da sua importância, quase todos os países produzem açúcar, seja a partir de cana-de-açúcar, de beterraba-açucareira ou outras fontes. A produção mundial de açúcar aumentou de 145 milhões de toneladas em 2005 para 175 milhões em 2012. Os maiores produtores são Brasil (39 mi), Índia (25 mi), União Europeia (17 mi), China (13 mi), Tailândia (10 mi), EUA (8 mi), México (6,5 mi),

Rússia (4 mi) e Austrália (4 mi). O Brasil teve o maior crescimento desde 2005, 40% (de 27 mi para cerca de 39 mi), enquanto o crescimento nos demais países ficou em torno de 16%. Isso fez com que a participação da produção brasileira aumentasse de 19% para 22% do total. A produção continuará crescendo no mundo, com uma estimativa de cerca de 206 milhões de toneladas para 2021.

**Exportadores de Açúcar:** O Brasil respondeu por 50% do total de 58 milhões de toneladas de açúcar comercializadas em 2012/13, seguido por Tailândia (16%), Austrália (5%), Índia (4%), União Europeia (4%) e vários outros países, que somam os restantes 21%. As exportações brasileiras saltaram de 17 milhões para 28 milhões de toneladas nos últimos 7 anos, um crescimento de quase 60%, enquanto as exportações dos outros países caíram quase 6%.

**Importadores de Açúcar:** Os maiores importadores de açúcar em 2011 foram EUA (2,7 mi), Rússia (2,4 mi), Indonésia (2,2 mi), Índia (1,9 mi), China (1,9 mi), Irã (1,8 mi), Malásia (1,4 mi), Argélia, Coreia e Bangladesh (1,2 mi cada).

**A Situação Atual de Preços Baixos:** As reservas correntes de açúcar estão altas devido aos três anos de produção acima da demanda. Os preços em 2013 estão na faixa de US\$ 0,16 -0,17/libra-peso, o menor patamar dos últimos anos. Essa produção maior é uma reação às boas cotações de 2009 a 2011. Os preços atuais talvez não incentivem a produção, e os estoques devem ser usados nas próximas duas ou três safras, levando a um novo equilíbrio.

Se o futuro imediato da cadeia de açúcar é relativamente previsível, o que esperar para os próximos dez anos? Depois desse panorama do mercado de açúcar, a segunda parte do artigo explora dez questões que eu acredito devem moldar e até mudar o futuro deste mercado:

## 10 Reflexões de Futuro:

1) Os países asiáticos são responsáveis por 60% do crescimento no consumo. O consumo per capita de açúcar na China e na Índia, assim como em outros países populosos da Ásia e da África, é menor do que nos EUA, Europa e Brasil. O crescimento da renda/urbanização, que puxa o mercado de refrigerantes, chocolate e doces, sucos e vários outros produtos que utilizam açúcar, pode causar um enorme impacto nesses números. Para dar um exemplo, o consumo per capita da China corresponde a 40% da média mundial, e uma

mudança de 5 kg/pessoa na China criaria um mercado de 7 milhões de toneladas. Será que o consumo per capita crescerá nesses países a uma taxa maior, alterando a média anual de 2,4% de crescimento no consumo?



2) A Índia foi responsável pela maior volatilidade no preço do açúcar, devido a uma variação na produção e também ao alto consumo. Com a pressão por terra e a necessidade de produzir mais grãos para o consumo interno, terá a Índia capacidade de expandir a produção de açúcar com vistas à demanda interna ou se concentrará mais em outras culturas para antever a crescente população, consolidando-se como importadora de açúcar?

3) Alguns países produtores de açúcar estão adotando misturas compulsórias de etanol na gasolina. A Índia deve começar uma mistura de 5% em 2013, e outros países como Tailândia, União Europeia, Austrália, México e Brasil já possuem ou estão discutindo a adoção de misturas. Como isso irá afetar a produção de açúcar, já que criará um mercado de etanol que compete pela cana e pela beterraba-açucareira?

4) Com as atuais cotações do açúcar, a produção não é economicamente viável em algumas áreas e para alguns grupos da indústria. Quais indústrias (petrolíferas, empresas de comércio, indústria de alimentos etc.) e países terão condições de consolidar e liderar a expansão do açúcar com baixo custo total (produção + logística), aproveitando o crescimento dos mercados importadores?

5) Que novas plantas ou tecnologias de produção podem surgir para dar um impulso a essa indústria açucareira tradicional e relativamente antiga?

6) Embora a cana tenha custos de produção menores do que a beterraba-açucareira e outras fontes, será que os substitutivos, como os adoçantes (com seu próprio preço e estrutura de custos), e outras fontes de açúcar roubarão uma fatia do mercado da cana?

7) A União Europeia tem uma produção de beterraba-açucareira altamente subsidiada. O que acontecerá nos próximos anos com a reforma da Política Agrícola Comum e como isso vai afetar o equilíbrio produção-consumo na Europa?

8) O Brasil é o maior player neste mercado. Em torno de 40% a 60% da cana brasileira é destinada ao etanol, que é consumido principalmente no mercado interno pela crescente frota de carros flex fuel. Será que o etanol vai ser competitivo com a gasolina, desviando mais cana para o etanol no futuro e retirando açúcar do mercado internacional?

9) Como as mudanças climáticas e as condições gerais do clima influirão na capacidade de produção de diferentes regiões?

10) Já que tanto o milho como o açúcar são fontes de etanol, há uma crescente relação no preço dessas commodities; portanto, como os futuros preços do milho poderão afetar os preços e o consumo do açúcar? Da mesma forma, o petróleo e a gasolina competem diretamente com o etanol como combustível. E o etanol também está diretamente vinculado ao açúcar. Como os preços do petróleo afetarão os preços e o consumo do açúcar?

Essas são as grandes questões a respeito do futuro da indústria do açúcar que eu queria partilhar com os leitores. Tentar respondê-las é um ponto de partida, mas não será fácil!

**Homenageado do Mês:** Antes de concluir, para não perdermos a característica da coluna, o homenageado do mês é o Deputado Antônio Carlos de Mendes Thame. Já recebeu diversos votos meus, é uma das luzes que ainda restam acesas no Congresso Nacional, esta casa que nos proporcionou o vexame de absolver um Deputado condenado. Thame, continue com forças abrilhantando o nosso Congresso com sua profundidade, sua cultura e sua elegância. E lembrar que você foi meu professor de português no Colégio Luiz de Queiroz, em Piracicaba, em 1983-1985, só me dá alegria.

**Haja Limão:** participei como palestrante do evento bem organizado mais uma vez, pela ORPLANA, em 30 de setembro, no anfiteatro da Canaoeste. Realmente a insatisfação com este Governo é generalizada. Que pena, o Brasil poderia ter coisa melhor, mas não vamos jogar a toalha. Vamos nos organizar e lutar para mudar. Aliás, aviso a todos que estão falando para eu aproveitar que posso e ficar por aqui (nos EUA). Não se livrarão de mim tão fácil. Em janeiro estou de volta!

## 43- PRODUZIR ETANOL OU IMPORTAR GASOLINA

*Publicado no Jornal O Estado de São Paulo em 27/09/2013.*

Em apresentação no evento mundial de etanol realizado pela UNICA em São Paulo, um técnico do Ministério das Minas e Energia projetou o consumo adicional de combustíveis dos automóveis ciclo Otto (gasolina ou flex) em 25 a 30 bilhões bilhões de litros em 2020. O objetivo deste artigo é discutir como suprir esta demanda adicional no Brasil em tão pouco tempo.

Do lado da oferta de combustíveis, é fato que teremos pouco crescimento na produção interna de gasolina. Restariam então duas alternativas à sociedade brasileira: produzir etanol (alternativa A), ou importar gasolina (alternativa B). A ou B, eis a decisão.

Optando pela A, a sociedade pode colher diversos benefícios. Com a ampliação e construção de novas Usinas, reativando os setores de bens de capital e também o setor agrícola, trazendo milhões de hectares de pastos para produção de cana, podem ser gerados quase 100 mil empregos diretos no interior do Brasil e com estes investimentos dar um empurrão no preguiçoso PIB brasileiro. Seria também gerado grande volume de açúcar exportável para contribuir na balança comercial brasileira, fora a cogeração de eletricidade, para desligar as caras térmicas movidas a óleo.

Recente pesquisa feita em Quirinópolis (GO) e em Caarapó (MS) mostra os benefícios econômicos, sociais e ambientais no município que recebe uma nova Usina. Em Quirinópolis, existiam antes de duas usinas chegarem (2005), 1000 empresas. Seis anos após, eram 3300 empresas, ou seja, empreendedorismo puro. Existiam 5 mil empregos formais, hoje são mais de 11 mil, com o salário médio saltando de R\$ 700 para R\$ 1500. A arrecadação de ISS multiplicou por 10 neste período e a de ICMS pulou de R\$ 8 milhões para 25 milhões.

A usina de cana produz energia e gera renda nova, que depois circula no município e é amplamente distribuída via salários, impostos e aquisições de produtos e serviços, movimentando os outros setores como construção civil, restaurantes, comércio. Gera um efeito multiplicador. Basta visitar estes municípios e conhecer o “Brasil chinês”.

Após uma análise da competitividade do Brasil em diversos setores sob um enfoque internacional, fica a questão: que outra alternativa de desenvolvimento tão rápida teriam estes municípios do interior do Brasil? O que poderia ser feito para promover seu desenvolvimento? Colocar mais um boi por hectare de pasto? Imaginem o impacto de 80 novas usinas planejadas em 80 cidades do interior. Fora isto, ter segurança energética é algo que todos os países buscam e o Brasil pode caminhar em sentido contrário.

Se a opção for a B, de importar gasolina, além de abrir mão dos benefícios acima, é necessário gerar excedentes de exportação para pagar por este combustível. Vale lembrar que a balança comercial brasileira apresenta em 2013 o pior resultado em quase 20 anos, fruto da perda da capacidade competitiva e geradora de renda das nossas empresas, por fatores amplamente conhecidos.

Supondo em 2020 um preço de US\$ 1 por litro, seriam quase US\$ 30 bilhões gastos por ano para importar a gasolina. Para pagar esta conta, os setores do Brasil que hoje conseguem exportar, que são os poucos ligados ao agronegócio, tais como o de carnes (bovina, suína, frango), café, papel e celulose, suco de laranja, algodão terão que dobrar de tamanho em apenas seis anos somente para pagar esta gasolina importada, uma solicitação impossível de ser feita a estes setores. Portanto, ficam questões: se optarmos pela B, como a sociedade brasileira pagará? Existe infraestrutura logística no Brasil para receber este volume importado?

Ainda, a opção B nos complicará na questão ambiental, uma vez que a gasolina é extremamente mais poluente que o etanol. São fatores a serem considerados e precificados.

A sociedade brasileira precisa optar entre A ou B. Pelo viés de desenvolvimento econômico, social e ambiental, de segurança energética, fico com a A. Se for esta a escolhida, precisamos trabalhar forte e rápido, estamos no limite para que dê tempo, afinal faz cinco anos que conhecemos este cenário e pouco foi feito.

A proposta feita à Presidente pelos Prefeitos, de se retomar a incidência da CIDE no preço da gasolina e com isto reduzir o preço do transporte público, estimulando-o, teria efeito neutralizado na inflação e daria, entre outras ações necessárias e conhecidas, grande impulso à alternativa A.

## 44- OS FATOS QUE JOGAM CONTRA O DESENVOLVIMENTO

*Publicado na Revista Canavieiros em outubro de 2013.*

Nesta coluna estou colocando uma síntese de tópicos recentes que me chamaram a atenção no mercado da cana e um texto que escrevi para a Revista Dinheiro Rural, um conto que os deixará intrigados. Mas antes uma nota de solidariedade à Copersucar, pelo incêndio em Santos. Como grande admirador do agrobRASILEIRO, do setor de cana e da Copersucar, senti grande dor no ocorrido. Que possamos colocar de pé esta estrutura o mais rapidamente possível.

**Macroeconomia e Consumo:** Existe a perspectiva do Governo aumentar a mistura de biodiesel no diesel dos atuais 5% para 7% ainda neste ano, o que traria mais mercado para os produtores de oleaginosas no Brasil e contribuiria para reduzir as importações de diesel. O setor pede um marco regulatório que possa levar a mistura até 20% em 2025.

O valor bruto da produção pecuária e de agricultura no Brasil deve somar R\$ 417 bilhões em 2013, sendo quase 10% superior ao valor de 2012, proporcionando recorde histórico.

**Cana:** O valor bruto da produção de cana em 2013 deve passar de R\$ 47 bilhões, quase 5% a mais que em 2012.

**Movimentos e Investimentos (Empresas):** A lamentável política energética do Brasil está destruindo o valor do setor de bens de capital. A Dedini anunciou vendas de apenas R\$ 435 milhões em 2012, mais de 30% menores que 2011. Lembrar que a empresa chegou a vender mais de R\$ 2 bilhões no auge do crescimento do setor. Em 2012 a empresa deu mais um prejuízo, de R\$ 113 milhões.

O risco de médio e longo prazo são as fontes de energia alternativa, e aí o gás de xisto deve ser estudado muito de perto para ver os impactos que trará no etanol e no pré-sal. Num momento onde o mundo recua um pouco na questão ambiental, o mercado de créditos de carbono enfrenta grande crise e as fontes fósseis de energia mostram que durarão muito tempo.

**O Conto da Operação J. Dalton:** (publicado no Dinheiro Rural) e você ficou curioso com este título deste artigo “O Conto da Operação J.Dalton”,

vou ajudá-lo a entender através de dois capítulos desse gênero literário. A inspiração para o conto vem dos batismos dados pela Polícia Federal brasileira para suas grandes operações, cada vez mais frequentes no Brasil.

O primeiro capítulo começa com um fato extraordinário, que tem o poder de provocar uma grande alegria. As exportações do agronegócio, em agosto, somaram US\$ 10,17 bilhões, sendo quase 50% do total exportado pelo Brasil. Em 2013, as exportações do setor acumuladas já batem em US\$ 70 bilhões, e o saldo em quase US\$ 58 bilhões, 10% acima de 2012. A renda do campo deve chegar a US\$ 180 bilhões neste ano. Por isso, o agro é visto como o setor mais competitivo da economia verde-amarela, aonde quer que se vá, no mundo. Aqui nos EUA, onde vivo neste ano, causa grande respeito e também incômodo.

Até a presente data de 2013, a balança comercial brasileira apresenta o seu pior desempenho em décadas. Com exceção do agro, quase todas as demais exportações caíram, devido à deterioração da capacidade competitiva das empresas, fruto de pouquíssimas reformas estruturantes feitas pelo governo federal.

Já o segundo capítulo do conto provoca tristeza, ao contrário da alegria proporcionada pelo primeiro. Ele começa com a publicação “Instalada a Comissão da PEC Anti-Índigena”, divulgada pela respeitável organização não governamental Greenpeace, dona de batalha incessante pela preservação ambiental do planeta. A PEC visa disciplinar e ampliar o debate, além de determinar quais são os responsáveis na questão da demarcação de terras indígenas no País. Para começar, causa estranheza esse tema na seara do Greenpeace. Ou seria Índianpeace? Da referida publicação, duas frases se destacam para esse capítulo: “...se os representantes do agronegócio saírem vencedores nessa batalha, como saíram no Código Florestal, não serão apenas os indígenas que perderão, mas toda a sociedade brasileira...” A outra diz ser o agronegócio “o setor mais atrasado da economia brasileira”.

Com dois capítulos, nosso conto entrou em curto-circuito. De um lado, vemos fatos: o desempenho econômico medido por geração de renda, exportações competitivas, ganhos de mercado do agro e os outros setores... caindo nas exportações. De outro lado, vem a opinião do Greenpeace, que é o setor mais atrasado da economia, e seu crescimento leva à perda da sociedade brasileira. Quem estaria com problema de visão?

Estariam os setores ditos “modernos da economia” gerando empregos, exportando por fora, por baixo do pano, em contrabando noturno? No conto acionamos a Polícia Federal, que criativamente bolou a Operação J. Dalton. Depois de ampla investigação temos a triste notícia que a operação nada encontrou de crescimento e de exportações dos outros setores.



Por que a P.F. deu este nome à operação? O inglês John Dalton nasceu em 1766 e viveu até 1844. Cientista com diversas contribuições, principalmente na teoria atômica. Dalton tinha um problema na visão, que intensamente investigado deu origem ao termo daltonismo. O portador tem dificuldade de ver, principalmente de confundir cores, como o verde e o vermelho. Tanto no semáforo quanto no desenvolvimento econômico, esta confusão de cores não é boa. Em ambos, o verde significa avançar e o vermelho, parar ou até retroceder.

Nosso conto deixa duas mensagens: o agro precisa agir coletivamente e com mais rigor com as organizações que são injustificadas e levianamente ofensivas ao seu difícil trabalho diário. E como o crescimento do agro leva ao desenvolvimento econômico, social e ambiental, a sociedade brasileira precisa enxergar melhor e também reagir, pois enquanto o agro produz e gera renda, uma turma do contra fica todo o tempo criando contos sem fundamento.

**Homenageado do Mês:** Antes de concluir, para não perdermos a característica da coluna, o homenageado do mês é o Deputado Duarte Nogueira, que tal como o Thame, homenageado na coluna anterior, já recebeu diversos votos meus. Tem feito um belo trabalho em prol do agronegócio.

# 45- OS IMPACTOS DA NOVA PROPOSTA AMERICANA DE USO DE ETANOL NA AGRICULTURA BRASILEIRA

*Publicado na Portal NovaCana em novembro de 2013.*

Este texto tem o objetivo de compartilhar minha análise sobre a proposta de mudança nas regras para o uso de combustíveis renováveis nos EUA. Acabei lendo coisas na imprensa brasileira que me preocuparam, houve certo exagero em possíveis impactos. Início dizendo que esta era a maior incerteza que eu considerava para a agricultura brasileira para os próximos anos. Divido a análise em cinco sessões: quais os motivos da mudança na regra de 2007 (1), qual a relação desta com a agricultura brasileira (2), o retrocesso, caso a proposta seja aceita (3), os impactos na cana brasileira (4), e considerações finais (5).

## **1 - Qual o motivo da mudança na regra de 2007?**

Esta proposta de mudança está em consulta pela EPA (Environmental Protection Agency) desde 15 de novembro. A principal justificativa é a de que o consumo de gasolina nos EUA caiu (consumo per capita caiu 16% de 1984 a 2011 e o consumo total caiu de 142,4 bilhões de galões em 2007 para 134 bilhões em 2012) tal como o consumo do petróleo cai também mais recentemente graças ao gás de xisto. Como as metas de adição de etanol e outros biocombustíveis estabelecidas em 2007 são em volume (diferentemente do Brasil, que tem como meta uma porcentagem de 25%), a porcentagem necessária de adição de etanol na gasolina poderia passar os 10%, que são aceitos aqui, o que é chamado de “blend wall”.

A indústria de etanol americana, apesar de ter um lobby muito forte, enfrenta pesada batalha contra a indústria do petróleo, principalmente, mas também contra a indústria que usa grãos, ou seja, a indústria de carnes e até o fast-food se posiciona contra o etanol. São diários os ataques que acompanho ao etanol de milho. Estas indústrias são as grandes pressionadoras da EPA e do Congresso dos EUA, aliado ao fato do próprio produto a partir do milho não apresentar os mesmos resultados ambientais que o etanol de cana. É pressão de todos os lados.

## 2 - Qual a relação de um menor crescimento dos biocombustíveis nos EUA com a agricultura brasileira?

Primeiramente vale ressaltar que qualquer país no mundo que anuncie uma mistura de biocombustível na gasolina ou no diesel de certa forma beneficia o Brasil, pois este país usará parte das suas terras, ou parte dos seus grãos ou até da sua cana, para a produção de combustíveis, ou terá que importar, caso não consiga produzir. Com isto, fica um mercado aberto para o Brasil ocupar com a produção de grãos, de açúcar ou mesmo exportar etanol para estes países. É como se removêssemos parte de um concorrente. São promissoras as notícias principalmente para a cana, pois Austrália, Índia, Tailândia e outros concorrentes no açúcar estão implementando e aumentando as misturas, até para fazer frente aos baixos preços do açúcar.

O biocombustível representou um empoderamento da agricultura mundial, pois transfere renda da cadeia do petróleo à cadeia produtiva agrícola, e com isto faz ampla distribuição de renda, uma vez que se trata de uma cadeia produtiva com muito mais agentes econômicos, além dos benefícios ambientais, pois é renovável e bem menos poluente. Transfere renda de um número menor de países petroleiros para um grande número de países agrícolas.

Portanto, um recuo dos EUA, o principal produtor e usuário de grãos, no uso do milho como biocombustível e no uso de outras fontes representa uma vitória da indústria do petróleo sobre a agricultura americana. É um mal sinal mundial para a indústria de biocombustíveis.

Mas os impactos não param aí e atingem o Brasil. Caso ocorresse um menor uso de milho para este combustível, além de prejudicar todos os investimentos feitos em Usinas de etanol nos EUA, liberaria milho para o mercado mundial, e os impactos seriam uma redução ainda maior nos preços do milho, que refletiria também nas outras commodities, pois com preços menores há tendência de substituição de áreas de milho por outras culturas, principalmente a soja, e acaba deprimindo os preços destas culturas também.

Fora isto, com oferta de grãos abundante e com baixos preços, ganharia muita força a produção de carnes nos EUA (frangos, suínos e em menor escala, bovinos) e muitos produtores americanos já fazem as contas para produzir mais suínos com o milho. Apesar do preço do milho mais baixo

ajudar a indústria de aves e suínos brasileira, o grande crescimento da força competitiva e da produção dos EUA também afetaria, principalmente as exportações destes setores brasileiros que vêm tendo ótimo desempenho.

Um rearranjo da oferta de grãos desta magnitude superaria o crescimento do consumo mundial e jogaria a agricultura numa grave crise por pelo menos uns 3 a 4 anos, até que a oferta e demanda se ajustassem, isto numa realidade de custos de produção bem mais elevada nos últimos anos. Perderia e muito o Brasil, com riscos sérios à nossa economia, que é puxada pelas exportações recordes do agronegócio.

### **3 - Caso a proposta seja aceita, ela representa um retrocesso no que foi conquistado?**

Apesar das nuvens pretas, a mudança anunciada pela EPA não representa, como foi noticiado no Brasil, um retrocesso no que já foi conquistado, mas sim nas perspectivas de crescimento futuro. Existem diversas categorias de etanol nos EUA, e a mudança propõe uma redução na meta de uso de etanol em 2014, de 18,15 bilhões de galões para 15,21 bilhões de galões. Este número é ligeiramente menor que o estipulado para 2013, de 16,55 bilhões de galões. Portanto, o mercado deixa de crescer quase 3 bilhões de galões (16% a menos).

No caso do etanol de milho, a meta era de 14,4 bilhões de galões para 2014, e deve ficar em cerca de 13 bilhões de galões. Em 2013 este mercado deve ser ao redor de 13,8 bilhões de galões, portanto perde-se 800 milhões de galões. As alternativas para escoar a produção do etanol de milho nos EUA são o E15 e o E85, mas estes têm dificuldade de decolar e serão tema de próximo artigo.

Os EUA não recuaram, não vão deixar de usar o milho. Simplesmente não irão crescer. Porém, continuarão usando cerca de 35 a 40% da safra, uma quantidade de 120 a 125 milhões de toneladas de milho para etanol. Devemos ainda lembrar que havia o teto de 15 bilhões de galões para o uso do milho na norma de 2007.

Também é voz corrente nos EUA que esta mudança será questionada judicialmente, pois há correntes que dizem que o argumento para a mudança não se verifica, uma vez que não há limitações de produção e até quem questiona se a EPA pode fazer esta mudança. Esta aí colocada a situação do momento.

#### **4 - Quais os impactos na cana brasileira caso seja aprovada como está?**

Nos biocombustíveis avançados, onde entra o etanol de cana e o biodiesel de soja, a meta de uso cai de 3,2 bilhões de galões para 2,2 bilhões de galões em 2014. Em 2013 devem ser consumidos ao redor de 2,75 bilhões de galões. Vale ressaltar que entre estes combustíveis, o biodiesel de soja enfrenta muita reação também, afinal a soja é alimento, e o etanol brasileiro recebe críticas por ser importado.

O principal impacto negativo é que a esperança de exportar grandes quantidades de etanol aos EUA, seguindo o crescimento que era esperado para o etanol avançado na norma de 2007, não se mostra mais tão promissora. Este ano o Brasil exportará pouco mais de 1,5 bilhão de litros aos EUA. Em 2014 o mercado americano, onde se enquadra o etanol de cana será no total, de 8,8 bilhão de litros. Prefiro não ser tão pessimista quanto os que dizem que nosso espaço fica limitado a uma quantidade como a exportada este ano. Teremos outros competidores, mas vai depender da competitividade do etanol de cana conquistar mais espaço dentro deste limite. Ainda é um limite alto.

#### **5 - Considerações Finais**

Como explorei aqui, apesar das manchetes negativas no Brasil, prefiro ter uma leitura mais otimista. O mercado americano continua, temos boas chances na Flórida, Califórnia e outros estados litorâneos, e nosso principal alvo mesmo continua sendo o mercado interno de etanol, onde a Petrobras divulgou um estudo que mostra que apenas 23% dos carros flex utilizam etanol, e em 2009, a proporção era de 66%. Assim que houver o reajuste de preços da gasolina e a nova fórmula seja implementada e ocorrer uma ligeira alteração desta equação de consumo com virada da enorme frota flex para o etanol, muda radicalmente todo o quadro de crise no setor.

Pena que nosso Governo esteja com uma leitura equivocada na questão dos combustíveis, e tenha sistematicamente ignorado a opinião praticamente unânime de todos os cientistas do setor. Jogou o peso do controle da inflação de 2013, que é de toda a sociedade, em cima da Petrobras e seus acionistas, e nas costas das Usinas e dos fornecedores de cana, que representam uma parcela muito pequena da nossa sociedade. O controle inflacionário é um custo de todos e não de pequena parcela dos brasileiros. Não foi justa a

decisão do Governo Federal. São e serão dolorosos os resultados deste erro de política pública.

Resta agora não somente à UNICA, mas à ORPLANA e às diversas associações de produtores de grãos no Brasil monitorarem e até participarem, se bem-vindas forem, da reação coordenada à esta mudança, se juntando às associações dos EUA, uma vez que a consulta está aberta.

Argumentos ambientais e sociais não faltam, pois são, antes de mais nada, uma batalha do petróleo contra a agricultura, contra o meio-ambiente e contra a distribuição de renda que o biocombustível representa em relação ao petróleo. Eu, com viés econômico, social e ambiental, estou do lado da agricultura nesta batalha. Prova disto é que aqui nos EUA só abasteço com E85.

## 46- OS FATOS QUE JOGAM CONTRA O DESENVOLVIMENTO II

*Publicado na Revista Canavieiros em novembro de 2013.*

Nesta coluna estou colocando uma síntese de tópicos recentes que me chamaram a atenção no mercado da cana e mais um caso para os leitores da Canavieiros.

**Macroeconomia e Consumo:** de perspectivas ao agro, continuo com a visão de um bom período pela frente, um pouco mais moderado do que foram os últimos cinco anos. As margens devem ser um pouco menores, e a produção deve continuar crescendo. Apesar da demanda crescente, a agricultura mundial respondeu a este estímulo com áreas crescentes e produções crescentes. Terras e tecnologias foram utilizadas.

**Cana:** a Datagro estimou o ATR final da safra fechando 134,6 (R\$ 0,4652) e a moagem em 584 milhões de toneladas (Centro-Sul). Bem desestimulante. Expectativas das principais consultorias em previsão de safra indicam para 2014/15 em média igual a atual até 5% a mais de cana que neste ano.

A projeção da ARCHER, baseado nos números da Unica (União da Indústria de Cana-de-açúcar) é a de fecharmos o ciclo atual com cerca de 590 milhões de toneladas de cana processadas, quase 33,5 milhões de toneladas de açúcar e 25,3 bilhões de litros de etanol.

A Índia fixa os preços da cana via Governo. Neste momento o preço fixado está acima da capacidade de pagamento das indústrias, e não acompanha os preços do açúcar, e sim custos de produção. Podemos ter impacto de menor produção. É o efeito dos preços baixos do açúcar já afetando outros países produtores.

Boas notícias vindas da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) em relação ao sorgo biomassa, que pode atingir seis metros de altura em 120 dias, com proporção mais elevada de lignina, podendo gerar de 30 a 50 toneladas de massa seca por hectare, sendo importante caminho para a cogeração de eletricidade e mais uma alternativa às Usinas e produtores.

**Etanol:** com o anidro a R\$ 1,36/l e o hidratado a R\$ 1,21/l, estamos

chegando mais perto de preços que poderiam ser estimuladores. Pena que isto só está ocorrendo no final do ano, e poderíamos, caso o que colocamos aqui desde o ano passado tivesse sido feito, ter esta situação durante todo o ano de 2013. Em recente debate, os presidentes da Mercedes Benz e da FIAT no Brasil disseram ser o carro a etanol a melhor alternativa nossa para o futuro, em detrimento da gasolina e do carro elétrico.

Como já anunciado aqui diversas vezes, a maior incerteza do ano teve uma direção estabelecida. A EPA (Agência de Proteção Ambiental dos EUA) anunciou novas metas para o etanol nos EUA, o que representa um retrocesso na política de combustíveis renováveis. O total de uso de etanol proposto é de 15,2 bilhões de galões, uma redução ao redor de 15% proposta, no que seria o uso para 2014. Para os combustíveis avançados, onde se inclui a cana, a meta caiu de 3,2 bilhões de litros para 2,5 bilhões de litros, uma redução maior que a total prevista.

A Petrobrás divulgou um estudo onde mostra que apenas 23% dos carros flex no Brasil utilizam etanol, e em 2009, a proporção era de 66%. Em setembro deste ano consumiu-se 14% a mais de hidratado que neste mesmo mês de 2012. Já a gasolina, no acumulado deste ano, cresceu 4% o consumo. A defasagem do preço da gasolina está em 12%, e um aumento de 6% deve acontecer ainda em 2014. Espera-se com grande expectativa a implementação da nova fórmula de precificação proposta pela Petrobras, que traria menor intervenção do Governo nesta questão que vem sendo absolutamente prejudicial ao etanol.

São grandes as chances de importação de etanol americano na entressafra brasileira. Acredita-se que este etanol chegue ao Brasil a US\$ 530/m<sup>3</sup> (sem tarifas e taxas). Os EUA são o principal comprador de etanol do Brasil, estima-se que no ciclo 13/14 seja de quase 2,5 bilhões de litros. O etanol de milho também vai fazer parte mais ativa da produção brasileira. Já são três os investimentos no Centro-Oeste (Usimat e Libra, usinas de cana, e agora um anúncio da Fiagril). Cada tonelada de milho gera 400 litros de etanol e 330 kg do DDGS, um substituto do farelo de soja na ração animal. O etanol pode ser usado nos mercados regionais do Centro Oeste e do Norte do Brasil, que representam mais de 3 bilhões de litros de consumo de combustíveis. A estrutura pode ser montada em Usinas de cana existentes também, e neste caso se beneficiam da oferta de bagaço para geração de energia para a planta.

Em 2015 também teremos no Brasil três usinas de etanol de segunda geração, produzindo ao redor de 160 milhões de litros/ano. Os investimentos são da GraanBio, Cosan e Petrobras. Segundo a GraanBio, o etanol celulósico terá um custo operacional 20% menor que o etanol de cana, será feito com compra de biomassa das Usinas.

**Açúcar:** Superávit mundial deve ser menor que o estimado devido à safra mais alcooleira no Brasil e redução da produção em alguns mercados. Deve diminuir os excedentes mundiais. A OIA prevê excedentes na safra atual (2013/14) em 4,7 milhões de toneladas. Em 2012/13 tivemos 10,6 milhões de toneladas, o que levou a esta situação de preços. A produção neste ciclo deve ser de 181,5 milhões de toneladas (183,6 no ciclo anterior). O consumo será 2,1% maior ou seja, 3,7 milhões de toneladas a mais, chegando a 176,5 milhões de toneladas. Acreditam que o consumo em 2014/15 chegue a 181 milhões de toneladas.

**O caso do mês:** “A Vitória do Selvagem na Operação Robert Howard” - este meu segundo conto traz uma bonita, mas também triste história. Nos convida ao lindo e ensolarado Vale do São Francisco, que tenho o privilégio de visitar há quase 15 anos. E o título do conto... sertão, semiárido, Robert Howard e selvagem, qual seria a relação entre eles?

Conheci na região de Lagoa Grande (PE), cidade bem próxima às lindas Petrolina e Juazeiro, imortalizadas por Jorge de Altinho, na emocionante canção Petrolina e Juazeiro (“nas margens do São Francisco, nasceu a beleza, e a natureza ela conservou...”) uma gente trabalhadora e empreendedora, que junto com a Codevasf, a Embrapa, o Sebrae, e outras organizações do Estado e privadas, lutaram para, quase no meio do nada, criar um polo produtor mundial de vinhos e uvas.

Numa história merecedora do nosso apoio, esta brava gente meteu a cara para competir com a Califórnia, Europa, Austrália, África do Sul, Chile e Argentina, produzindo os vinhos da nova latitude (paralelo 8).

Despertou curiosidade, e escrevemos para a Universidade de Harvard, imaginem... Harvard... um estudo de caso, “um conto”, sobre a produção de vinhos lá na região. Este conto voou para o mundo com o endosso da marca Harvard. Em 2010, no gélido janeiro em Boston, apresentei o conto para 200 executivos do mundo e aos professores de Harvard, com direito a degustação dos vinhos ao final. Fiquei emocionado e orgulhoso ao vê-los

apreciando nossa inovação e o Brasil participando do jogo mundial.

A feira da uva e do vinho de Lagoa Grande (Vinhuva Fest), já em sua oitava edição, visa entre outros esforços criar esta marca, este conceito mundial. É resultante do desenvolvimento daquela região pelo trabalho, pela geração de emprego e inclusão, afinal, a produção de frutas emprega muita gente. Visitei fazendas que chegam a empregar 1500 pessoas.

Até então temos um conto feliz: uva, vinho, música, Boston, Harvard, trabalho, sol e o Vale do São Francisco... Mas na segunda parte do conto o vinho vira vinagre.

A Vinhuva Fest de 2013 foi cancelada, devido a mais uma invasão nas fazendas produtoras, feita por pessoas que, tal como eu, não tem terras, os ditos “sem terras”, coordenadas por um antigo e eficiente movimento, porém, ainda na informalidade. Apesar da reintegração de posse concedida, nada foi feito, trazendo um clima de insegurança, como em outras regiões do Brasil que quer trabalhar e produzir. Resultado: grande evento, evento do ano, cancelado.

O Instituto do Vinho e a Associação dos Produtores e Exportadores de Frutas do Vale do São Francisco, verdadeiras pérolas e exemplo na atividade de empreender com ações coletivas, emitiram nota onde prestam solidariedade aos trabalhadores e empresários da propriedade alvo deste crime de invasão e depredação, que produz há mais de 40 anos, sendo destaque em responsabilidade social e no relacionamento com seus funcionários (Valexport).

Com o cancelamento, advindo da invasão, insegurança e tolerância crescente com o crime no Brasil, perdeu a parcela da região e do país que quer se conectar no jogo mundial. Perderam também milhares de pessoas: os empreendedores, comerciantes, donos de restaurantes, de lojas, de pousadas, de hotéis, taxistas e, inclusive, perderam os ambulantes que hidratariam os participantes sob o sol de novembro em Lagoa Grande.

Venceu, como vem vencendo cada vez mais batalhas, a parcela do Brasil que não aceita participar do jogo jogado e consagrado no mundo e tem como meta, como modelo de desenvolvimento econômico, social e ambiental, provavelmente alguma tribo rudimentar ou primitiva.

Se em Boston escapei de dar explicações sobre mais este fato do Brasil selvagem em ação, pois ocorreu depois, o conto termina relatando que

tenho, para minha tristeza e de vocês, perdido cada vez mais tempo para explicar este tipo de notícia fora do Brasil, afinal, estamos provendo ao mundo fartos contos de ações selvagens.

A motivação para o título deste conto vem do fato que recebo, com assustadora e crescente frequência, além



da invasão contada acima, que levou ao cancelamento da feira, depoimentos de produtores rurais cujas fazendas, armadas apenas com suas famílias, seus tratores, seu esforço e sua vontade de trabalhar e produzir, foram invadidas (assaltadas) por bandos criminosos armados ou desarmados, estimulados pela impunidade reinante.

Falta concluir fazendo a relação com o que viram até agora. Robert Ervin Howard, escritor, nasceu no também semiárido Texas em 1906, e se suicidou 30 anos depois, ao saber que a mãe estava em coma. Curiosamente foram velados e enterrados juntos.

Porém, em pouco tempo de vida, Robert Howard deixou um patrimônio à humanidade: uma série de excelentes contos, principalmente sobre invasões, operações e batalhas selvagens, lutas tribais e temas congêneres. Entre seus destaques está a criação do famoso personagem Conan, o bárbaro.

**Homenageado do mês:** antes de concluir, para não perdermos a característica da coluna, o homenageado do mês é o deputado Arnaldo Jardim. Tem feito um belo trabalho em prol do agronegócio e agora na liderança da frente parlamentar em prol da cana.

**Haja Limão:** o consumo de etanol caiu 40% no Brasil, desde 2009, enquanto a frota só cresceu. Pensa num Governo com uma ignorância infinita.

## 47- 2014 SERÁ UM ANO INTERESSANTE

*Publicado na Revista Canavieiros em dezembro de 2013.*

Nesta coluna estou colocando os pontos interessantes que teremos pela frente em 2014, para serem monitorados. Será um ano movimentado.

Vou fazer minhas previsões, com toda a transparência, vamos ver se acertar. Em dezembro vocês podem me cobrar. Risco puro, mas estou disposto a tomar.

**Macroeconomia e Consumo:** Será um ano difícil para o Governo Brasileiro. As contas se deterioraram, a pressão inflacionária está grande. Ano eleitoral, muita coisa por vir.

1 - Nenhuma reforma estrutural importante que possa prover maior competitividade às empresas brasileiras será aprovada. Perdemos os quatro anos de Dilma neste aspecto. O Governo focará seu esforço na reeleição, que tomará tempo da máquina e com isto menos foco ainda em coisas importantes será dado.

2 - A menos que seja feita alguma maquiagem, creio que a inflação estoura a meta e deve ficar próxima a 7%, Brasil deve crescer 2,8% e os EUA se recuperam fortemente, Europa sai do limbo e Japão também, e os emergentes crescem mais forte. Boas notícias nesta área.

3 - Existe um temor de rebaixamento da dívida brasileira, o que poderia gerar mais incerteza dos investidores, por outro lado, continuam as privatizações sendo feitas, e atraindo recursos, creio que o dólar fecha 2014 em R\$ 2,45.

4 - A menos que surja uma nova candidatura, creio que a eleição para presidente vai para segundo turno, e o candidato que for, seja Aécio ou Campos, vencerá a Presidente Dilma por 53% x 47%. Em São Paulo, o Governador Alckmin será reeleito, porém, em segundo turno. O agronegócio estará muito mais atento a estas eleições e creio que faremos bom número de deputados federais e estaduais.

5 - A balança comercial brasileira deve fechar no zero, ou com pequeno superávit, puxado mais uma vez pelas exportações do agronegócio, que deverão ser de US\$ 108 bilhões.

6 - A Seleção Brasileira será campeã do mundial. Será um ano fraco para os clubes paulistas, que ficaram de fora da Libertadores. O Corinthians será campeão paulista e brasileiro. Nada está reservado para São Paulo, Palmeiras e Santos. Alguns destes deve mais uma vez lambiscar o rebaixamento, mas não cairão (rs rs).



#### **Cana:**

7 - Fecharemos o ciclo 14/15 com 619 milhões de toneladas de cana no Centro-Sul, arrisco 33 milhões de toneladas de açúcar e 29 bilhões de litros de etanol.

8 - Açúcar um pouco melhor que em 2013, consumo mundial deve bater recorde e crescer quase 3%, e preços chegarão em dezembro a 20 cents por libra peso.

9 - Etanol anidro deve ficar, na Usina, ao redor de R\$ 1,45 e o hidratado, preço médio de R\$ 1,29. Média do ano.

10 - Aposto em 137,5 kg ATR/ha é um preço final de R\$ 0,51

11 - Apesar de que operacionalmente 2014 será um ano melhor para as Usinas, como o nível de endividamento é alto, a operação não paga os juros. Para o Brasil será um ano de maior aperto financeiro, o dinheiro deve ficar mais caro. Portanto, é natural uma onda de consolidação outra vez. Porém, por outro lado, como os ativos estão subvalorizados, existe resistência em venda por parte dos acionistas, devemos então observar um número maior de recuperações judiciais.

12 - Será um ano de muita discussão do papel das Cooperativas e das Associações de Produtores. Sairão de 2014 mais fortalecidos, com algum redirecionamento estratégico.

**Homenageado do Mês:** Antes de concluir, para não perdermos a característica da coluna, o homenageado do mês é o Cesário Ramalho, presidente da Sociedade Rural Brasileira. Já no final da sua gestão, tem feito um belo trabalho em prol do agronegócio e a criação da Rural Jovem é algo muito importante. Precisamos que os jovens da agricultura comecem a assumir posições importantes no Brasil.

**Haja Limão:** a gasolina finalmente teve um aumento, mas foi insuficiente para recompor o caixa da Petrobras e para estimular o setor de cana. Fora isto, o aumento maior do diesel onera a cadeia produtiva, que tem grande gasto com este combustível. Enfim, não foi o que esperávamos e a Petrobras também não terá liberdade via uma equação transparente de preços, baseada no mercado. Houve retrocesso, o que não é novidade quando se trata da política energética do atual Governo. Recheada de retrocessos.

Este foi meu último texto escrito aqui na Universidade de Purdue, onde passei como professor o ano de 2013. Momentos inesquecíveis de vida, coisas interessantes compartilhei aí com vocês. Agora de volta à nossa Ribeirão Preto, mais próximo dos senhores, desejo a todos um excelente 2014.

## 48- O CAMPO SALVA A CIDADE...

*Publicado na Revista Canavieiros em janeiro de 2014.*

**Macroeconomia e Consumo:** fechados os números do agronegócio para 2013: exportações lambiscaram os US\$ 100 bilhões, chegando a US\$ 99,97 bilhões. Perdemos um pouco o embalo no final o ano. Não fosse o incêndio no terminal da Copersucar, teríamos passado esta marca histórica. Crescemos 4,3% em relação a 2012. Poderia ser melhor, caso tivéssemos o câmbio de fechamento de 2013 já no início do ano e se os problemas estruturais de logística não fossem tão fortes.

As importações também cresceram 4%, chegando a US\$ 17,06 bilhões, o que proporciona um incrível saldo de US\$ 82,91 bilhões. O agro deixou de saldo ao Brasil US\$ 83 bilhões em 2013. Parabéns e obrigado!

Só em soja foram US\$ 31 bilhões, chegando a 31% do total brasileiro. Sojicultores tiveram a façanha de exportar 10 milhões de toneladas a mais em 2013.

Outro fato relevante foi que entre os compradores, a China desbancou a União Europeia e passa a ser o maior consumidor da nossa comida. Chega já a quase 23% das nossas exportações, e só tende a crescer.

A CONAB soltou previsão esperando que a safra brasileira de 2013/14 será de quase 197 milhões de toneladas, creio que se o clima ajudar pode encostar nas 200 milhões. Será um crescimento de 5,2% em relação à safra que terminou (187 milhões de toneladas). Se produzirmos as quase 91 milhões de toneladas de soja esperadas, devemos passar os EUA para ser o maior produtor mundial. A área total deve chegar a quase 56 milhões de hectares, 4% maior.

**Cana:** as exportações do setor sucroenergético caíram quase 9% de 2013 a 2012 e totalizaram US\$ 13,72 bilhões. Os investimentos do BNDES em 2013 (R\$ 6,9 bilhões) foram 64% maiores que em 2012, o que já representa mais investimentos no setor, principalmente em canaviais (R\$ 2,1 bilhões), o que trará mais eficiência. O BNDES planeja um investimento de R\$ 6 bilhões em 2014.

**Etanol:** Dados do Sindicom mostram em 2013 uma venda de etanol 22% maior que a observada em 2012. Este maior consumo do etanol se-

gurou o crescimento do consumo de gasolina, que foi de 5% (29,15 para 30,60 bilhões de litros).

Preços médios do hidratado na usina, sem impostos, no início de janeiro estão quase 6,5% maiores que no mesmo período do ano passado, enquanto que os preços do anidro estão 4% maiores.

**Açúcar:** Apesar dos preços começarem muito mal em 2014, o superávit mundial deve ser menor que o estimado devido à safra mais alcooleira no Brasil e redução da produção em alguns mercados. Deve diminuir os excedentes mundiais. A OIA prevê excedentes na safra atual (2013/14) em 4,7 milhões de toneladas. Em 2012/13 tivemos 10,6 milhões de toneladas, o que levou a esta situação de preços. A produção neste ciclo deve ser de 181,5 milhões de toneladas (183,6 no ciclo anterior). O consumo será 2,1% maior ou seja, 3,7 milhões de toneladas a mais, chegando a 176,5 milhões de toneladas. Acreditam que o consumo em 2014/15 chegue a 181 milhões de toneladas.

**Homenageado do Mês:** Antes de concluir, para não perdermos a característica da coluna, o homenageado do mês é o Adhemar Altieri, da UNICA. Pensemos num cara que sofre pelo setor, segura as pancadas nacionais e internacionais e articula nossa comunicação, grande lutador. Acompanho e admiro seu trabalho.

**Haja Limão:** A falta de reformas estruturantes (custo para se operar aqui no país) e o peso do Estado no Brasil (impostos) têm efeito deletério. De vagar mina a competitividade das nossas empresas, que mesmo com um câmbio na média acima de dois reais por dólar em 2013 não conseguem exportar mais do que o que foi consumido no mercado interno. Com isto, perde-se empregos, impostos e enfraquece a nossa economia. De que adianta o Agro exportar US\$ 100 bilhões se a indústria toma um tombo de US\$ 100 bilhões?

O lindo Estado do Maranhão e sua gente de luta... Mas queria aqui recomendar à Universidade de Harvard que faça um caso sobre os últimos 40 anos do Estado. Um caso de administração pública. Provavelmente encontrarão um exemplo daquilo que temos de pior no terceiro mundo, da gestão pública. Encontrarão todas as práticas.

## 49- O CAMPO SALVA A CIDADE II ...

*Publicado na Revista Canavieiros em fevereiro de 2014.*

**Macroeconomia e Consumo:** O agro exportou em janeiro de 2014 US\$ 5,87 bilhões, uma queda de 10,8% em relação a janeiro do ano passado. Com importações de US\$ 1,46 bilhão, o saldo foi 14% menor, com US\$ 4,41 bilhões. Trata-se de começo meio complicado e somando-se as perdas com a inesperada seca de janeiro, dificilmente chegaremos aos US\$ 100 bilhões neste ano em exportações.

Problemas à frente na questão da energia. As térmicas em fevereiro estão em pico histórico de produção, fornecendo praticamente 19% da energia do país. Resta saber o custo que isto terá para a sociedade brasileira. Poderia ser evitado, se a cogeração a partir do bagaço de cana tivesse sido estimulada.

**Cana:** Saiu mais uma informação da safra 2013/2014 pela UNICA. A moagem foi de 596,2 mi t no Centro-Sul, 12% maior que em 2012/13. A produção de açúcar cresceu 0,57%, para 34,277 mi t e etanol cresceu 19,52%, um total de 25,51 bilhões de litros, sendo 11,03 de anidro (19,52% maior) e 14,48 de hidratado (16% maior). O mix foi de 45,25% para açúcar e 54,75% para etanol. Em relação às perspectivas devido à seca, estimativas começam a aparecer e não são animadoras. A Canaplan estima que um desastre pode acontecer, com safra abaixo da previsão anterior, de 577 milhões de toneladas.

Foram apresentados os resultados do último trimestre de 2013. A Raizen teve prejuízo de R\$ 115 milhões. Além do faturamento ter caído, a empresa teve impacto da variação cambial. A Biosev acumulou prejuízo de R\$ 203 milhões. Já a São Martinho teve lucro de quase R\$ 33 milhões.

**Etanol:** O venda de etanol pelas usinas em janeiro foi de 2,2 bilhões de litros, 8,4% a mais que em janeiro de 2013. 96% foi para consumo doméstico.

Está já em trâmite no governo uma solicitação do setor para aumentar a mistura de etanol na gasolina dos atuais 25% para 27,5%, e com isto consumir mais 1 bilhão de litros de anidro. São necessários alguns pareceres, mas existe otimismo no setor que pode ser uma medida. Vale ressaltar que em 2008 eu fiz esta sugestão! Vale ressaltar que esta ação pode tirar até 2 milhões de toneladas de açúcar do mercado mundial.

Fechamos janeiro, segundo o Sindicom (agrega 60% do mercado), vendendo 695 milhões de litros de hidratado, 37% acima de janeiro de 2013. De gasolina foram vendidos 2,64 bilhões de litros. Chama a atenção que este consumo é quase 8% maior que o ano passado. Como ficaremos em relação a abastecimento e importações?

Diversos analistas apontam que a produção da Petrobras deve aumentar 5% neste ano, o que ajudaria na questão do consumo. O problema é a capacidade de refino para produção de gasolina.

Em 2013 exportamos 2,9 bilhões de litros de etanol, arrecadando US\$ 1,87 bilhão. Em janeiro de 2014 a exportação foi de quase 193 milhões de litros, 45% abaixo do ano passado e o preço médio de US\$ 0,63/litro (FOB)

Começam a aparecer mais estudos e iniciativas de etanol vindos do milho. Podem ocupar áreas de safrinha hoje não cultivadas devido a preços de transporte do grão, é complementar à cana no abastecimento, não sendo perecível e é produzido por produtores independentes.

Segundo a FCStone, uma tonelada de milho processada gera 375 litros de etanol, 240 toneladas do DDG que é usado na alimentação animal e 18 litros de óleo. Simulações da empresa para uma usina de 580 mil toneladas de milho anuais e um investimento de R\$ 241 milhões daria um ROI acima de 20% em MT e MS. Segundo a empresa, poderíamos já produzir 2,6 bilhões de litros e estimou um custo de produção de R\$ 1,023/l

Segundo a Archer Consulting, consumimos em 2013, 5,85% a mais de combustíveis no Brasil, sendo 39,2% etanol. Estima para a safra 2014/15 que consumiremos 22,9 bilhões de litros de etanol e 32,4 bilhões de litros de gasolina. A média de crescimento de consumo de combustíveis é de 6,17% ao ano nos últimos cinco anos. Segundo a Bioagência, entre 2009/10 e 2013/14, o consumo de gasolina no Brasil cresceu 56%, indo de 26,8 para 41,8 bilhões de litros. Já a demanda do hidratado caiu de 15,6 para 10,9 bilhões de litros. A frota flex brasileira hoje tem plenas condições de consumir 2 a 2,2 bilhões de litros de hidratado por mês.

**Açúcar:** Superávit mundial deve ser menor que o estimado devido à safra mais alcooleira. A Índia aprovou um subsídio de US\$ 54 por tonelada de açúcar exportado, para apoiar o setor neste momento de preços baixos e elevação de custos de aquisição de cana. A estratégia é a de poder competir melhor com a Tailândia e outros exportadores além de diminuir os excedentes no

mercado interno. A Índia deve produzir 25 mi/t e consumir 23,5 mi/t, mas o problema é o estoque atual, estimado em 10 mi/t. Este subsídio impacta o mercado mundial e distorce ainda mais os preços, é maléfico ao Brasil e deveríamos pensar em contestar esta decisão da Índia. Este subsídio poderia ser convertido para a produção de etanol, com o mesmo efeito, sem distorcer os preços do açúcar.

Segundo o HSBC, a média de preços do açúcar na safra atual deve ser de 17,05 cents (para o ciclo que se encerra em setembro), 17,20 em 14/15. Acreditam em 22,80 cents em 17/18. Está em linha com o que publiquei e acredito um preço médio na década ao redor de 20/21 cents.

A OIA já soltou uma previsão que no ciclo 2014/15 pode haver déficit de produção de 2 milhões de toneladas. Mas o reflexo em preços deve demorar devido aos elevados estoques existentes em muitos países. A Indonésia segue sendo importante mercado para as importações de açúcar, com autorizações para importar 3,05 milhões de toneladas em 2014.

**Homenageado do Mês:** Antes de concluir, para não perdermos a característica da coluna, o homenageado do mês é o Prof. Dr. Sigismundo Bialoskorski Neto. Grande entusiasta e estudioso do cooperativismo, um dos nossos principais cientistas do setor, que está terminando excelente gestão como Diretor da FEA-RP.

**Haja Limão:** Neste mês o conjunto da obra merece o limão. Saímos de Davos para parar em Cuba, sem antes dar uma “portuguesada” em Lisboa... Investimos em infraestrutura cubana, apoiamos o novo maduro, para não dizer podre, ditador venezuelano, que massacra os estudantes e o povo, e está extinguindo a democracia. Aceitamos que o MST promova desordem, destruição e ataque aos policiais, ferindo quase 20 servidores do estado. Dia seguinte, recebemos o MST no palácio, com todas as pompas. Assistimos ao MST organizar um congresso para 15 mil pessoas sem sabermos de onde vêm os recursos para tal evento. E para terminar acidificando vocês todos, somos apresentados à tal da Sininho, ativista, junto com outros dois assassinos e diversos outros manobrados, remunerados pela quadrilha subterrânea na qual vem se transformando o Brasil. Meu Deus, pensa num mês terrível. Haja limão.

## 50- O CAMPO SALVA A CIDADE III ...

*Publicado na Revista Canavieiros em março de 2014.*

**Macroeconomia e Consumo:** vai mal nossa balança comercial. Fevereiro apresentou o pior resultado desde 1993. O déficit foi de US\$ 2,12 bilhões. Acumulando janeiro, já estamos com déficit de US\$ 6,18 bilhões. Contribui com este problema a uma alta de 8% na importação de combustíveis e lubrificantes. Em relação a 2012, gastamos US\$ 370 milhões a mais nesta conta.

O índice FAO de inflação de alimentos subiu 2,6% de janeiro a fevereiro, reflexo de temores sobre a crise da Ucrânia, o já conhecido aumento da demanda, e problemas climáticos na produção. Entre todos os produtos, a maior variação foi a do açúcar, com 6,2%.

Cálculos de analistas mostram perdas de mais de R\$ 10 bilhões com a seca no Centro-Sul e excesso de chuvas no Centro-Oeste. Houve revisão para baixo, devido às secas, da estimativa de safra da Conab, agora ao redor de 190 milhões de toneladas.

Cana: Segundo a MBF, algo que adiantamos aqui, desde 2008 são 56 pedidos de recuperação judicial no setor, e apenas neste ano, desde janeiro, são seis usinas.

A Unica acredita em antecipação da moagem em pelo menos 40 Usinas ainda em março, graças aos preços atrativos do etanol, o que pode ser bom para interferir no preço do açúcar.

Ainda difícil de estimar, mas as notícias não são boas em relação à produção de cana. Podemos ter quebra maior que a estimada, e com o consumo maior de etanol, podem surgir problemas de abastecimento ao longo da safra e, principalmente, alteração no preço do açúcar.

**Etanol:** Exportações de fevereiro foram de 65,7 milhões de litros (quase 70% a menos que fevereiro de 2012). Apenas cerca de US\$ 40 milhões em receitas. No acumulado do ano estamos quase 54% a menos que em 2013.

Graanbio anunciou que seguem firmes os investimentos de US\$ 1 bilhão em projetos de etanol de segunda geração. A primeira usina em Alagoas está entrando em operação e com custo de produção de R\$ 1/litro.

Fechados os números de consumo de combustíveis no Brasil em 2013. O total foi de 136,3 bilhões de litros, 5% maior que em 2012. O consumo de diesel foi de 58,5 bilhões, alta de 4,6%. Biodiesel representou 2,6 bilhões, alta de quase 6%. O consumo de hidratado aumentou 9,5%, atingindo 10,8 bilhões de litros. As vendas de gasolina cresceram 4%, para 41,4 bilhões, e com o aumento da mistura para 25% em maio, o consumo de anidro em 2013 foi 30,2% maior. Somando-se anidro e hidratado, o consumo foi de 21,12 bilhões de litros.

O consumo de hidratado pelas associadas do SINDICOM (representam 60% do mercado) em fevereiro de 2014 foi 27% maior que o mesmo mês de 2013. Este é o número mais importante a ser acompanhado, uma vez que teremos menos cana.

**Açúcar:** Exportações de fevereiro foram de 1,8 milhões de toneladas. Representa 1% a mais que 2012. Já a receita, de US\$ 702,3 milhões, foi quase 20% menor que no ano anterior. No acumulado do ano (3,93 mi t e US\$ 1,55 bi) estamos quase 3,5% a menos em volume e 21,3% menores em receita, quando comparados com o mesmo período de 2013.

Neste fevereiro o açúcar valorizou 18% na bolsa de NY. Previsão de produção na Índia caiu 5%, devido a evento contrário ao observado nos canaviais brasileiros: chuva intensa. As previsões que eram de 25 mi. t. vieram para 23,8 mi. t. A Índia vem tomando mercados tradicionais do açúcar brasileiro, como o Irã, Bangladesh e Malásia, graças a subsídios de exportação, dado pelo Governo.

São esperadas oscilações mais fortes no mercado de açúcar no segundo semestre. Segundo a Archer, a média em reais de outubro a novembro de 2013 foi de R\$ 942 por tonelada, e neste ano a média está em R\$ 865, portanto, acredita em aumento. O que pode impedir aumento em NY seria uma desvalorização do real. Será uma safra mais alcooleira devido ao fato do etanol anidro apresentar a melhor remuneração.

Mesmo com o incêndio que atingiu os terminais da Copersucar ano passado, as exportações na safra 2013/14, que se encerram em 31 de março, serão 11% maiores que no ciclo anterior. A empresa deve comercializar 8,5 milhões de toneladas, sendo 6,8 milhões para exportação. A empresa garante que até o início de 2015 toda a estrutura em Santos estará recuperada e o terminal principal pode movimentar 10 milhões de toneladas.

**Homenageado do Mês:** o homenageado do mês é o Dib Nunes, Diretor do grupo IDEA. Um dos craques do setor de cana no Brasil, com excelente contribuição visando ao crescimento e desenvolvimento do setor.

**Haja Limão:** o limão do mês é o valor do subsídio que a sociedade brasileira dará graças aos sequenciais erros de política pública em energia, seja eletricidade, sejam nos combustíveis. Estimada em R\$ 63 bilhões. Um medida populista. E por falar em populismo, Rodrigo Constantino, em seu artigo na Veja, como se diz no campo, “matou a pau”. Tomo a liberdade de compartilhar sua frase para encerrar nosso texto deste mês. É o que penso de nosso Governo e dos Governos da Argentina, Venezuela, Equador, entre outros.

*“Governos populistas hipotecam o futuro, plantam as sementes de tragédias e focam apenas o aqui e agora das pesquisas de opinião. Pensam nas próximas eleições, e as próximas gerações que se lixem. Alimentam o monstro que vai nos devorar amanhã. Sacrificam o destino de nossos filhos e netos para garantir sua permanência no poder”. (Revista Veja, 19/03/14).*

# 51- NO CARNAVAL DA PETROBRAS FALTOU O ETANOL

*Publicado no site NovaCana em 06/03/2014*

A Petrobras, que congrega subsidiárias, veio a público hoje, logo após a nossa Quarta-feira de Cinzas, com um relatório geral sobre a empresa e suas atividades, ocupando uma página dos principais jornais. Estes relatórios são importantes peças de comunicação usadas pelas empresas, e mostram, na essência, o que fazem e pensam, quase que um resumo do seu plano.

É dividido em quatro partes: a) gestão com foco na eficiência, produtividade e disciplina de capital; b) resultados operacionais; c) o plano estratégico 2030; e d) o plano de negócios para 2014-2018. São 26 parágrafos, com os destaques nessas quatro áreas. Li com atenção de cientista, primeiro por ter criticado bastante a ingerência na empresa nos últimos anos, e depois para ver o que ela propõe, principalmente na política de preços de combustíveis, um dos fatores que prejudicou a indústria da cana, da qual me considero cientista.

Nesta primeira parte do texto, analiso 2013. A Petrobras apresenta diversos números dignos de elogios, como o crescimento do lucro operacional em 6%, atingindo R\$ 34,4 bilhões, e do lucro líquido em 11%, atingindo R\$ 23 bilhões (quando comparados a 2012). Programas estruturantes, como o de otimização de custos operacionais, reduziram as despesas em R\$ 6,6 bilhões, e o programa de desinvestimentos trouxe R\$ 8,5 bilhões de contribuições ao caixa.

Segundo a empresa, programas de aumento de eficiência operacional foram importantes também, com resultados efetivos. Outro esforço louvável foi o de transferências internas de pessoal, que evitou novas contratações, e também foi sucesso o plano de desligamento voluntário.

A empresa justifica a queda na produção de petróleo e gás em 2013, de 2% em relação a 2012, comparando-se a algumas empresas mundiais que também tiveram quedas no período. É uma comparação difícil de entender, pois não se sabe se essas empresas tiveram acesso a novos campos de exploração no período ou se suas condições foram as mesmas da Petrobras. A capacidade de refino em 2013 aumentou em 6%, outro importante número face ao crescente consumo interno de diesel e gasolina.

Apesar da queda da produção verificada em 2013, a companhia promete que a produção crescerá neste ano 7,5% com novas unidades produtivas, o que é uma boa notícia aos brasileiros, afinal nosso consumo de gasolina cresceu 56% de 2009 a 2013, segundo a Bioagência, atingindo quase 42 bilhões de litros.

A empresa coloca como destaque o leilão do Campo de Libra, o primeiro sob o regime de partilha de produção. Leilão vencido pela própria Petrobras, em conjunto com Shell, Total, CNPC e CNOOC, sem dúvida parceiros de destaque, mas intriga o fato de não ter existido competição nesse leilão e a alta participação de recursos públicos brasileiros na oferta.

Um aspecto de extrema importância em relatórios e comunicados à sociedade refere-se ao valor das ações da empresa e sua evolução no período analisado, justificando ao acionista seu comportamento. O valor da ação da Petrobras sofreu forte queda nos últimos anos, refletindo no valor total da empresa. Não há referências no comunicado – ou justificativas – a essa queda, nem ao plano de reversão que se espera da gestão.

O relatório também coloca como destaque o programa de desinvestimentos da empresa, que se inicia em 2012 e já conta com R\$ 23,4 bilhões em vendas de ativos. Também neste momento o comunicado relaciona a Petrobras a algumas de suas congêneres mundiais, dizendo que estas também fizeram grandes vendas de ativos.

Porém, de certa forma foram omitidas informações sobre a qualidade da venda desses ativos, que eram patrimônio da sociedade brasileira. Pesam contra a empresa rumores de que alguns desses investimentos e consequentes desinvestimentos foram supostamente lesivos à sociedade em diversos aspectos. Esta entrada de recursos também afetou favoravelmente o lucro da empresa, mas não aparece relacionada na justificativa para o lucro maior obtido.

Também é louvável conhecer que a empresa tem um programa de prevenção à corrupção desde 2013, que ressalta “o compromisso da empresa com a ética e a transparência”. Resta esperar pelo aprimoramento deste programa em 2014, com a incorporação de itens que vetem patrocínios a movimentos ilegais e a atos de vandalismo, como os R\$ 650 mil descobertos recentemente pela mídia aplicados pela empresa em um lamentável evento ocorrido em Brasília, que foi danoso à sua imagem nacional e internacional.

Na segunda parte deste texto, analiso as informações sobre o futuro da Petrobras. Dentro do plano estratégico 2030, o principal indicador que aparece é que a empresa pretende produzir 4 milhões de barris por dia entre 2020 e 2030, ficando entre as cinco maiores do mundo. O comunicado não oferece, e fica como sugestão, um importante dado em planejamento estratégico, que é a estimativa de tamanho do mercado mundial, mas principalmente do mercado brasileiro de combustíveis, decorrente do tamanho de frotas e outros usos, e como a empresa prevê seu abastecimento. Seria interessante ao grande público saber se esse patamar de produção permite ao Brasil ser independente em combustíveis fósseis.

Segundo a empresa, ficam estabelecidas arrojadas metas de desenvolvimento, com aplicação de US\$ 283,6 bilhões, sendo US\$ 220,6 bilhões pela empresa e o restante por parceiros, tanto em refinarias como em exploração e produção. Para este investimento, usará sua geração operacional de caixa. A empresa acredita que o Brasil se tornará exportador líquido de petróleo. Não restam dúvidas de que são grandes investimentos que possibilitarão o desenvolvimento do Brasil.

Em relação a como financiar seu crescimento – o que tem relação com o crucial assunto da paridade dos preços dos combustíveis, algo criticado por 10 entre 10 cientistas brasileiros – são dois parágrafos, que não permitem uma visão clara. Trazem dois cenários opostos, sendo um com preços maiores de petróleo e real desvalorizado, o que melhora a situação da empresa. Mas no parágrafo seguinte, dá-se a entender que o cenário dominante é o de preços de petróleo menores e real mais valorizado, que traria “condições mais rigorosas de financiabilidade”, pois a Petrobras acredita que será grande exportadora.

Interessante é que o relatório diz que para 2014-2018 a desvalorização cambial vai melhorar o resultado da empresa, mesmo no caso onde não houver paridade de preços dos combustíveis com os preços internacionais. Minha visão é justamente a contrária, ou seja, com o consumo interno crescente de combustíveis no Brasil – graças ao crescimento da frota e aos preços controlados, aliados à safra menor de cana devido à seca e ao maior volume de gasolina que precisará ser importado este ano – e com este real mais fraco que está sendo observado, a saúde financeira da empresa seria ainda mais prejudicada, pois importa gasolina em dólar e vende em real.

Para o plano estratégico de 2030, é reafirmada a missão de “atuar na indústria de petróleo e gás de forma ética, segura e rentável, com responsabilidade

social e ambiental, fornecendo produtos adequados às necessidades dos clientes e contribuindo para o desenvolvimento do Brasil e dos países onde atua”. Em outro momento do relatório, a empresa reafirma o plano de expansão da capacidade de refino e atuação na exploração de petróleo e gás na América Latina, África e EUA.

Mesmo conhecendo que existe uma subsidiária chamada Petrobras Biocombustível e que no plano estratégico da matriz, disponível para consulta no site da Petrobras, existem as projeções – ainda que tímidas – para o consumo e os investimentos em biocombustíveis, é decepcionante saber

que na missão da corporação, que é mãe da subsidiária, não aparecem os combustíveis renováveis; mais ainda, neste importante relatório que resume o pensamento de momento da empresa, as palavras ‘etanol’ e ‘biodiesel’ não apareceram uma vez sequer. Etanol não combina com direção, mas combina com Carnaval. Faltou o etanol neste carnaval.

Na última parte deste texto, concluo relatando que leio o suprassumo do pensamento da Petrobras na mesma semana em que leio outros três artigos. Um sobre declarações do Premiê da China, ressaltando que o país vai “declarar guerra contra a poluição, que se tornou um problema social e que pode ameaçar a estabilidade do país”, em parte causada pelos automóveis movidos à gasolina e diesel. Um segundo de uma renomada universidade americana, dizendo que crescem as chances de os EUA continuarem com as metas originais de etanol e não reformarem a lei de biocombustíveis. E o terceiro sobre os limites da revolução do gás de xisto nos EUA, mostrando a exaustão precoce de poços e que existe um valor mínimo do preço do barril para que a produção seja rentável – e este preço não é baixo.

Ou seja, na semana do Carnaval, formou-se um samba com diversas notas na minha cabeça:



- Primeira nota: China dá sinais de que a sustentabilidade passa a valer e terá um custo ao país, o que significa investimento em energias renováveis.

- Segunda nota: o petróleo tem consumo crescente e um limite mínimo futuro de preços.

- Terceira nota: o Brasil tem o programa mais respeitado mundialmente de substituição de combustíveis fósseis, o etanol de cana.

- Quarta nota: os EUA podem continuar crescendo em etanol na velocidade prevista anteriormente.

- Quinta nota: o etanol se encontra na situação atual de ser quase uma ação social de seus empreendedores (hoje mais um grupo pede recuperação judicial, com prejuízo milionário em 2013), principalmente porque o governo interfere na Petrobras, danificando seus preços e a rentabilidade da empresa - e, conseqüentemente, do etanol.

- Sexta nota: pelo fato de o etanol deixar de ser rentável, a Petrobras perde seu importante ímpeto investidor no setor e até o ignora no comunicado que é a essência de seu pensamento, jogando mais um balde de água fria.

Com estas notas, o samba que se forma na minha cabeça não poderia ter outro nome a não ser “o samba do crioulo doido”.

## 52- “CARTA DE CAMPO GRANDE” - BRASIL POTÊNCIA ENERGÉTICA, AMBIENTAL E SOCIAL

*Publicado na Revista Canavieiros em abril de 2014.*

Este documento foi elaborado com os objetivos de se resgatar o importante setor sucroenergético, visando atingir as metas de 50% do consumo da frota flex com etanol em 2020, 60% de participação no mercado mundial de açúcar e de gerar 15% da eletricidade consumida no Brasil em 2020, estimulando ainda o crescimento da produção de bioplásticos, leveduras e demais produtos, contribuindo, desta forma, para o desenvolvimento econômico, ambiental e social do Brasil.

A minuta preliminar foi por mim preparada para o II Canacentro, realizado em Campo Grande nos dias 19, 20 e 21 de Março de 2014, contando com diversas organizações e instituições listadas em anexo, além da efetiva participação de 600 pessoas presentes ao evento realizado no Auditório Manoel de Barros, no Centro de Convenções Rubens Gil de Camillo. Durante o evento o documento foi discutido pelos participantes, chegando-se à seguinte lista de pontos estratégicos para o desenvolvimento da cadeia produtiva.

### Agenda do Setor Público

- Equalizar o preço da gasolina com o preço internacional e leis de mercado na política de preços;
- Retorno da CIDE com contrapartida de investimento e melhoria no transporte público com este recurso;
- Padronizar em 12% o ICMS do etanol nos estados, mantendo o ICMS da gasolina em pelo menos 25% visando estimular o consumo de etanol e aumentar a arrecadação, como demonstrado no Estado de São Paulo;
- Expansão da cogeração com leilões específicos e que valorizem a questão ambiental e renovável;
- Incentivar novas usinas (greenfields) em regiões sensíveis do Brasil para desenvolvimento econômico;
- Fortalecimento de linhas de crédito para áreas agrícolas de cana e irrigação;

- Programa de recuperação financeira para as Usinas, visando alongar prazos de pagamento para sobrevivência de empresas garantindo o livre mercado e o mérito para estimular a boa gestão;
- Fortalecimento dos programas de educação e capacitação de pessoas;
- Melhorias no sistema de transporte de cargas, portos e infraestrutura logística;
- Melhorias na legislação trabalhista, com simplificação;
- Maiores exigências e premiação às indústrias automobilísticas para pesquisas e inovação visando transformar o motor flex, quando usando etanol, em mais eficiente;
- Aprovar uma legislação que obrigue os postos de combustível, tal como as embalagens de alimentos que contêm a composição e calorias, a divulgarem nas bombas as emissões de CO2 do etanol e da gasolina, utilizando estudos consagrados das universidades brasileiras e da Embrapa que mostram que as emissões de etanol estão ao redor de 10 a 15% das emissões da gasolina;
- Garantir a segurança jurídica nas propriedades privadas com o efetivo cumprimento de leis que garantem este direito constitucional da propriedade privada (em especial no tocante à questão indígena);
- Melhorias no sistema tributário, com simplificação;
- Melhorias no sistema judiciário, com simplificação;
- Garantir que as leis ambientais sejam respeitadas na forma como foram elaboradas, sem interpretações distintas por membros do judiciário local;
- Programa de melhoria na eficiência da gestão pública;
- Fortalecimento do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) como um dos mais importantes do Brasil, participando das decisões centrais dos núcleos de Governo;
- Fortalecimento da ANVISA visando reduzir os prazos de aprovação de novas moléculas e plantas que levam a maior competitividade ao produtor;
- Estimular a EMBRAPA a fazer pesquisa em manejo de canaviais.

Entendem-se serem estes os pontos de foco do Estado brasileiro para o setor de cana no período 2014-2020. Segue-se agora a agenda do setor privado,

ou seja, os pontos acordados que devem ser investimento do setor privado como contrapartida ao apoio do setor público para o desenvolvimento econômico, social e ambiental advindo da retomada do crescimento do setor sucroenergético.

### Agenda do Setor Privado

- Programa de renovação e melhoria nos tratos culturais dos canaviais;
- Melhoria da produtividade dos canaviais para redução da ociosidade nas indústrias;
- Priorizar a qualidade dos plantios, em época e com variedades adequadas e fortalecer os viveiros de cana em áreas de produção de usinas e fornecedores;
- Investimento das empresas para melhorar eficiência do sistema de plantio mecanizado;
- Investimento para melhoria dos sistemas de colheita mecanizada;
- Promover maior disponibilidade de mudas para plantio em áreas de expansão;
- Promover investimentos em irrigação;
- Promover investimentos em capacitação técnica visando reduzir tempo de aprendizado e evolução necessária em pessoas de cada região;
- Intensificar pesquisas em biotecnologia e etanol de segunda geração, entre outras;
- Rompimento com certo tradicionalismo dificultando absorção de novas tecnologias;
- Maior compartilhamento de ativos produtivos;
- Trabalho conjunto (consórcios) para se atingir escala nos novos módulos necessários para mecanização;
- Melhorar a ligação do setor industrial com produtores especializados (produtor parceiro);
- Promover investimentos industriais para uma maior flexibilidade no mix de produção;
- Melhorar estratégias de comercialização de etanol;

- Modernização de usinas com equipamentos ultrapassados;

- Compartilhamento de experiências visando reduzir a curva de aprendizagem;

- Fortalecimento das Associações e Cooperativas, com fusões e planejamento;

- Fortalecer um sistema de informações econômicas;



- Programas de educação e extensão;

- Cooperativas avançarem até distribuição e postos de combustíveis;

- Fortalecer programa de comunicação;

- Quebrar o paradigma de 70% na relação de eficiência e preços no consumo de etanol em relação à gasolina, divulgando amplamente o estudo que demonstra estar a relação mais próxima de 80%;

- Fortalecer os fóruns e as ações de bom relacionamento entre as indústrias e os produtores de cana;

- Mudança de mentalidade e troca do nome “fornecedor” por “produtor integrado de cana”.

As seguintes instituições colaboraram na redação e nos debates:

- Luis Alberto Moraes Novaes – Presidente da Comissão de Agroenergia da Federação de Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (FAMASUL) e Presidente da Fundação MS;

- Roberto Hollanda Filho – Presidente da Associação dos Produtores de Bioenergia de Mato Grosso do Sul (Biosul);

- André Rocha – Presidente do Fórum Nacional Sucroenergético e Presidente Executivo do Sindicato da Indústria de Fabricação de Etanol do Estado de Goiás;

- Jorge dos Santos - Diretor Executivo do Sindicato das Indústrias Sucroalcooleiras de Mato Grosso;
- Enio Jaime Fernandes Junior - Presidente da Comissão Nacional de Cana-de-açúcar da CNA;
- Ismael Perina Junior - Organização de Plantadores de Cana-de-açúcar do Centro Sul do Brasil (ORPLANA);
- Paulo Diniz Junqueira Filho - Presidente da Associação dos Fornecedores de Cana de Mato Grosso do Sul (SULCANAS);
- Antônio Cesar Salibe - Presidente Executivo da União dos Produtores de Bioenergia (UDOP).

Participantes do evento:

- Plinio Nastari - DATAGRO (Palestrante);
- Alexandre Mendonça de Barros - MB Agro (Palestrante);
- Eduardo Correa Riedel - Presidente da Federação de Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (FAMASUL);
- Bartolomeu Braz Pereira - Vice-Presidente Institucional da Federação de Agricultura e Pecuária do Estado de Goiás (FAEG);
- Alexandre Enrico S. Figliolino - Banco Itaú BBA;
- 600 congressistas.

## 53- TRAZENDO A RAPAZIADA PARA O AGRONEGÓCIO

*Publicado na Revista Canavieiros em abril de 2014.*

Neste texto não falaremos de cana, mas sim de emoções. Na verdade estamos sim falando da cana, mas de seu futuro. Não sou o único que acredita que uma virada nossa virá a partir do engajamento dos jovens, da nossa mocidade, da nossa rapaziada. Permitam-me trazer à memória esta grande canção, um samba do Gonzaguinha, “Eu Acredito é na Rapaziada”.

*“Eu acredito é na rapaziada...  
Que segue em frente e segura o rojão...  
Eu ponho fé é na fé da moçada...  
Que não foge da fera e enfrenta o leão...  
Eu vou à luta com essa juventude...  
Que não corre da raia a troco de nada...  
Eu vou no bloco dessa mocidade...  
Que não tá na saudade e constrói...  
A manhã desejada”*

Após a leitura do samba de nosso saudoso Gonzaguinha, compartilho uma das grandes experiências que tive na minha carreira, no dia 04/03/14. Além da emoção, fica de aprendizado o caso de louvável ação de uma empresa (a Agrosul, revendedora da John Deere em seis cidades do Oeste da Bahia e do Piauí), para dar informações e valorizar o agro nos nossos meninos e meninas, futuro do Brasil, como já nos antecipava o Gonzaguinha. Fica como exemplo para outras empresas do agro replicarem.

Meu livro “Doutor Agro”, uma coletânea de textos históricos, tal como este livro aqui, o nosso Caminhos da Cana. O livro Doutor Agro foi o escolhido como tema para ampla competição de redação no segundo semestre de 2013, que envolveu 4.000 jovens do ensino fundamental (8ª e 9ª séries) de 32 escolas públicas e privadas. Estas escolas estão localizadas em 6 cidades da Bahia e do Piauí.

Cerca de 30 foram para a final, e um comitê formado pela Secretaria da Educação de Luís Eduardo Magalhães (BA) e gente do setor privado, es-

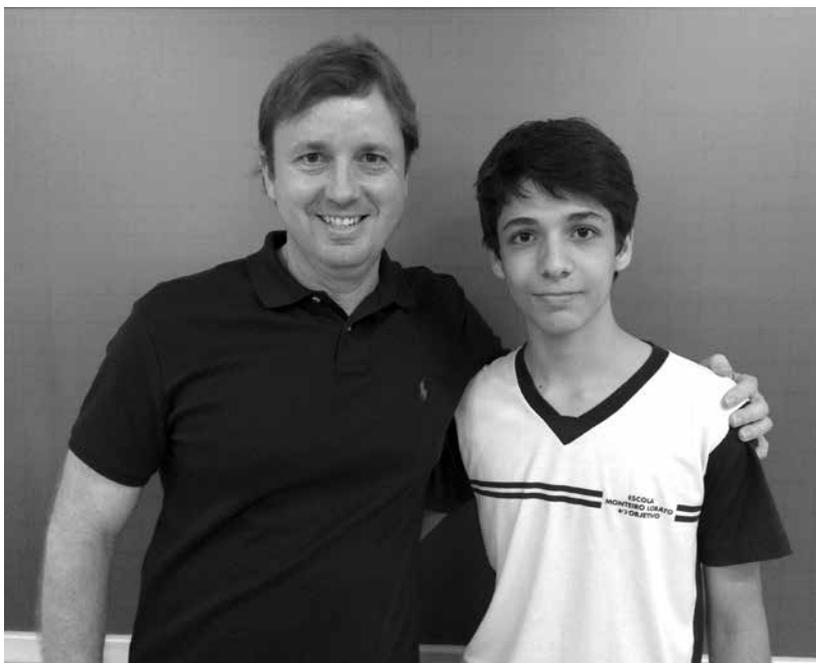
colheu os 3 vencedores, que além do reconhecimento público, ganharam uma viagem às cidades históricas de Minas Gerais, escolhida para enfatizar o caráter cultural do prêmio.

Além disto, o primeiro ganhou um notebook, e o segundo um tablet. E o mais interessante: a escola do vencedor ganhou uma “ecoteca” – biblioteca ecológica, feita com tudo reciclado, e, lógico, com grande número de livros.



Como estive em LEM, fui convidado a visitar a escola e fazer uma minipalestra na classe do vencedor sobre o futuro do Brasil e o papel do agro-negócio. Os jovens, ou a rapaziada, como dizia Gonzaguinha, fez inúmeras perguntas, no universo de seus 13 e 14 anos. Até então sabia que o vencedor estava no meio dos jovens, seus pais foram convidados e foram, emoção à toda prova. Uma das palestras mais difíceis que eu dei, confesso que faltou um pouco de ar para começar.

Finalmente, ao final da palestra, fui apresentado ao campeão, absolutamente envergonhado pela presença do autor e por tirar a foto abaixo em frente aos seus colegas e amigos, em frente à sua rapaziada do dia a dia.



Valeu jovem escritor, rapaz Guilherme Buzanello, filho de orgulhosos Rogério e Marcia.

## Abaixo a redação do rapaz, que vale nossa leitura.

### TEMA: A AGRICULTURA E SEUS DESAFIOS.

*“Vocês são competitivos em algumas cadeias produtivas devido ao preço da terra e mão de obra barata”, diziam estrangeiros no Congresso Mundial de Agronegócio de 1994, em Caracas (Venezuela). Dez anos após, no mesmo evento, no México, não houve nenhuma plenária que não citasse o agronegócio do Brasil, que vem impressionando.” (A década do Agronegócio - publicado no O Estado de S. Paulo em 16/01/2004)*

*“O problema, no entanto, são os desafios nacionais para o avanço da produção. Entre eles estão a gestão pública deficiente, as anacrônicas legislações trabalhistas, ambiental e tributária, os custos logísticos, as telecomunicações precárias (internet e telefonia), a energia oscilante e cara, a escassez de recursos humanos e os vícios trabalhistas, com grande pendurada em seguro-desemprego e Bolsa Família.” (Oeste Baiano se desenvolve com a força do Agronegócio - publicado na Folha de S. Paulo em 16/04/2011)*

*“A proposta deste artigo é que os setores público e privado se unam para solucionar os desafios que cercam dois grandes grupos distintos de produtos do agronegócio: as commodities e os produtos diferenciados.” (Essa taça também pode ser nossa - publicado na revista Exame em 29/11/2002)*

Fonte: Neves, Marcos Fava - Doutor Agro. São Paulo. Editora Gente, 2012

Tomando por base as informações dos trechos acima, extraídos da obra Doutor Agro, além do estudo da mesma, redija uma dissertação acerca da trajetória do Agronegócio brasileiro até o reconhecimento mundial e quais os desafios que se opõe para consolidação do Brasil como líder mundial na produção agrícola. Texto de no mínimo 35 (trinta e cinco) linhas e no máximo 40 (quarenta) linhas.

### Desafios para o Desenvolvimento da Agricultura.

1. A economia brasileira vem se mostrando cada vez mais
2. dependente da agricultura. Pesquisas publicadas no jornal Folha
3. de S. Paulo indicam que o Brasil estaria com um déficit na balança
4. comercial sem as transações comerciais bilionárias do setor. Entre-
5. tanto, são encontrados diversos desafios para o desenvolvimento
6. da agricultura e o aumento da produção, que não são apenas
7. nacionais: abrangem todo o globo.
8. Os principais desafios encontrados para este desenvolvimento
9. são os altíssimos custos logísticos do Brasil, a quantidade quase que
10. insuficiente de portos e as legislações precárias que condenam o au-
11. mento da produção. Mas os problemas brasileiros não apenas par-
12. te dos grandes problemas globais, que vem aumentando o traba-



JOHN DEERE



Os milagres da ciência

13. Isso é preocupando os produtores rurais. Assim como a grande pro-  
14. dução, são encontrados três grandes problemas: a fome, o desperdício  
15. e o consumismo.

16. A população mundial vem crescendo diariamente, e o resul-  
17. tado disso é a crescente demanda de alimentos. O papel do setor  
18. agrícola é produzir esse alimento. É necessário suprir essa neces-  
19. sidade sem que os maiores bens do agricultor, água e a terra,  
20. sejam prejudicados. O desmatamento para fazendas não é a melhor  
21. escolha: atualmente, o desenvolvimento tecnológico veio para  
22. que a produção seja eficaz sem que o meio ambiente seja pre-  
23. judicado. São criados implementos, suplementos e tipos de fertilizantes  
24. cada vez mais elaborados, fazendo com que a produção seja  
25. cada vez maior, sem precisar da abertura de terras para o plan-  
26. tio.

27. O Brasil possui uma agricultura ainda jovem, e vem se  
28. desenvolvendo cada vez mais. Com certeza, é um grande produtor  
29. de alimentos, mas seus diversos problemas dificultam o maior crescimen-  
30. to da agricultura brasileira, com a cooperação do setor públi-  
31. co, estes problemas e desafios seriam facilmente resolvidos. Mes-  
32. mo com todos os desafios e problemas encontrados para a produ-  
33. ção brasileira, o agricultor não se enausta a promover o  
34. seu desenvolvimento, e continua firme em sua principal missão:  
35. colocar comida à disposição de toda a população.

36. \_\_\_\_\_  
37. \_\_\_\_\_  
38. \_\_\_\_\_  
39. \_\_\_\_\_  
40. \_\_\_\_\_

## 54- O TRABALHO INIBINDO A COMPETITIVIDADE DO AGRO

*Publicado no Jornal da USP - Universidade de São Paulo em 18/05/2014*

“Minha vida é andar por este país, para ver se um dia descanso feliz”... Inspirado no mestre Luiz Gonzaga, minha vida como cientista, investigador e palestrante faz com que eu possa rodar o Brasil. Normalmente falo uma hora para muita gente, e ouço muita gente por muitas horas, sempre aprendendo, desde Petrolina até Naviraí, de Vacaria até Campo Novo dos Parecis. Este texto é um compartilhamento das discussões, minha leitura dos fatos.

É o trabalho que gera produção, serviços e valores que são usados para promover desenvolvimento econômico, social e ambiental. A propensão ao trabalho e ao empreendedorismo são valores presentes em muitas sociedades que deram certo e que merecem admiração. Cabe a um país criar condições institucionais para estimular este ambiente.

Se nas viagens os empresários reclamavam de protecionismo, de câmbio, de falta de crédito, hoje a questão do trabalho salta e toma boa parte do tempo de troca de ideias, pois estamos perdendo competitividade por problemas de quantidade (oferta) e qualidade (preparo e custo) das pessoas.

Sobre a quantidade, costumo dizer que somos (o Brasil) uma empresa com 200 milhões de sócios. É uma maneira simples para que as pessoas entendam que todos têm responsabilidade sobre o patrimônio do país. Me parece que questões de cidadania, da antiga “educação, moral e cívica” estão lentamente sendo perdidas em nossa sociedade.

Estamos todos vibrando com a ideia do Brasil a pleno emprego, porém, um aspecto não muito comentado é que temos em nossa sociedade 61 milhões de pessoas em idade de trabalho e produção que não trabalham, não estudam, e não estão procurando trabalho, portanto não aparecem na taxa de desemprego. É certo que dentro destes 61 milhões há muitas pessoas no trabalho do lar, no “trabalho de mãe” e em atividades informais, entre outras alocações de tempo. Mas há uma parte grande apta a trabalhar e que não trabalha, não gerando produção e impostos à sociedade.

Faço uma simples analogia com um condomínio. Imaginemos morar num edifício com 200 apartamentos. Pois bem, 61 apartamentos que deveriam e poderiam, não pagam o condomínio e usufruem de toda a infraestrutura existente onerando os demais. Não pagam e não querem pagar.

É preciso ampla investigação nas causas existentes nestas 61 milhões de pessoas, e são distintas, mas está claro que uma parte capaz não está procurando trabalho pois está contemplada em programas assistencialistas que cresceram muito nos últimos 20 anos. Se encontrar trabalho, perde algum tipo das inúmeras bolsas. Duplo prejuízo ao Brasil, pois perde-se um trabalhador e mantém-se o gasto com a bolsa.

Há tempos queria trazer este aprendizado em um texto, mas a motivação final veio de uma entrevista em *Veja* (20/04/14) com George Osborne, Ministro das Finanças da Inglaterra, que assumiu em 2010 tendo que cortar o gasto público, pois herdou de seus antecessores do partido trabalhista um déficit orçamentário de 11% do PIB. Quando perguntado se os cortes de benefícios sociais podem ser bons no longo prazo, disse:

“Eu acredito em um estado de bem-estar social que apoie os necessitados. Ou seja, os deficientes físicos, os idosos e as pessoas que não conseguem encontrar um novo emprego. No Reino Unido, porém, os incentivos sociais se tornaram um equívoco completo. Às vezes, o cidadão ganha mais dinheiro ficando em casa e recebendo seguro-desemprego e outros benefícios do que se decidir trabalhar. Como resultado, o número de famílias de desempregados estava aumentando. A reforma do sistema de bem-estar social é uma parte importante do programa deste governo, e não apenas porque permite economizar dinheiro público, mas porque encoraja as pessoas a procurarem emprego. Trabalhar é a melhor forma de sair da pobreza. Desde que começamos a reformar os programas assistenciais, o número de famílias desempregadas caiu ao menor nível nos últimos vinte anos”.

Abro um parênteses neste texto sobre o trabalho para externar uma opinião de que passamos por uma perda de valores morais e sociais, de ética e de transparência. Parece que as pessoas perderam a vergonha e acham normal viver às custas dos demais. Tenho dito que parte da nossa sociedade parece passar por um processo de “vagabundização”, onde o importante, o correto, o almejado é depender do Estado, da sociedade, seja pendurados desnecessariamente nas inúmeras bolsas, ou nos milhares de cargos da estrutura Federal, Estadual e Municipal do enorme e ineficiente Estado brasileiro.

Me parece que nossa sociedade não se choca mais com o fato, absolutamente anormal, das pessoas saírem de cargos públicos e irem para a cadeia. A vagabundagem, a corrupção e o assalto ao bem público atingiu patamares incríveis e uma aceitação na sociedade, nas organizações estudantis, como nunca tinha visto. O patrimônio do país vem sendo dilapidado, destruído aos nossos olhos, sob uma indignação “homeopática” da sociedade. Nunca imaginei que chegaríamos a este nível de tolerância generalizada.

Finalizando o aspecto da quantidade do trabalho, precisamos resgatar o princípio de Osborne, pois é o trabalho que deve fazer a pessoa sair da pobreza, portanto é necessário que revisemos imediatamente os programas assistencialistas no Brasil, para que ele fique apenas onde é estritamente necessário, visando ofertar mais quantidade de mão de obra. Converter quem tem capacidade, mas está parado, acomodado, em força produtiva para o país.

O segundo aspecto é a qualidade e custo do trabalho. Tenho a grata oportunidade de participar de um projeto de pesquisa da Universidade de Purdue (EUA) onde lecionei em 2013, financiado pela fundação de uma grande fabricante de máquinas, que tem como objetivos levantar lacunas na educação e na formação para o trabalho, aqui mais focado no agrobrazileiro. Em uma semana deste abril, conversamos com quase 100 pessoas em diversas organizações de educação em Ribeirão Preto (SP) e em Luís Eduardo Magalhães (BA). O tema da qualidade no trabalho e sugestões para melhoria na educação será tema de próximo artigo, são muitas as contribuições. Mas adianto, fiquei chocado com o que vi. Nossa educação está muito mal, e isto vai afetar nossa competitividade, o espaço das futuras gerações no Brasil.

Voltando ao tema custo e qualidade do trabalho, são diversos os estudos que mostram que o salário médio em dólar no Brasil mais do que dobrou em 10 anos. Isto é absolutamente louvável e tenho certeza ser um desejo de todos que estão lendo este texto. O problema é que a produtividade do trabalho praticamente não cresceu no período.

Então, empresas que são intensivas em mão de obra e que competem no mercado internacional praticamente tiveram seus custos de trabalho duplicados. Este é um dos fatores pelos quais estamos perdendo investimentos e empresas e, conseqüentemente, postos de trabalho. Precisamos de ações, de adaptar iniciativas que fizeram a produtividade do trabalho crescer em

muitas outras nações, pois ninguém quer a perda de renda do trabalhador, que seria a alternativa para baixar custos.

O país é prejudicado por uma legislação trabalhista antiga, não adaptada para as demandas setoriais e os direitos do trabalhador são elevados e caros para as empresas. É uma legislação que não se reforma. São frequentes os relatos que as decisões do judiciário em casos de litígio tendem a proteger sempre o empregado, mesmo que este esteja errado e é fato que existe uma indústria de indenizações consolidada no país, aumentando nossos custos de produção e prejudicando ao final, o próprio trabalhador.

São muitas as histórias contadas de trabalhadores que, após um período registrados nas empresas, onde passaram pela adaptação, por treinamentos, ou seja, uma série de custos, forçam suas demissões fazendo corpo mole ou até mesmo ações danosas às empresas, para ficarem seis meses sem trabalhar recebendo seguro desemprego e depois se empregarem outra vez. O sistema judiciário não apresenta mecanismos para denunciar este comportamento oportunista frequente. Está havendo muito protecionismo? Como podemos modernizar esta legislação sem deixar de proteger quem realmente necessita? É preciso um diálogo mais intenso entre o judiciário, a economia e a administração.

Lendo processos e textos na mídia e ouvindo sobre decisões na área trabalhista, em alguns momentos chego a pensar que hoje no Brasil, o empreendedor, o empresário que produz e que criou o emprego, é um cara do mal. Um “maldito”. Parece que o empresário é o inimigo do país na visão de alguns integrantes do judiciário e da mídia. É preciso rever isto, pois se o ambiente de produção se torna hostil a quem quer produzir, o que é uma total inversão de valores, empreendedores perdem o estímulo. Recebo e-mails de ex-alunos querendo ir embora, empreender fora daqui, quase que jogando a toalha. Até quando aceitaremos isto, perder nossos talentos?

Um país deve ter o culto ao sucesso, e não ao fracasso. Muitas vezes vejo que o sucesso no Brasil não deva ser admirado, e sim detestado. É o sucesso, e não o fracasso que puxa um país. E o sucesso é composto de inspiração sim, mas muito mais de transpiração, de trabalho.

Termino esta reflexão com mais um trecho de Luiz Gonzaga, para elevar nosso espírito... “Mas doutô, uma esmola a um homem qui é são, ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão”. Nos últimos anos vi o fator trabalho

passar de ponto de vantagem competitiva do nosso país para desvantagem competitiva. O Brasil é um país caro para se produzir e difícil de se investir. Mão de obra (e educação) é o problema mais sério nosso, e o de mais difícil solução. É preciso coragem para resolver isto, mas vejo poucas ações neste sentido. Aliás, tenho visto um grande retrocesso.

## 55- O MINISTRO DA FAZENDA NÃO COMPREENDE O SETOR SUCROENERGÉTICO

*Publicado no Portal Notícias Agrícolas em 24/04/2014*

Desperto para uma quinta-feira cheia de atividades, como quase todos os brasileiros da produção que lerão este texto. Tomo o café assistindo notícias da TV, que pela manhã concentram o show de horrores de ônibus queimados, caixas estourados, tiros dados e acertados, invasões, corruptos indicados e outros brindes. Simultaneamente leio os jornais, começando pelo esporte, depois cultura, economia e termino na política, onde volta o show de horrores. Recorto algo para processar melhor e refletir, normalmente opiniões. Ainda gosto da leitura no papel.

Mas hoje travei na página B10 do Estadão, na matéria “Governo descarta aumentar 2,5% de etanol na gasolina”. Esta medida foi defendida na Carta de Campo Grande, com políticas públicas e privadas ao setor. Bem planejada, só traria benefícios econômicos, ambientais e sociais à sociedade, seja à Petrobras, à balança comercial, emissões de carbono, geração de empregos e à cadeia produtiva. Especialistas de universidades declararam não acreditar que carros antigos sofram com esta pequena adição.

Destacada na matéria, a frase do Ministro da Fazenda: *“Sempre é possível aumentar, mas neste momento não estamos cogitando. Hoje a mistura é de 25% e nós agora estamos num período em que o etanol aumenta sua produção. Estamos começando a safra e vai reduzir o preço do etanol e também dos combustíveis”*.

Primeiro, um pouco de humor... não é o etanol que aumenta a sua produção. Etanol não decide. Lembrei daquela frase clássica das mocinhas de Congonhas: *“a aeronave que fará o voo estimou seu pouso”... ou “devido ao pouso tardio da aeronave, seu voo está atrasado”*... Aeronave e etanol ganharam capacidade de decisão!

O Ministro talvez não perceba o dano feito à Petrobras com esta política populista de preços de combustíveis e ao país na energia elétrica. Se muitos que entendem dizem que os combustíveis e a energia precisam subir, como ele diz que devem cair? Se cair o preço do etanol hidratado, este produto volta a dar prejuízo aos industriais e produtores, como nos últimos anos, e com isto endivida e sucateia mais ainda o setor.

Não se investe, tem menos açúcar, etanol e eletricidade, prejudica a balança comercial, abastecimento, inflação, aumenta a poluição, enfim... O Ministro também não viu que a seca deve quebrar parte da produção de cana, complicando o quadro.

Dane-se o setor de cana e o Brasil como potência bioenergética. O importante é cumprir a meta de inflação, às custas do produtor de cana, do industrial de cana e dos acionistas da Petrobras para não prejudicar a eleição. 2015... dane-se.

Aí vem a Presidente da Petrobras, na sabatina, dizer que faltam investimentos no setor de cana, que este é o problema, e que o preço da gasolina está adequado. O Ministro quer que os preços do etanol caiam e voltem a dar prejuízo, e a Presidente da Petrobras diz que faltam investimentos na cana... Difícil entender a “graça” do raciocínio deste pessoal.

Mais saudável é não ver notícias pela manhã. Ai nosso dia rende mais e entramos no mundo encantado da gestão atual, onde tudo está lindo, tudo dá lucro, tudo dá certo, e onde os sonhos se tornam realidade. Mundo que só existe na cabeça deles, da imensa parte do Brasil bolsista que não lê, e em Orlando.

## 56- UMA GRAVE AMEAÇA ÀS CADEIAS PRODUTIVAS INTEGRADAS DO AGRONEGÓCIO

*Publicado em diversos sites em 23/05/2014*

Escrevo esta análise motivado pela matéria do Valor Econômico de 22/02/14, com o título “Cruzada do MPT contra a terceirização já altera relações na citricultura”. Chamo a atenção do leitor, do empresário da agricultura brasileira, do Governo e da imprensa para o grave assunto tratado nesta matéria, tema de duas análises anteriores. Para o leitor que não conheceu este problema ainda, basicamente o MPT (Ministério Público do Trabalho) e o Poder Judiciário determinaram que a indústria de suco de laranja apenas processe frutas que tenham sido plantadas e colhidas por elas e em outra decisão relativamente semelhante afetou o setor de cana, intervindo na maior empresa que atua no Brasil.

Se esta intervenção do judiciário já preocupava muito, a matéria do Valor trouxe uma preocupação adicional, advinda do fato dos jornalistas que cobrem o agronegócio brasileiro, e ressaltam cada vez mais preparados e técnicos, estarem, neste caso e em outros correlatos, usando o termo terceirização de maneira unilateral, como se observa no título da matéria do Valor e com isto, quase que referendando uma visão do judiciário que se mostra equivocada quando analisada sob a ótica administrativa (empresarial) e econômica.

Explico a seguir que o caso da citricultura não é de terceirização, portanto o título da matéria tem problemas. É importante termos uma visão clara de três conceitos centrais, antes de voltarmos a analisar o problema nas cadeias do agronegócio.

O primeiro conceito central refere-se ao fato de apesar do mundo econômico contemporâneo cada vez mais se organizar na forma de cadeias produtivas integradas, inclusive transnacionais, com verdadeiros conjuntos ou nexos de contratos orientados e dirigidos pela demanda visando competitividade, os setores da economia ainda são divididos em primário, que corresponde à agricultura (produção através da exploração de recursos da natureza), o secundário, que é composto pela indústria (setor transformador de matérias primas produzidas pelo setor primário), e o terciário, que é o setor de serviços. Isto é fato consagrado e aceito mundialmente.

O segundo conceito central é o de atividade-fim. Esta é a finalidade principal do negócio, o objetivo social e de existência de determinada empresa ou organização privada/pública. Identifica a atuação central de uma organização, onde se desenvolvem os processos de trabalho para executar a função, o objetivo para o qual uma organização privada ou pública foi criada. É de se esperar que o contrato social defina muito bem a atividade-fim da empresa. A atividade-fim de um abatedouro de animais, seja bois, frango, suínos, ovinos ou outros é o abate e a comercialização de carnes. A atividade-fim de uma torrefação de café é a de adquirir os grãos de café, torrá-los e comercializar o café, e assim sucessivamente nas outras cadeias produtivas.

O terceiro conceito ou entendimento importante é sobre terceirização (em inglês usa-se “outsourcing”). Aqui vale uma explicação um pouco mais densa, pois da forma como o conceito vem sendo usado por partes do Judiciário e da imprensa, corremos o risco também de demonizar uma das práticas mais interessantes em administração de empresas, que é a terceirização.

Existem diversas definições, mas na essência, trata-se de uma prática empresarial que visa competitividade (ganhos de eficiência pela redução de custos ou melhorias de qualidade) substituindo uma atividade antes feita internamente pela empresa por uma nova configuração, via contratação de força externa de trabalho, de agentes especializados, externos à empresa, em contratos que podem ser de curto, médio e longo prazos.

Parte-se do princípio, correto, de que agentes especializados conseguem reduzir capacidades ociosas, ter escala, foco, capacidade de inovação e principalmente, ter os benefícios da especialização, transferindo parte destes benefícios às empresas contratantes, gerando eficiência no sistema. Ou seja, a terceirização é uma atividade que cria, captura e compartilha valor quando bem executada.

A literatura de administração diz que podem ser terceirizadas atividades-meio ou até mesmo atividades-fim de uma empresa. “Outsourcing” é um conceito moderno na economia, nas cadeias produtivas integradas, sendo que hoje existem casos mundiais de sucesso de empresas que contratam até a atividade-fim, a elaboração de seu principal produto, para empresas especializadas, como por exemplo uma das marcas mais famosas de tênis e roupas esportivas. O whisky mais conhecido dos brasileiros é produzido por diversas destilarias terceirizadas sob encomenda e grande controle feito pela destilaria principal.

O “outsourcing” ou terceirização também possibilita inclusão social e acesso a mercados. Entre muitos casos, cito um que conheci na região de Mendoza (Argentina) onde existem engarrafadoras autônomas (móveis) de vinhos, ou seja, uma pequena vinícola não necessita ter a atividade de envase, que é cara e ficaria ociosa boa parte do tempo. Quando sua produção de uvas e vinho a granel está pronta, ela contrata a o engarrafamento feito por terceiros, que visitam sua propriedade em caminhões específicos, executam o serviço e deixam os produtos finais (vinhos engarrafados) encaixotados, permitindo com isto a inclusão de pequenas empresas no sistema econômico. Demonizar a terceirização significa matar o empreendedorismo e diminuir possibilidades de ascensão social também.

Para o leitor que deseja mais embasamento, o estabelecimento das fronteiras de uma empresa, parcerias e verticalização de atividades no sistema econômico são explicados desde o seminal artigo do inglês Ronald Coase, em 1937 (*The Nature of the Firm*) e posteriormente nos influenciadores estudos do prêmio Nobel em economia (2009) Oliver Williamson. Leitura densa, porém agradável e de grande aplicabilidade em estratégia empresarial.

Vistos os conceitos de setores primário, secundário e terciário da economia, de atividade-fim e de terceirização, voltamos ao agronegócio.

Há uma confusão que precisa ser debelada. Por definição, não é atividade-fim de uma indústria de suco de laranja, de maçã, pêsego, manga, uva, goiaba, entre outras frutas, plantar, produzir e colher as frutas que usa em sua fábrica, da mesma forma que não é atividade-fim de um frigorífico de animais ter confinamento ou granja, de uma torrefadora de café plantar e colher café, de uma usina de cana plantar e colher canaviais, de uma empresa de tabaco plantar e colher fumo, de uma fiação plantar e colher algodão, de uma feccularia plantar e colher mandioca, de uma produtora de óleos plantar e colher soja. Sua atividade-fim é clara, trata-se do processamento industrial, setor secundário da economia, que é distinto do setor primário, o agrícola.

Mas o leitor aqui pode ficar em dúvida pois vê estas empresas as vezes executarem estas atividades tecnologicamente distintas, ou seja, frigoríficos também têm fazendas, abatedouros têm granjas, usinas têm cana própria, fábricas de suco têm frutas próprias e temos também os casos de cooperativas de produtores rurais que montam fábricas de processamento de grãos, frutas e abatedouro de animais.

Se existe integração vertical para trás, ou seja, se parte destas indústrias executa parte destas atividades do setor primário da economia, ou é responsável por parte do seu suprimento, ou se produtores rurais, principalmente via cooperativas constroem fábricas, o que é uma integração vertical para frente, o fazem no sentido de redução de custos de transação, redução de incerteza e até ganhos de eficiência e de agregação de valor. Mas estas decisões são feitas por finalidade de estratégia de negócios, por opção estratégica, e não por serem atividade-fim, pois não são. A leitura das obras de Oliver Williamson nos ajuda a entender bem a racionalidade (ou as vezes irracionalidade!) destes movimentos empresariais de verticalização para frente ou para trás em uma cadeia produtiva integrada.

Como já explorei em dois outros textos sobre este tema, declaro aqui não ter a mínima dúvida da boa intenção do Poder Judiciário, mas esta interferência no funcionamento da cadeia produtiva, refletida na decisão de que as indústrias de suco de laranja plantem e colham toda a fruta necessária para seu processamento, é errônea, apresenta uma visão parcial dos setores da economia e do conceito de atividade-fim.

É também um retrocesso econômico e social, como vem sendo atestado pelos sindicatos de produtores rurais, comprovado na matéria do Valor. Se existe precarização das condições de trabalho, o que deve ser combatido é justamente a precarização das condições e não alterar o modelo econômico de sucesso. Trata-se da aplicação de um medicamento forte e equivocado para curar um problema. É aquela velha história, resolve-se o problema matando o paciente. Ou... tira-se a verruga do dedo pela amputação do braço.

Neste caso da laranja não vai matar o paciente, mas é uma medida que tira eficiência, competitividade e capacidade exportadora deste setor e que pode ser altamente concentradora, condenando-o a ter menos de uma centena de empresários rurais no médio prazo, além de arriscar pequenos produtores a perderem todas as suas frutas e o seu patrimônio agora, como alertado pelo Sindicato.

Esta decisão do Judiciário deveria preocupar e muito as outras cadeias produtivas integradas do agronegócio e ao Governo, pelo saldo na balança comercial trazido por este setor, além do desenvolvimento e geração de empregos. Não há impedimento ou razões distintas para que esta decisão tomada no setor de laranja e que já está acontecendo parcialmente na cana, venha como um dominó pegando também o café, as carnes, o fumo, grãos,

outras frutas e outros produtos, comprometendo a eficiência e competitividade do agronegócio.

Também aos jornalistas fica a minha recomendação que percebam a importância deste assunto e tratem o tema não somente sob a ótica jurídica, mas sob a ótica econômica e de eficiência empresarial.

A colheita das frutas, do café, da cana, do fumo, da soja, do milho é uma função do produtor rural, pois trata-se da sua produção, da sua atividade-fim. Se a indústria processadora desejar colher por questão de escala e eficiência, é uma decisão a ser tomada em conjunto com o produtor, e representa sim uma terceirização, mas do produtor rural. É preciso ficar bem claro: é o produtor rural quem terceiriza a colheita dos seus produtos para a indústria. Aceitar que a colheita de produtos agrícolas é uma terceirização da indústria é equivocado.

# 57- A DIMENSÃO DO SETOR SUCROENERGÉTICO: MAPEAMENTO E QUANTIFICAÇÃO DA SAFRA 2013/14

*Marcos Fava Neves | Vinícius Gustavo Trombin (Coordenadores)  
Rafael Bordonal Kalaki | Tássia Gerbasi | Jonny Mateus Rodrigues |  
Fernanda Canto | Eduardo Sandrini Simprini | Patricia Rovanhof |  
Marcelo Henrique Consoli*

Com o intuito de destrinchar a cadeia da cana de açúcar antes da fazenda, dentro da fazenda e depois da fazenda, foi realizado o mapeamento e a quantificação do Sistema Agroindustrial (SAG) do Setor Sucroenergético na safra 2013/14 (Abril/2013 a Março/2014). Para cada um dos elos que compõem tal sistema, foram estimados os faturamentos das vendas de bens e serviços, realizadas no âmbito da safra 2013/2014, conforme apresenta a Figura 1, no final do capítulo. O estudo foi elaborado a partir da aplicação do método de Planejamento e Gestão Estratégica de Sistemas Agroindustriais (GESis), desenvolvido pelo professor Marcos Fava Neves em 2004. Todos os valores em reais foram transformados para dólar comercial americano utilizando a cotação média de venda na Safra 2013/14, equivalente a 1 US\$ = R\$ 2,25.

Aferiu-se que o Produto Interno Bruto (PIB) do setor sucroenergético para a safra 2013/14 é estimado em US\$ 43,36, o que equivale a quase 2% do PIB nacional de 2013. O PIB setorial foi calculado por meio da soma das vendas dos produtos finais da cadeia produtiva da cana-de-açúcar. Quando se considera a movimentação financeira do setor sucroenergético, ou seja, a somatória de todas as vendas dos diversos elos da cadeia e dos serviços prestados pelos agentes facilitadores, o valor alcança US\$ 107,72 bilhões.

## Até as Fazendas

Composto pelo conjunto de fornecedores de insumos para a produção agrícola, o elo “antes das fazendas” somou um faturamento estimado de US\$ 9,29 bilhões. Só em relação aos fertilizantes, a cultura da cana realizou gastos de US\$ 2,44 bilhões, o que é equivalente a 14% das vendas de fertilizantes no Brasil. Quanto aos defensivos agrícolas, o setor movimentou US\$ 1,24 bilhão. Também foram compradas 974 colhedoras. No “elo nas fazendas”, o faturamento estimado gerado a partir da comercialização de cana

de açúcar às usinas foi de US\$ 17,99 bilhões, com uma produção de 658,8 milhões de toneladas, em uma área colhida de 8,8 milhões de hectares. Esses são alguns dos faturamentos do elo, conforme mostra a Figura 1.

### Depois das fazendas

O segmento posterior às fazendas agrega a indústria de insumos industriais, as unidades que fabricam produtos derivados da cana de açúcar e os canais de distribuição. Juntos esses elos obtiveram um faturamento estimado de US\$ 69,90 bilhões na safra 2013/14. Apenas o etanol gerou para as usinas uma movimentação de US\$ 20,84 bilhões, já o açúcar o montante de US\$ 16,65 bilhões e a bioeletricidade, US\$ 894 milhões. Esses são apenas alguns dos faturamentos que ocorrem depois das fazendas.

### Agentes Facilitadores, Emprego, Massa Salarial e Impostos

A movimentação financeira no segmento “Agentes Facilitadores” foi estimada em cerca de US\$ 10,54 bilhões na safra 2013/14, incluindo pedágio, frete e outros. No cultivo da cana de açúcar e na produção de açúcar e etanol, estima-se que a cadeia empregue diretamente cerca de 613 mil pessoas, podendo chegar a 988 mil, se considerados os empregos sazonais gerados no pico da colheita. Se forem considerados ainda os empregos informais, diretos e indiretos, chega-se à marca de 3,56 milhões de trabalhadores. A massa salarial na safra 2013/14 chegou a US\$ 4,13 bilhões. Estima-se que a arrecadação de impostos tenha sido de US\$ 8,52 bilhões.

### Análise Comparativa do Mapeamento e Quantificação do Setor Sucroenergético das safras 2008/09 e 2013/14

Ao analisar o resultado encontrado na safra 2008/09 e compará-lo com a de 2013/14, conclui-se que o PIB do setor sucroenergético aumentou 44%, já corrigido a inflação a partir do IGP-DI. Apesar do PIB ter aumentado não se pode afirmar que o setor como um todo tenha apresentado um melhor desempenho. Nesse estudo, o PIB foi calculado a partir da soma das vendas finais da cadeia produtiva, ou seja, do faturamento total gerado pelas exportações e vendas de produtos finais no mercado interno, dessa forma, o mesmo é diretamente influenciado pelos preços e pela quantidade vendida dos produtos finais. Ao realizar uma análise comparativa dos preços entre a safra 2008/09 e a safra 2013/14, notou-se que, no caso do açúcar, o aumento real foi de 36%; no etanol, o incremento foi de 37% e na bioeletricidade houve queda de 32%. No que tange a quantidade vendida,

o açúcar teve aumento de 22%, o etanol, 49% e, a bioeletricidade, 242%. Portanto, a análise das vendas dos principais produtos do setor mostra nitidamente os motivos que desencadearam o aumento do PIB. No entanto, para se ter um melhor entendimento do desempenho comparativo é preciso avaliar outras variáveis, além do PIB.

Nesta análise comparativa, o custo de produção operacional da indústria aumentou 28%, sendo que os seus dois principais componentes – matéria prima e mão de obra – tiveram aumentos expressivos de 18% e 25%, respectivamente. Outro fator que impactou negativamente foi a piora no rendimento da matéria prima, que apresentou uma queda de 6%. Esses fatores ocasionaram queda de 62% na rentabilidade da agroindústria por tonelada de cana processada. O cálculo da rentabilidade considerou o custo operacional de produção industrial elaborado pela Sucrotec e o faturamento da indústria divulgado pela UNICA.

O aumento dos custos de produção e a diminuição da rentabilidade levaram a um endividamento crescente do setor nos últimos anos. Tem-se hoje um endividamento que supera o faturamento anual e ainda, 20% desse faturamento está comprometido com o pagamento de juros. Esse endividamento deve-se, sobretudo, aos altos investimentos realizados nas safras anteriores à crise financeira internacional de 2008, motivados pelos cenários favoráveis ao etanol e ao açúcar. O principal motivador, no caso do etanol, se dava pelo aumento da frota de carros flex, e no caso do açúcar, o crescimento do consumo nos países emergentes. Nos anos que se sucederam, contudo, o etanol se tornou menos competitivo frente a gasolina em decorrência da política nacional. No caso do açúcar, houve consecutivos excedentes de produção, elevando os estoques globais e resultando em níveis de estoque/consumo próximos a 41%, o que pressionou o preço da commodity para baixo no mercado internacional a partir de 2011. Essa conjuntura resultou em uma retração dos investimentos para construção de novas unidades industriais e para manutenção das que estão em funcionamento. Na safra 2008/09, entraram em operação 29 unidades, contra apenas 2 na atual safra. Em decorrência dessa situação, o faturamento das empresas de insumos industriais foi reduzido em 75%.

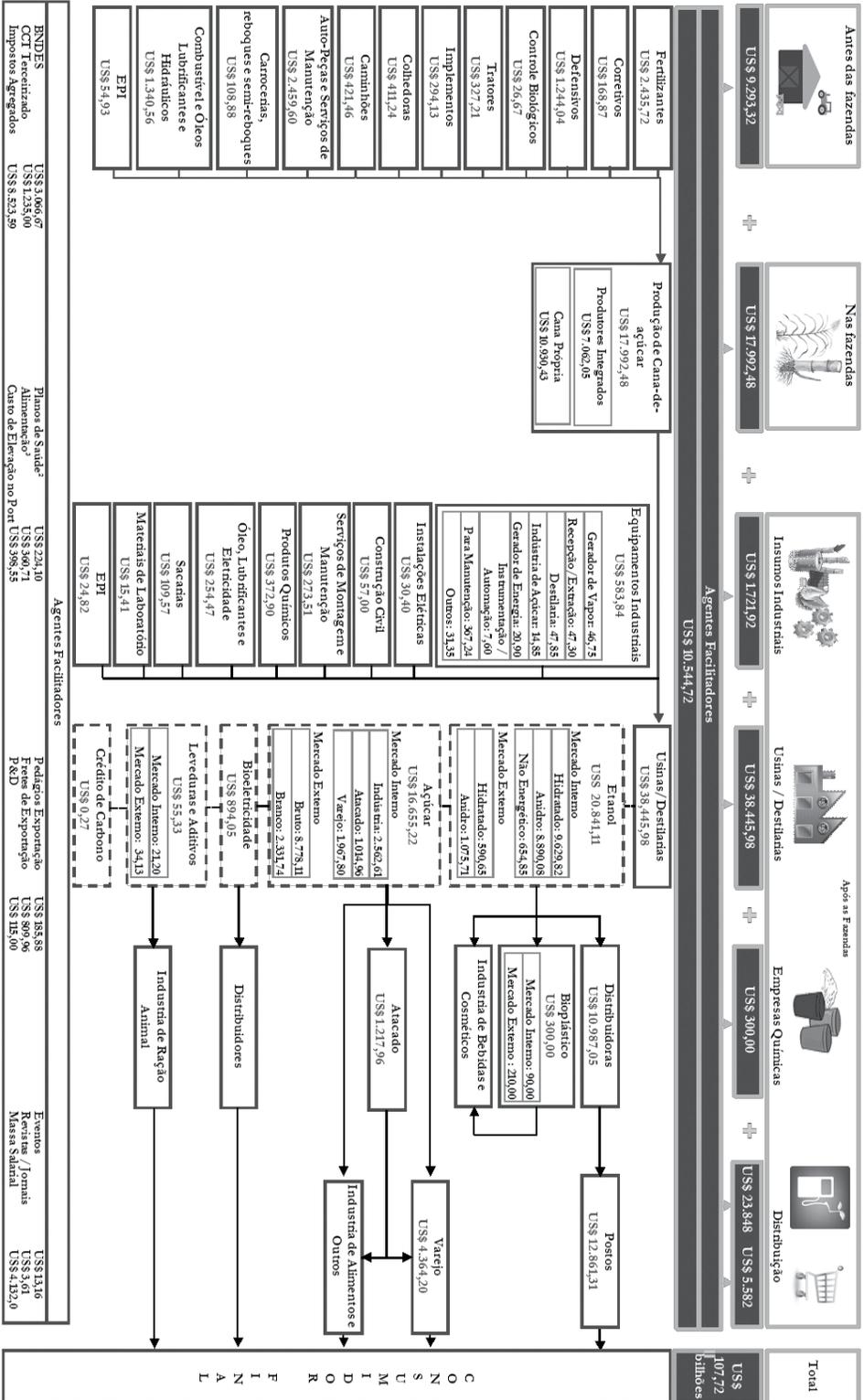
Em relação aos investimentos em manutenção, estima-se que foram feitos apenas metade do que é recomendada. Por isso, a indústria de base (metal-mecânica) vem sentindo diretamente os efeitos da crise. Normalmente,

durante o período de entressafra, as usinas realizam a revisão e manutenção de seus equipamentos industriais, além de fazerem novas aquisições para substituição de equipamentos depreciados. Com a crise do setor instalada há pelo menos quatro anos, sem previsão de recuperação, o alto endividamento e a insegurança por parte dos empresários têm inibido investimentos, prejudicando as empresas de equipamentos industriais e prestadores de serviços de manutenção.

No campo, essa realidade não foi diferente. Os insumos agrícolas destinados à produção de cana tiveram queda nas vendas de 6%, embora tenha ocorrido expansão da área plantada, o que seria natural esperar um aumento da demanda de insumos agrícolas. Na safra 2008/09, foram investidos cerca de US\$ 1.400 em insumos por hectares de cana colhida, já na safra 2013/14, esse investimento foi de US\$ 1.050, ou seja, uma redução de 25%. Em relação ao aumento de produção de cana, percebe-se que o volume de produção de cana própria cresceu 27%, enquanto a cana de produtores integrados reduziu em 2%. Este fato reflete a forte dependência da produção própria nas áreas de expansão.

Houve também redução no número de trabalhadores formais. Nas usinas de açúcar foram mais de 64 mil postos de trabalho perdidos, nas destilarias de etanol foram mais de 20 mil postos de trabalho. A massa salarial gerada em 2008 foi de cerca de US\$ 9,5 bilhões, trazidos a valores presentes e, embora tenha havido melhora no rendimento médio do trabalhador nos últimos quatro anos, apurou-se uma diminuição da massa salarial na última safra, devido à redução dos postos de trabalho. No ano de 2013 a massa salarial do setor foi de US\$ 4,13 bilhões, uma redução de 57%.

Conclui-se, assim, que apesar do PIB setorial apurado na safra 2013/14 ser maior do que o da safra 2008/09, o setor enfrenta uma crise sem precedentes. Desde 2009, tal como apontado anteriormente, aproximadamente 50 unidades na região centro-sul encerraram suas operações nas últimas sete safras, e na safra 2014/15, 10 unidades poderão suspender suas atividades .



## 58- CONSTRUINDO CASAS POPULARES

É no antigo quarto de um dos filhos que Ivani Fava Neves comanda a Associação Pró-Mutirão da Casa Popular de Piracicaba - MUCAPP ([mucapp.org](http://mucapp.org)), fundada há quase 21 anos, que já ajudou mais de 400 famílias de baixa renda a substituir seus barracos por casas de alvenaria, fornecendo material de construção e supervisão técnica.

A MUCAPP conta com a ajuda de cerca de 40 voluntários para manter a ONG funcionando. As tarefas de cuidar da contabilidade, fiscalizar as obras, organizar os contratos e administrar os gastos são divididas entre os membros, e cada um assume os custos das atividades que desenvolve.

Com as doações de cerca de 400 associados contribuintes, festas beneficentes, doações esporádicas de empresas, a MUCAPP consegue construir quase duas casas por mês, a um custo médio de R\$ 30 mil cada uma. As famílias que serão beneficiadas e as que já conquistaram o sonho da casa própria através da associação também ajudam a engrossar a renda mensal.

“Cada um contribui com o que é possível, mesmo que seja um valor simbólico, pois isso cria neles uma responsabilidade social, faz com que também ajudem outras famílias”, afirma Ivani Fava Neves.

Todos os meses é enviado aos associados um relatório com dados sobre os imóveis em andamento (atualmente, são 23) e as casas entregues naquele período.

A ONG já recebeu vários prêmios (ONU, CDHU, Câmara dos Vereadores de Piracicaba) e, em Maio, estará concorrendo ao Prêmio Generosidade da Editora Globo.

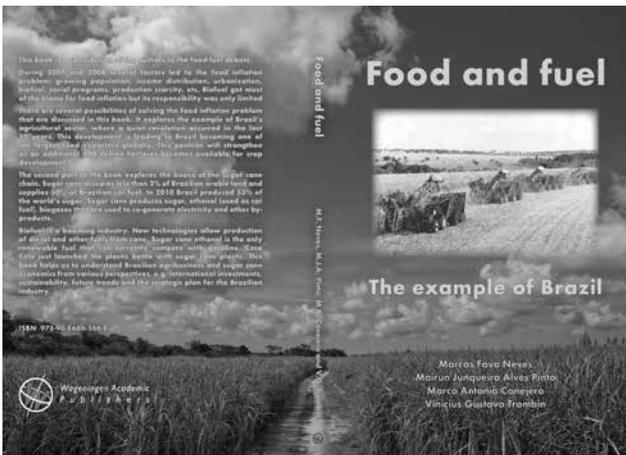
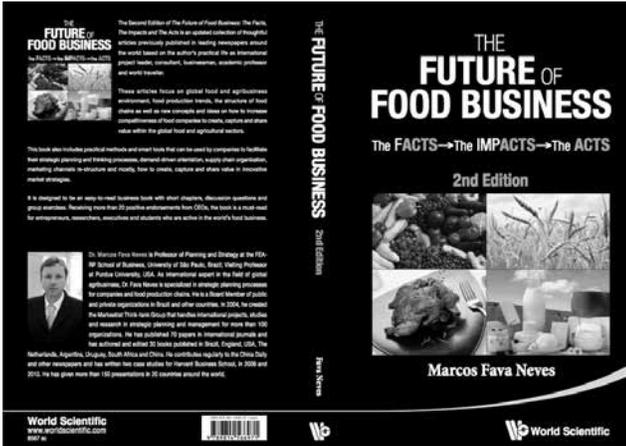
Este livro é gratuito. Se você gostou do livro e o mesmo foi útil a você, peça que faça uma doação ao MUCAPP, na conta corrente do Santander Banco: 033, Agência: 0041, conta 13-003175-1. Nos ajude a construir mais casas para mais famílias. E me mande um e-mail contando, compartilharei com a Ivani a notícia de sua doação.



*O barraco de Julia Maria da Silva Neta antes e depois das ações da MUCAPP*

**Este livro é gratuito. Se gostou do livro e o mesmo foi útil a você, peço que faça uma doação ao MUCAPP, na conta corrente do Santander Banco: 033, Agência: 0041, conta 13-003175-1. Nos ajude a construir mais casas para mais famílias. E me mande um e-mail contando, compartilharei com a Ivani a notícia de sua doação.**

# OUTROS LIVROS DO AUTOR



Caminhos da Cana é uma linha do tempo com artigos opinativos publicados em jornais do Brasil e do exterior sobre o setor sucroenergético.

Os artigos propõem uma agenda estratégica visando o desenvolvimento econômico, social e ambiental do Brasil impulsionado pela cana e anteciparam problemas que aconteceram no setor nos últimos 15 anos.



Natural de Lins (SP) em 28/10/68, é Professor Titular da FEA/USP em Ribeirão Preto. Engenheiro Agrônomo pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP) em 1991, Mestre em Administração (Estratégias de Arrendamento, FEA/USP, 1995) e Doutor em Administração (Planejamento de Canais de Distribuição, FEA/USP, 1999). Pós-Graduado em Agribusiness na França (1995) e em Canais de Distribuição de Alimentos na Holanda (1998/1999). Foi Coordenador do PENSA/USP de 2005 a 2007) e criador do Markestrat (Centro de Pesquisas e Projetos em Marketing e Estratégia, em 2004).

É especializado em planejamento e gestão estratégica, tendo participado de diversos conselhos de empresas e realizado 85 projetos públicos e privados em 6 países. Sua obra caracteriza-se pelo planejamento do agronegócio e pela proposta de métodos para solução de problemas empresariais, sendo autor e organizador de 43 livros publicados no Brasil, Argentina, Estados Unidos, África do Sul, Uruguai, Inglaterra, Cingapura, Holanda e China. Esteve em mais de 70 Congressos no exterior e realizou mais de 650 palestras em 22 países.

É articulista de jornais e revistas, entre eles o China Daily, de Pequim. Escreveu dois casos para a Universidade de Harvard em 2009 e 2010. É professor visitante da Universidade de Buenos Aires desde 2006 e da Purdue University (EUA) desde 2013. Um dos principais estudiosos da cadeia de produção sucroenergética no Brasil.

